



PSIU

EDITORIAL

MAIS UNS

Este terceiro número de PSIU sai agora com um atraso que nem é possível calcular. Bateu o recorde de demora do número dois. E a intenção era que saísse em fevereiro de 86. Há diversos motivos para esse atraso; um deles é que nesse período me dediquei a outras edições, como o PSIU ESPECIAL de Quadrinhos Mudos e o almanaque DEUS. Mas o principal responsável por esses atrasos é que, ao pretender fazer uma revista com uma certa coerência ou uma certa uniformidade, eu me sobrecarrego de atividades na montagem do original. É a capa, é a sequência dos três logotipos nas três primeiras páginas, são os diversos textos sobre quadrinhos, a HQ em tiras no alto das páginas, as infundáveis vinhetas espalhadas pela revista, além das HQs propriamente ditas. Tudo isso me toma um tempo que, somado às minhas atividades profissionais, faz PSIU se arrastar pelos anos.

Com este nº 3 estou encerrando PSIU com as características que ele teve até agora. Daqui para frente, me dedicarei somente a edições especiais. O objetivo continua sendo publicar Histórias-em-Quadrinhos feitas por artistas brasileiros, e também textos sobre HQs, mas agora sairão em edições avulsas, sem numeração, com tema fixo - como em DEUS - ou não.

Esta edição traz trabalhos de outros artistas, alguns voluntários, outros nem tanto. Entre os amigos que voluntariamente se propuseram a colaborar com PSIU aparecem o Félix com o HQ 'Revolta' (uma sensível evolução de texto e desenho em relação ao seu trabalho publicado em PSIU 2); o Juvêncio Veloso com algumas estórias curtas de seu personagem 'Canjica' e uma HQ num estilo não caricatural; e o Andrade com uma série de cartuns.

Há também alguns colaboradores involuntários. É o caso de Málus, de quem republico uma HQ de 1972, com os personagens 'Jabaculê e Patatá'; e dos vencedores do concurso de tiras da Folha de S. Paulo (1985) de quem republico as nove primeiras tiras.

Completa a edição diversos trabalhos meus, novos e antigos, a seção de cartas e um texto crítico do leitor Juliano Ventura Veado. Não faltam também os 'Fala, Quadrinhos'.

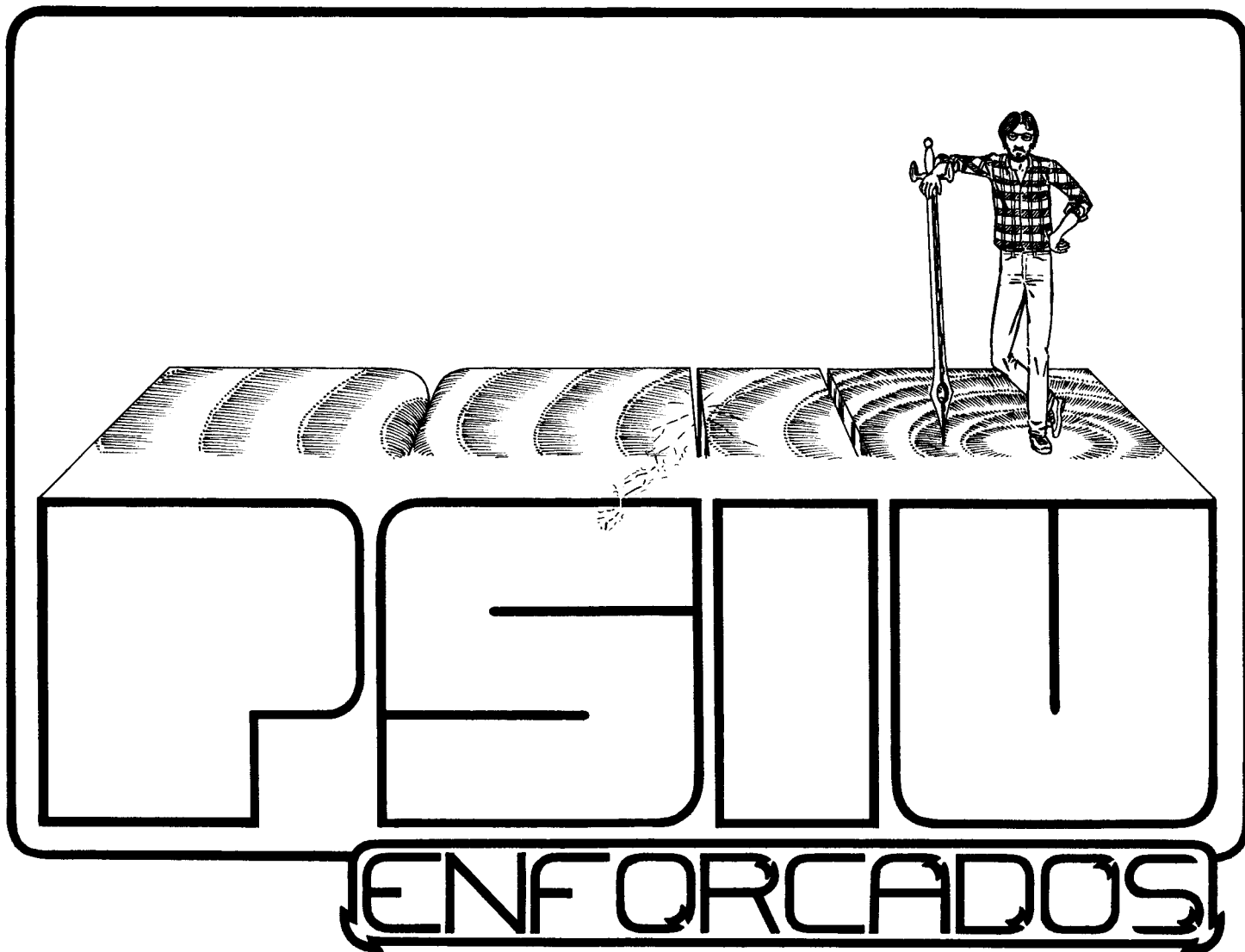
Devido ao atraso da edição, há alguns dados, principalmente na seção de cartas, que estão desatualizados e eu optei por deixá-los assim, já que não é nada mais sério, que prejudique a leitura.

Para encerrar, gostaria de agradecer a todos que têm me prestigiado, com colaborações, incentivando ou comprando a revista, e prometer continuar, na medida do possível, editando revistas de quadrinhos.

EDGARD COUTINHO

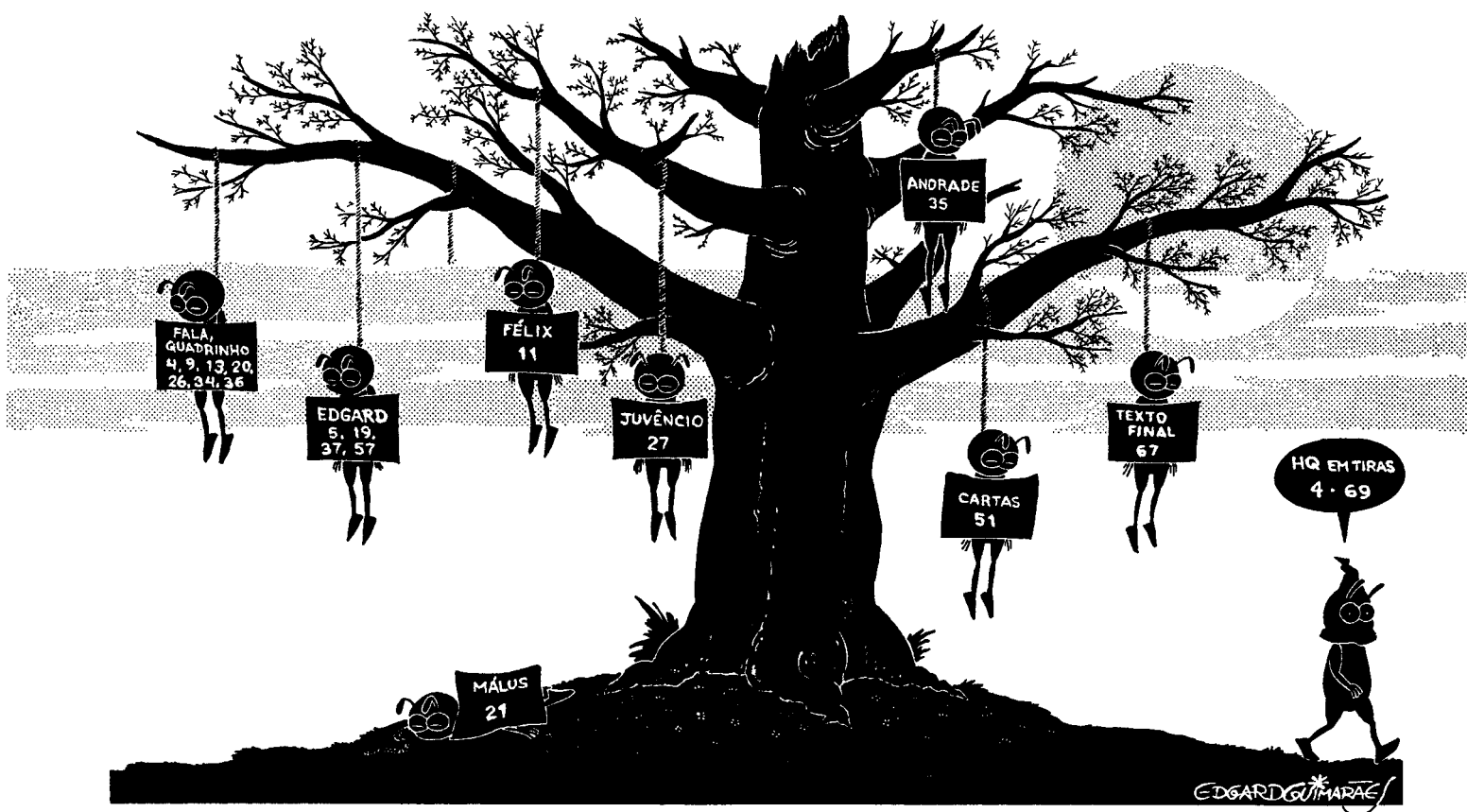
Esta história está contada ao pé das páginas 03,04, 10, 20, 26, 34, 36 e 56.





PSIU

ENFORCADOS



EXPEDIENTE

PSIU Nº 3

MARÇO DE 1990

Responsável pela revista: Edgard José de Faria Guimarães
Endereço: Praça Monsenhor Noronha, 21 . Brasópolis . MG . 37530
Fone: (035) 641-1031
Impresso em off-set com tiragem provável de 100 exemplares
Publicação não-periódica

Colaboraram nessa edição: os enforcados

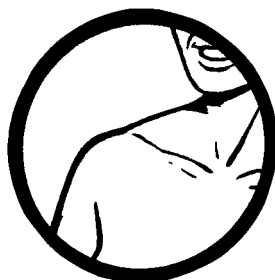
fala, quadrinho



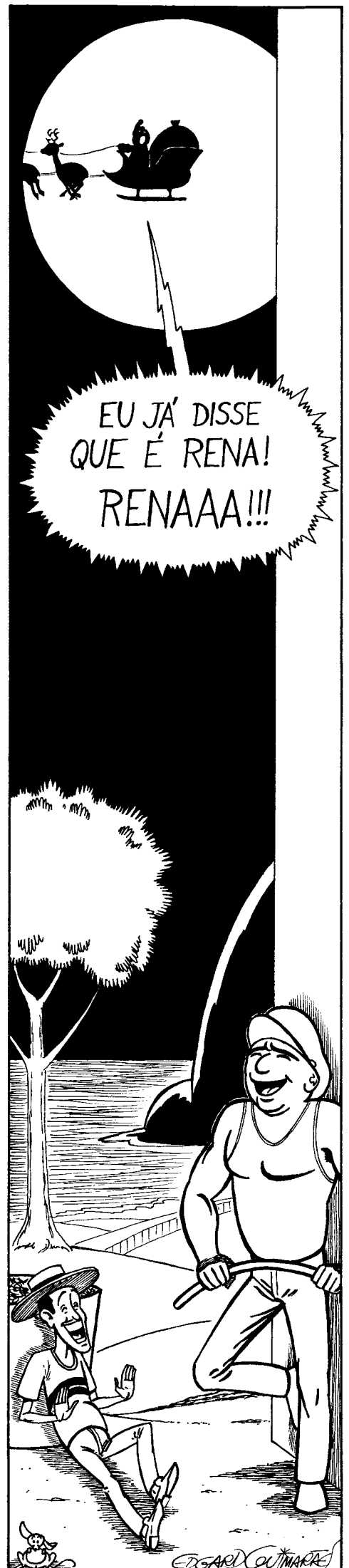
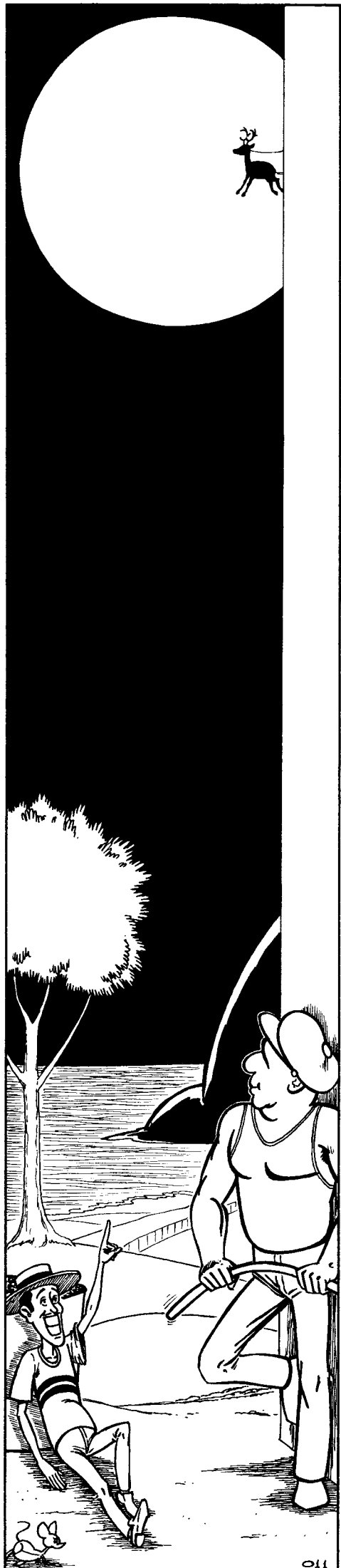
Reparando em diversas HQs, observa-se a semelhança entre as diversas personagens femininas. Tem-se a impressão de que o desenhista, após descobrir um modo de fazer o rosto feminino, se acomoda e desiste de pesquisar outras formas de beleza. Limita-se simplesmente a mudar, de um personagem para outro, a cor do cabelo e o penteado. Confirmam o que digo na série de quadrinhos mostrada abaixo, retirados de HQs famosas.



Nesta questão da semelhança, parece que até o pessoal da EBAL caiu. Na capa do vol.5 da coleção Flash Gordon, mostrada ao lado, a lógica seria Dale ao lado de Flash e Zarkov, no entanto, o rosto que aparece é o de Sonja.

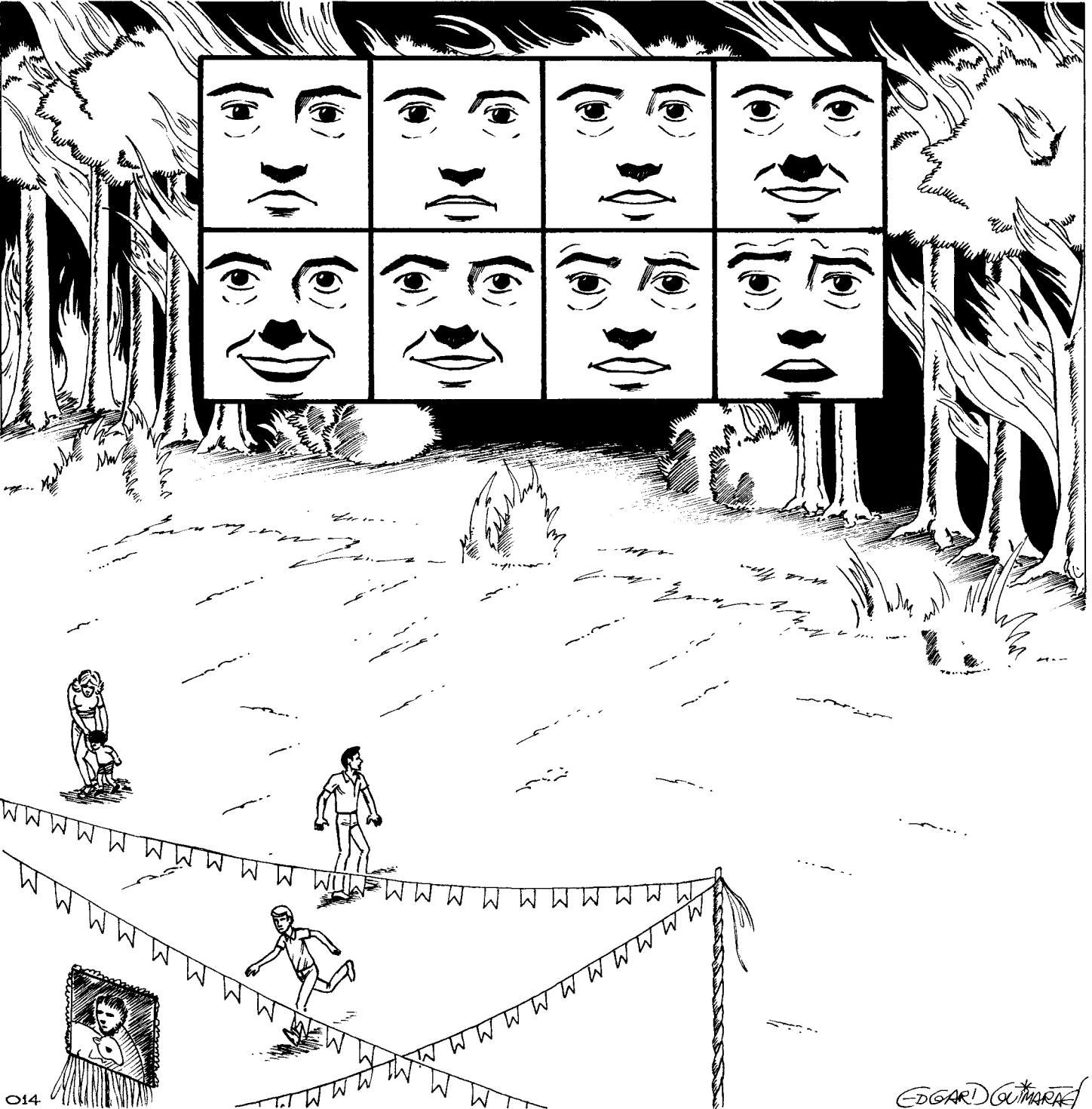
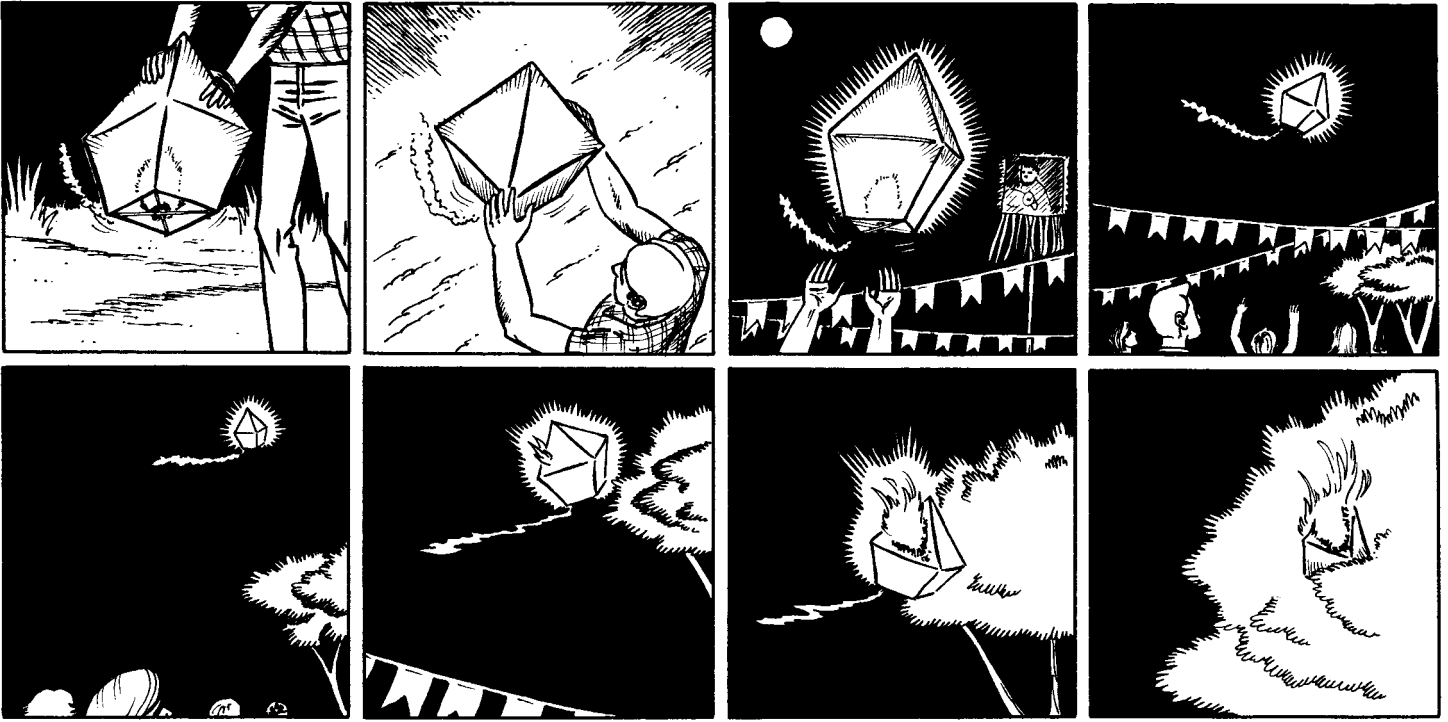


Continuo com a série de HQ's de dimensão constante - 290 mms de altura por 190 mms de largura. PSIU 1 publicou as quatro primeiras, PSIU 2, as seis seguintes, e agora PSIU 3 apresenta mais algumas. Todas foram desenhadas especialmente para este número, porém, com exceção da de número 013, há muito foram idealizadas. A de número 012, cheguei a enviar a um concurso de cartuns, com outro de senho, cujo original perdi.











MARCATTI

Tomei conhecimento do trabalho do Marcatti de modo pouco usual. Um ex-aluno meu, André Martin, da faculdade de engenharia de Santa Rita do Sapucaí (Inatel), com quem mantive longos e bons papos sobre quadrinhos enquanto ele era estudante, me escreveu, então já formado e trabalhando em São Paulo, enviando um exemplar de 'Lôdo' nº2. Conta André que estava na fila para assistir a 'Premeditando o Breque' e passou o Marcatti vendendo seus gibis. André, que já conhecia meu PSIU 1, lembrou-se de mim e puxou conversa com Marcatti perguntando se ele conhecia outros autores, se me conhecia, etc. e terminou comprando um exemplar, que me enviou junto com o endereço do Marcatti. Isso foi em junho de 83. Por um motivo ou outro não contatei Marcatti na época. Falha minha. Só mais tarde, por iniciativa do Marcatti, iniciamos uma correspondência que me permitiu adquirir praticamente todos os lançamentos da Editora Pró-C, tornando-me o que sou hoje, leitor incondicional de seus trabalhos. Por achar que Marcatti ocupa uma posição única na HQB, conseguindo marcar pontos sobre outros profissionais de sua linha (Henfil com o 'Fradim' e Angeli com 'Bob Cuspe', ou mesmo Reiser ou Crumb) é que lhe dedico este 'Fala, Quadrinhos'.

Vou iniciar os comentários com as palavras de André que, além de enviar a revista 'Lôdo', escreveu também algumas linhas críticas sobre o trabalho de Marcatti.

"É um desenho sórdido, sombrio, causando um desconforto e uma sensação de mal-estar ao primeiro contato com a leitura. A técnica recaída sobre o preto dá sempre a ideia de que a história se passa em ambientes noturnos ou mal iluminados, além de refletir, inconscientemente, é claro, uma revolta, uma insatisfação e uma repugnância pela sociedade, política, consumismo e pela atual condição humana imposta pela civilização. O que é reforçado pelo texto. Todavia, Marcatti chega a ser original ao transmitir sua mensagem, onde mostra uma profunda reflexão sócio-filosófica. Tenta extrair humor de coisas corriqueiramente taxadas de nojentas e/ou nefastas. E, onde eu vejo todo o seu mérito, consegue usar muito bem a técnica do preto para dar relevo e tridimensionalismo ao seu desenho, embora lhe falte dotar seus personagens de traços mais característicos facilitando uma maior distinção entre eles. Em resumo, Marcatti é um elemento que, sabendo evoluir sua técnica, tem grande futuro."

Em uma espécie de entrevista publicada na revista 'Solúvel', da Editora Pro-C, o próprio Marcatti divide seu trabalho em duas fases, uma inicial, onde fazia HQs "muito dedinho no nariz", e a atual, onde continua achando "tudo uma merda, mas agora vê graça na merda - antes sentia nojo".

Realmente as HQs iniciais de Marcatti eram cheias de "verdades", sempre denunciando isso e aquilo, mas sempre vindo de uma posição superior. As HQs eram muito didáticas - no pior sentido da palavra - mais parecendo aulas de moral. Isto não significa que as histórias não eram boas; Marcatti sempre enfocou temas tabus, proibidos, sem meias palavras; o enfoque é que era, vamos dizer, antiquado. Os personagens eram, em sua maioria, "donos da verdade", e estavam sempre enunciando conceitos absolutos. Mesmo os textos com a fala do autor, ou seja, os textos que não estavam em balões, não eram falas de personagens, tinham essa característica. Pode-se dizer mesmo que as HQs eram moralistas. É interessante notar que, embora o traço escuro de Marcatti sugira pessimismo, boa parte dessas primeiras HQs tinham final otimista. 'Alto Grau' ('Lôdo' nº2) e 'Caminho' ('Lôdo' nº4) são dois exemplos de final feliz. Esta primeira fase compreende as HQs publicadas nas revistas 'Lôdo' nºs 1 e 2, algumas dos nºs 3 e 4, e as publicadas nas revistas 'Refúgio', 'Soslaio' e 'Cupim'.

A segunda fase me parece a melhor. Não há mais aquele espírito catequista, aquela intenção de doutrinar. Marcatti está bem solto e com a imaginação a toda. As ideias das HQs são originais e boas, e também bastante variadas. Está presente toda a irreverência, o espírito de denúncia, a violência das primeiras histórias, mas agora com um enfoque moderno. O objetivo é fazer uma boa HQ, e Marcatti cumpre o objetivo. Esta fase vai de algumas HQs dos nºs 3 e 4 de 'Lôdo' até o nº 7 da mesma 'Lôdo'. Algumas dessas HQs foram republicadas no almanaque 'Quadrinhos Efêmeros'. Há nessa fase HQs antológicas como 'Trimm', 'O destino de João', 'Pai' e 'O maravilhoso Pigson', e ainda 'Busca sem fim', em 'Lôdo' nº8.



Exemplo da 1ª fase - HQ 'Eterna Fuga' ('Lôdo' nº 2)



Exemplo da 2ª fase - HQ 'O Maravilhoso Pigson' ('Lôdo' nº 7)

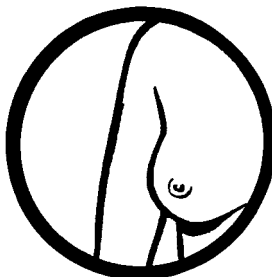
A terceira e atual fase de Marcatti começou, seguindo ele próprio no nº8 de 'Lôdo', com a HQ 'Liberô Geral'. Estão incluídos nessa fase os trabalhos publicados nas revistas 'Lôdo' nºs 8 a 10, nas revistas 'Ventosa', 'Mijo', almanaque 'Naftalina', e os trabalhos mais recentes publicados em revistas de circulação em banca, como 'Tralha'. Essa é a fase esatológica. A preocupação de Marcatti passou a ser a de tratar apenas de temas nojentos. As histórias dessa fase, em grande parte, são mais fracas, o objetivo parece que passou a ser apenas o de provocar oje riza no leitor. Assim as histórias se resumem a mostrar seqüências onde um bêbado vomita num almofadina, ou as dificuldades de um bêbado com sua própria baba, ou ainda a relação afetiva de um cara com sua hemorroida. Essa tendência chegou ao extremo na revista 'Ventosa', onde não há HQs, mas somente desenhos avulsos, um mais repugnante que o outro. Há mérito nessa fase de Marcatti, sem dúvida ele mostra coisas reais, que fazem parte da vida de todo mundo, mas que todos fingem ignorar e evitam tocar no assunto. Ao enfocar esses temas, que a sociedade considera de "mau gosto", Marcatti deixa bem clara sua independência, não deixa dúvidas que tem total liberdade para criar, e humilha os produtores de 'Donalds', que, mesmo que quisessem, não podem tratar desses assuntos. No entanto, ao fazer opção por esses temas, Marcatti trouxe um empobrecimento para seu trabalho. O nível dos argumentos caiu em relação à fase anterior, as ideias deixaram de ter maior variedade, as histórias perderam a originalidade que tinham.

Acho, no entanto, que essa fase atual não é a fase definitiva no trabalho de Marcatti. Acredito que é uma fase intermediária, onde Marcatti, ao radicalizar o uso de temas repulsivos, está aprendendo, adquirindo experiências, para passar à fase seguinte, onde usará de maneira equilibrada as características das fases anteriores. O quadrinho de Marcatti não deixará de ser nojento, mas deixará de ter o nojo como objetivo principal, voltando às histórias originais e criativas.

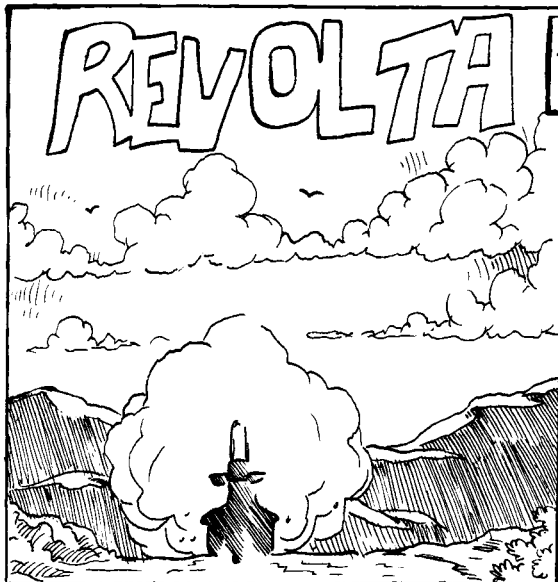
Quanto ao desenho, o traço de Marcatti sempre foi bem diferenciado. No início, seus quadrinhos eram mais escuros, hoje seu desenho está mais limpo, mais claro, mais seguro. Se antes havia um clima mais marginal, mais 'underground', agora a clareza do desenho permite que se entenda melhor a narrativa. Hoje os personagens estão bem caracterizados, o cenário é bem definido e a leitura pode fluir tranquilamente do começo ao fim da HQ, ao contrário da fase inicial, onde sempre alguma coisa ficava perdida no meio da escuridão.

Um último aspecto que merece ser mencionado é o conjunto da obra de Marcatti, como quadrinhista e editor. É uma marca invejável a quantidade de revistas que a Editora Pro-C conseguiu publicar, com qualidade gráfica muito boa, sempre com capa colorida, um luxo em termos de fanzines, e abrindo também para trabalhos de outros autores. E há um ponto importantíssimo: Marcatti é uma prova de que um autor pode realizar um bom trabalho, mesmo sem o apoio de uma editora profissional. Marcatti abriu um precedente que, espero, seja seguido por muitos outros quadrinhistas.

Exemplo da 3ª fase - HQ 'O incrível João Inquilino' ('Lôdo' nº 8)



Volta a colaborar com PSIU, Carlos Félix Reiners Carvalho. Félix estreou em PSIU no número anterior com uma HQ de seis páginas intitulada 'A Máquina'. Tem colaborado com diversos fanzines e, atendendo ao meu pedido, enviou as duas páginas seguintes, uma HQ que merece ser lida com calma.



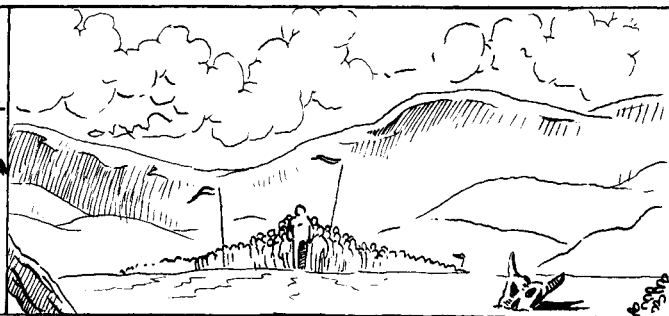
REVOLTA

FEIX 85

ELES CHEGAVAM DE TODOS OS LADOS, E DE TODAS AS FORMAS. RASGANDO AS LEIS E PISANDO NAS NORMAS.



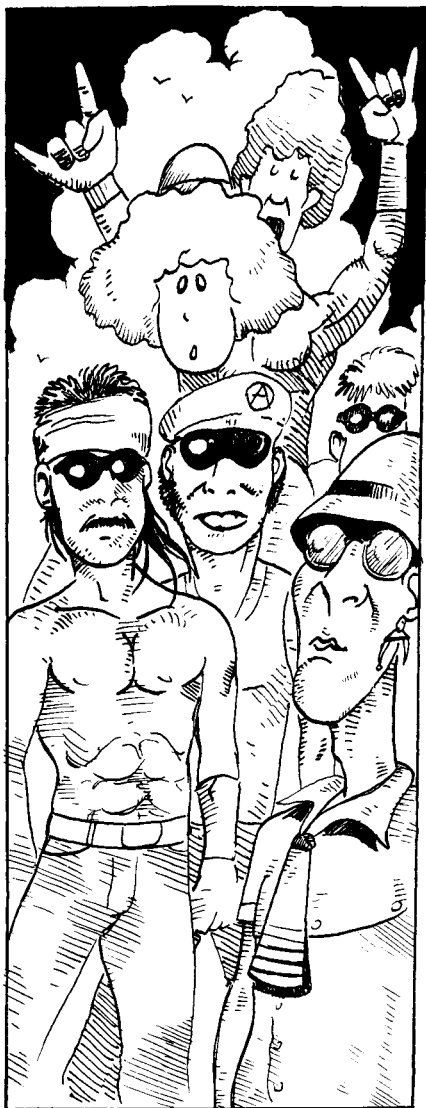
ERAM CENTENAS! TALVEZ MILHARES! PROCURANDO VINGANÇA E UM POUCO DE ESPERANÇA À PÁTRIA AMADA, À TERRA CALADA, À VIDA TÃO JUDIADA!!!



O DESERTO ARENOSO, UM LUGAR ASQUEIROSO, O LUGAR PERFEITO, ONDE TODOS TEM DIREITO. SERIA A MAIOR REUNIÃO DE CORRUPTOS JÁ VISTA... ISTO É, CORROMPIDOS!...



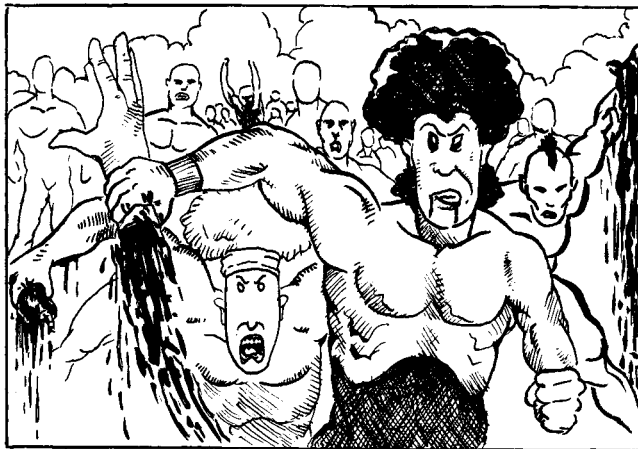
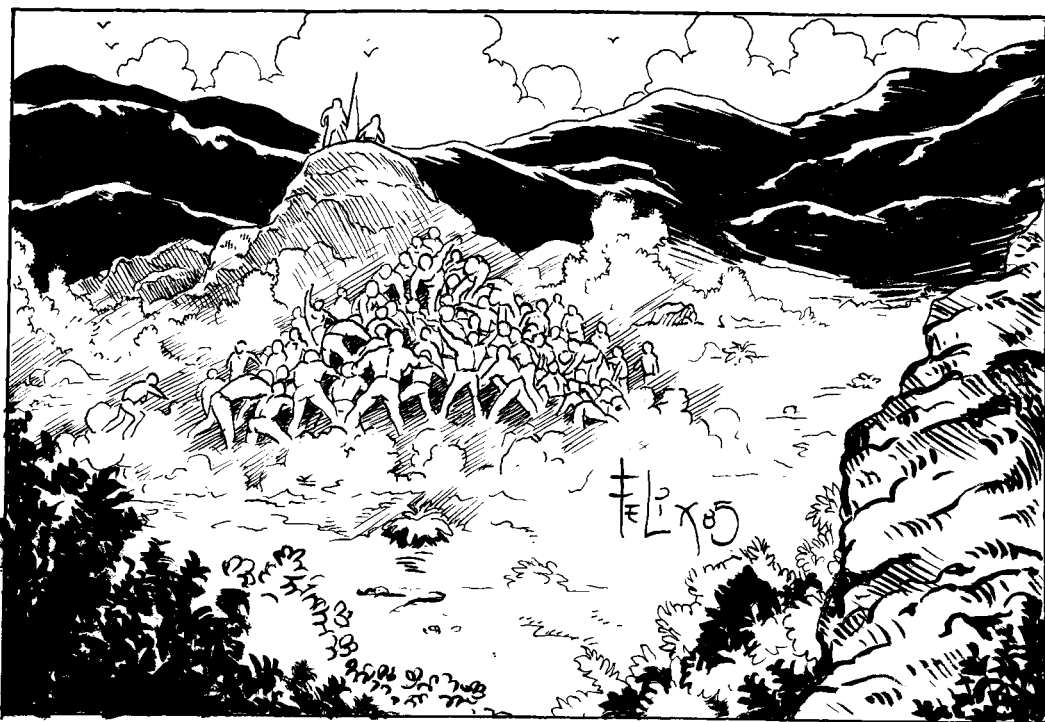
AOS POUCOS FORAM SE ACOMODANDO EM UMA CADEIRA. TOMADOS DE UMA ASONIA INTENSA, ESPERAVAM A PRESENÇA MÁXIMA!...



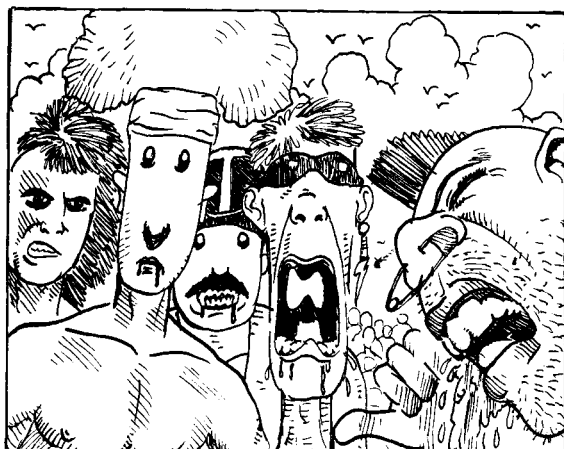
QUANDO FINALMENTE, SOBRE UM MONTE, ELA SURGE COM SEU OLHAR AMEAÇADOR; MAS PARA A FELICIDADE GERAL, INCAPAZ DE PRATICAR QUALQUER TIPO DE MALDADE!



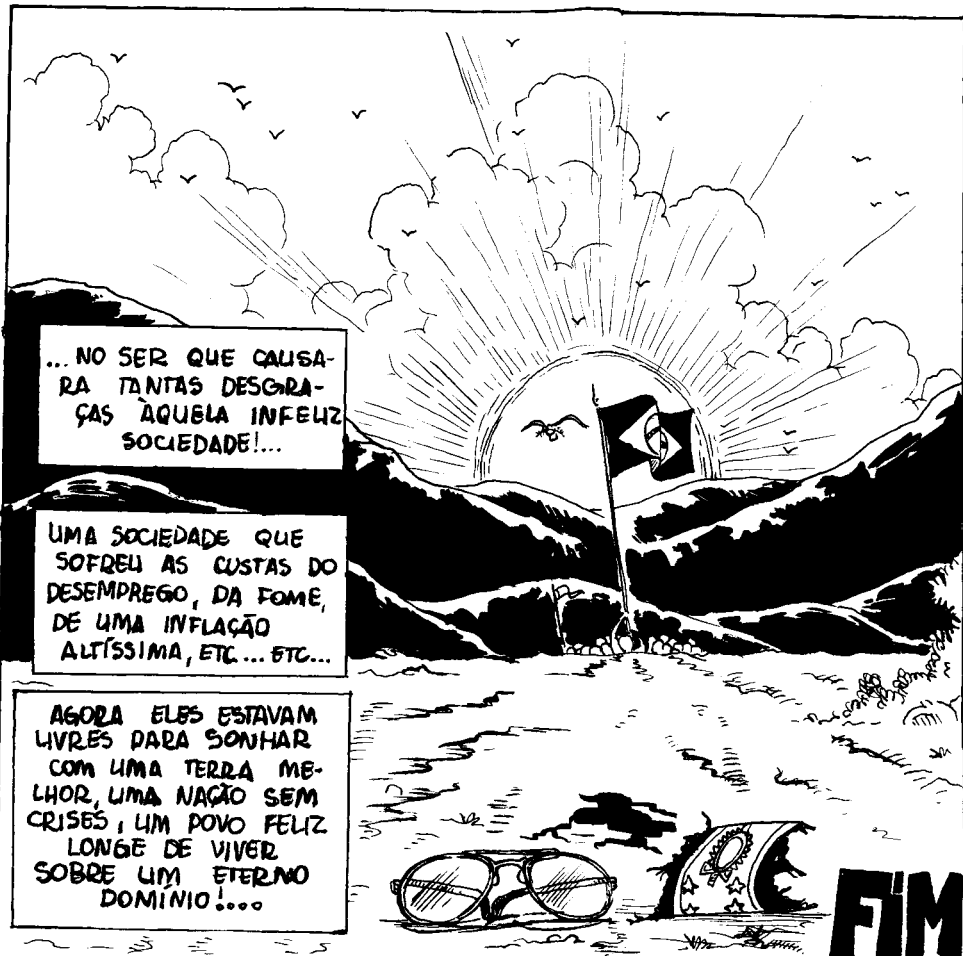
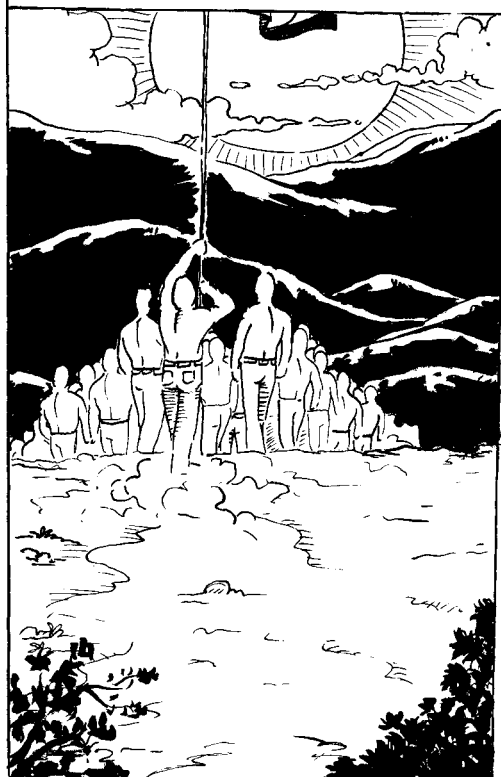
RAPIDAMENTE É ENTREGUE A
TRIBO DE REVOLTADOS, QUE CAI
COM LOUCURA SOBRE AQUELE
QUE LEVOU A RUINA TOTAL TO-
DA UMA NAÇÃO.



EM INSTANTES A PO-
BRE CRIATURA, É DES-
TROYADA PELO BAN-
DO, QUE SE COMPOR-
TA COMO TERRI-
VEIS BESTAS A
PROCURA DE UMA
VINGANÇA, A TÃO
ESPERADA VINGAN-
ÇA, AGORA CUM-
PRIDA. ELES ES-
TAVAM SATISFEI-
TOS!...



AOS DOUCOS RETOMAM A UM AR
DE SERENIDADE, E LENTAMENTE
VÃO DEIXANDO O PEQUENO VALE,
FELIZES COM O FEITO. HAVIAM
DESCARREGADO TODAS AS
SUAS MARGOAS...



... NO SER QUE CAUSA-
RA TANTAS DESGRA-
ÇAS ÀQUELA INFELIZ
SOCIEDADE!...

UMA SOCIEDADE QUE
SOFREU AS CUSTAS DO
DESEMPREGO, DA FOME,
DE UMA INFLAÇÃO
ALTÍSSIMA, ETC... ETC...

AGORA ELAS ESTAVAM
LIVRES PARA SONHAR
COM UMA TERRA ME-
LHOR, UMA NAÇÃO SEM
CRISES, UM POVO FELIZ
LONGE DE VIVER
SOBRE UM ETERNO
DOMÍNIO!...



FIM

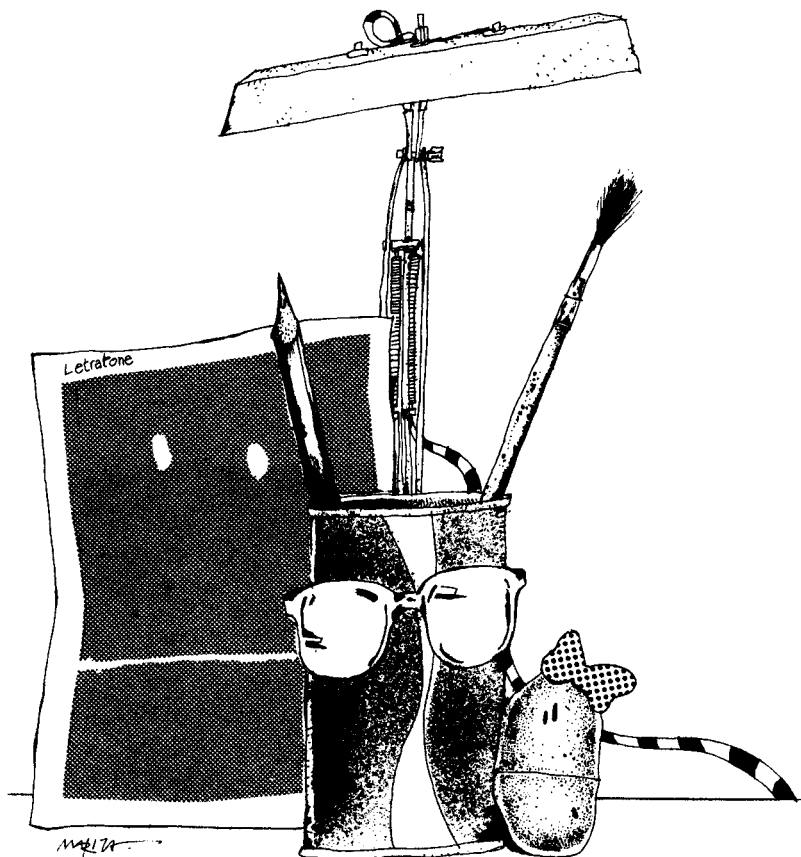
fala,
quadrinhos

concurso Folha para desenhistas

O domingo do dia 4 de agosto de 1985 trouxe uma boa notícia. O caderno 'Ilustrada' do jornal 'Folha de São Paulo' noticiou um concurso para novos desenhistas. Entre as categorias anunciadas, encontrava-se a categoria 'Tiras'. Ou seja, a 'Folha' estava proporcionando a oportunidade de aparecerem novas tiras de quadrinhos, de autores brasileiros e inéditos, num campo onde o autor nacional não tem tido muita chance. O principal é que o tema para a tira podia ser livre. De minha parte, achei que a Folha pretendia expandir sua meia página de quadrinhos para uma página inteira, a exemplo do 'Globo' (embora, neste, seja praticamente HQ estrangeira).

O concurso foi um sucesso, apareceram milhares de concorrentes na categoria Tiras, o que indica o enorme potencial latente que existe nesta área, e no dia 3 de dezembro, a Ilustrada trouxe uma reportagem mostrando os três vencedores. Nas páginas a seguir, mostramos a reportagem publicada e as primeiras oito tiras de cada personagem vencedor, além de alguns comentários sobre a página de quadrinhos da Folha.

Abaixo o regulamento do concurso.



Com o propósito de revelar novos talentos, a **Folha** está promovendo um concurso para desenhistas que nunca tiveram trabalhos publicados em órgãos da grande imprensa. São quatro as categorias: charge, ilustração, tira e caricatura.

A ficha de inscrição pode ser retirada na portaria da **Folha** ou nas sedes das sucursais relacionadas na página 3 deste jornal. Caso você não tenha a oportunidade de retirar a ficha de inscrição nos locais indicados, basta que, ao enviar os seus trabalhos, anexe uma folha com as seguintes informações: seu nome completo, endereço, bairro, cidade, estado, data de nascimento, telefone, cep, formação escolar, um pequeno histórico do que você já fez e uma relação dos trabalhos enviados por categoria - charge, ilustração, tira, caricatura.

A entrega dos trabalhos poderá ser feita pessoalmente ou pelo correio, até o dia 31 de agosto, no seguinte local: Al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, cep 01202. Na área frontal do envelope deverá constar a sigla **CFDES**.

Os resultados do concurso sairão no dia 15 de setembro, em reportagem na **Ilustrada**, e os melhores desenhos serão publicados. Além disso, todos os trabalhos que participarem do concurso serão exibidos em exposição a ser realizada entre os dias 1º e 15º de outubro, no saguão do jornal.

Acredite em você. Essa é a melhor forma de revelar o seu talento.

Aqui, o regulamento

1. Quem pode participar

a. O concurso é aberto a desenhistas brasileiros, natos ou naturalizados, sem restrições de sexo ou idade.

b. O concurso é aberto a desenhistas que nunca tenham publicado trabalhos em órgãos da grande imprensa. Jornais estudantis, revistas experimentais e publicações alternativas podem ter seus desenhistas como concorrentes.

2. Como participar

a. O concurso é dividido em quatro categorias: charge, ilustração, tira e caricatura. Cada desenhista pode concorrer em uma ou mais categorias, com até dois trabalhos em cada categoria, à exceção das tiras, que podem chegar a sete unidades.

b. A temática dos desenhos deve respeitar os seguintes critérios:

— Charge: sátira de acontecimento político recente

— Ilustração: desenho para texto publicado na **Folha** durante o mês de agosto em curso. Nesse caso, uma cópia do texto deve ser enviada junto com o desenho.

— Tira: temática livre

— Caricatura: retrato original de personagem do mundo político e cultural nacional e internacional

c. Todos os trabalhos deverão ser realizados em preto e branco, preferencialmente com tinta nanquim, e com possibilidade de uso de retícula.

d. Os formatos dos desenhos devem respeitar as seguintes medidas:

— Charge: 26cm de larg. x 22cm de altura

— Ilustração: 22cm x 28cm, horizontal ou vertical

— Tira: 29cm de larg. x 9cm de altura

— Caricatura: 22cm x 28cm, horizontal ou vertical

e. Todos os trabalhos deverão ser entregues em envelope fechado, junto com a ficha de inscrição devidamente preenchida, **impreterivelmente** até o dia 31 de agosto.

Os envelopes deverão ser endereçados da seguinte maneira:

1º Concurso de Desenho da Folha

alameda Barão de Limeira, 425

CEP 01202 São Paulo — SP

A entrega poderá ser feita pessoalmente ou pelo correio.

3. A comissão julgadora

A comissão que irá avaliar os trabalhos é formada pelo secretário de Redação da **Folha**, Caio Túlio Costa (coordenador); pelo editor de Arte da **Folha**, Jair de Oliveira; pelo artista plástico Luiz Paulo Baravelli, colonista da **Folha**; pela ilustradora da **Folha**, Mariza Dias Costa; e pelo cartunista da **Folha**, Arnaldo Angeli.

a. A comissão vai avaliar os trabalhos entre os dias 1º e 13 de setembro.

b. Os nomes dos vencedores em cada categoria serão revelados no dia 15 de setembro, através de reportagem na **Ilustrada**.

c. Os melhores trabalhos em cada categoria serão publicados.

d. Os resultados do concurso são irrecorríveis.

4. Exposição

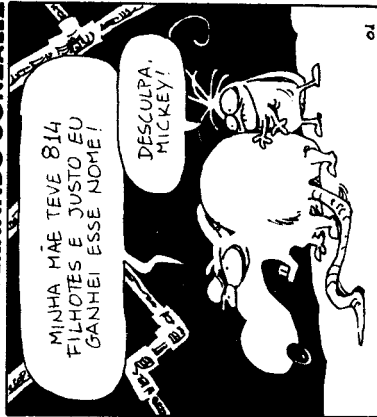
a. Todos os desenhistas que participarem do concurso terão seus trabalhos como parte de uma exposição a ser realizada entre os dias 1º e 15 de outubro no saguão da **Folha**.

b. Todos os originais ficarão à disposição de seus autores, passado o período da exposição, na portaria do jornal.

c. A **Folha** não se responsabiliza por eventuais danos ocorridos aos trabalhos durante o período da exposição.

Estréiam quadrinhos premiados na Folha

NÍQUEL NÁUSEA



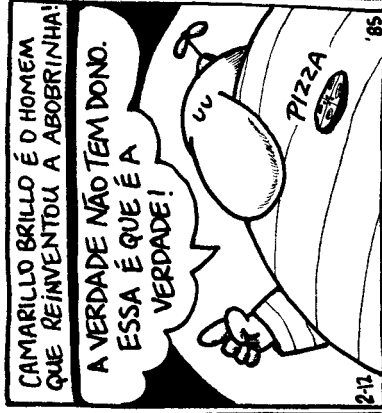
Da Reportagem Local

A partir de hoje, a Folha tem três novos personagens: o corrosivo rato Niquel Náusea, o filósofo Camarillo Brillo e o sensível cafaíste Alfredinho Canibal. Eles estarão diariamente nas páginas de quadrinhos da Ilustrada, ao lado de "estrelas consagradas", como Geraião, Ré Bordosa ou Bob Cuspe. Os três estreantes são, respectivamente, criações de Fernando Gonzales, 23, Milton Trajano Cintra Silveira, 23, e da dupla Flávio del Carlo e Inácio Zatz, os dois com 29 anos — todos artistas brasileiros revelados pelo "1º Concurso de Desenho da Folha", realizado nos meses de agosto e setembro passados.

Niquel Náusea é o rato de Fernando Gonzales. Ele vive onde vivem os ratos: nos esgotos e subterrâneos da cidade grande. Como diz Fernando, "é um ser em busca de sobrevivência". Metáfora do lado sombrio de metrópole, a tira de Fernando é forte, sarcástica, às vezes agressiva. O personagem existe há um ano, mas estava abandonado. Com o anúncio do concurso promovido pela Folha, ele voltou à vida. Ou aos esgotos. "Eu tinha vontade de fazer uma tira com um animal e o rato surgiu desta vontade", diz Fernando, que já publica diariamente a tira "Benedicto Cujo", no Fovest.

A ligação com os animais não é esporádica. Fernando é formado em Veterinária — profissão que chegou a exercer, mas desistiu. "Desejo me profissionalizar na área de desenho", explica. Mas a distância da Veterinária não o afastou dos bichos: "Os animais estão em plena igualdade com os homens, que, não se deve esquecer, também são animais", diz. Camarillo Brillo nasceu da pena de Milton Trajano no ano passado. Fã de grupos de rock, como o "Yes" e "Pink Floyd", Milton é também admirador, na área das histórias em quadrinhos, do norte-americano Robert Crumb, uma das grandes expressões da cultura "underground"

CAMARILLO BRILLO



ALFREDINHO CANIBAL



O artigo da Ilustrada anunciando os vencedores, do dia 3 de dezembro de 1985, ao lado da primeira tira de cada personagem ganhador.

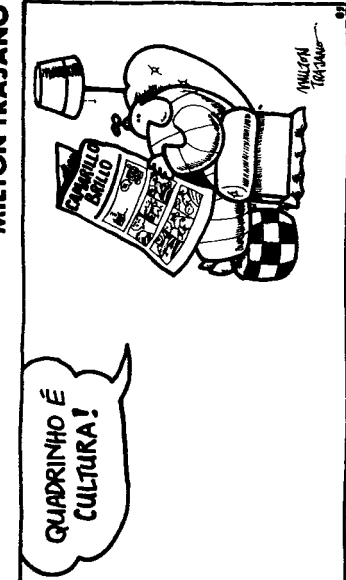
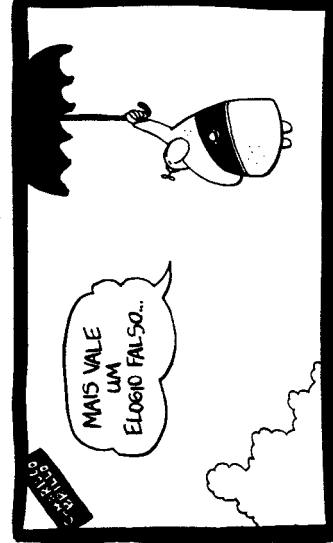
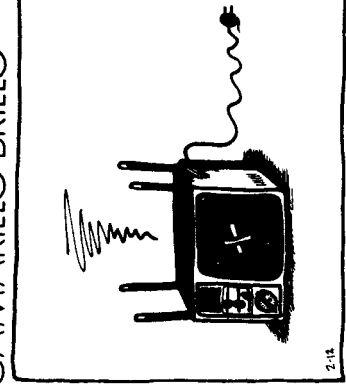
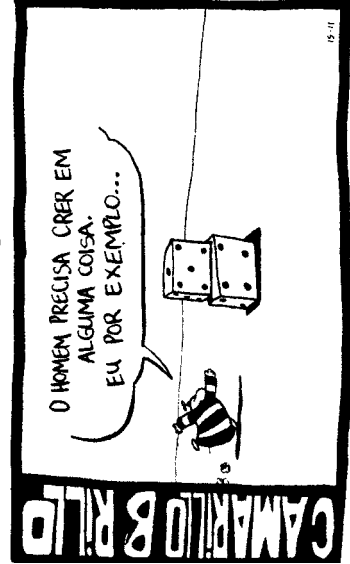
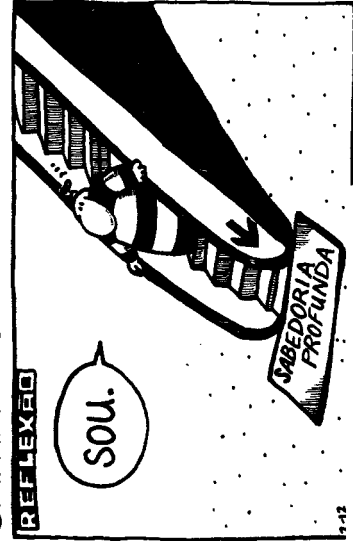
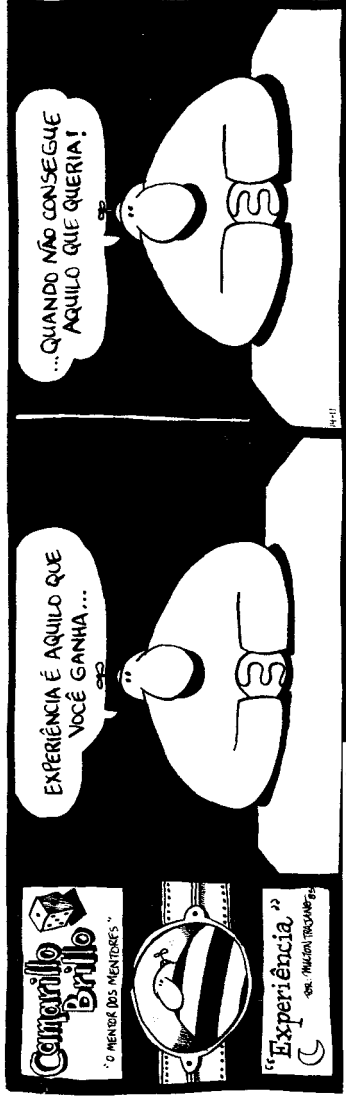
Nas três páginas seguintes, oito tiras de cada um dos personagens, na sequência em que apareceram publicadas a partir do dia 3 de dezembro.

da década de 60. Milton define seu personagem como alguém que deseja "desmascarar as pessoas que falam futilidades em tom sério". Menos hipócrito, ou ingênuo, Brillo vai direto às futilidades, em tom pouco sério. Coisas como: "Mais vale um elogio falso do que duas críticas construtivas", ou "se a montanha não vem a Camarillo, paciência". Formado pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo, Milton não avalia as tiras como algo "menor", em relação ao conjunto das artes plásticas. E afirma: "Eu me sinto como um Van Gogh em um novo veículo".

Flávio del Carlo e Inácio Zatz, pais de Alfredinho Canibal, sabem que geraram um pequeno "monstro": um paulistano que oscila entre a grosseria e a sensibilidade, que fala alto as maiores bobagens e que se dedica a filosofadas de boatequim. Ou autor do livro "Memórias de um Anormal, Diário de Alfredinho Canibal" (na gaveta, ainda sem publicação), que originou o personagem.

Em seu currículo, Inácio diz que nasceu "num Simca Chambord" e se afirma "filho extremado, marido amoroso, pai exemplar, contra a instituição familiar". Flávio, autor dos desenhos, se diz "adepto do escotismo" e confessa que gosta de "discutir filosofia pura e zen-budismo com peixinhos". Os traços são semelhantes aos de Alfredinho que, dizem os autores, "não tem personalidade definida".

A tira, além deste paulistano sem caráter, receberá coadjuvantes, que serão aos poucos, apresentados ao público. Todos contudo, estarão vinculados ao universo das ruas de São Paulo, o pano de fundo da tira. Inácio é formado em Cinema pela Universidade de São Paulo e Flávio diplomou-se em Comunicação pela Fundação Armando Álvares Penteado (São Paulo). Amigos há quinze anos, têm vários projetos juntos, entre eles, a realização de um videoclip com Alfredinho Canibal. A música, composta por Inácio, já está pronta.



ALFREDINHO CANIBAL



ALFREDINHO CANIBAL



ALFREDINHO CANIBAL



ALFREDINHO CANIBAL



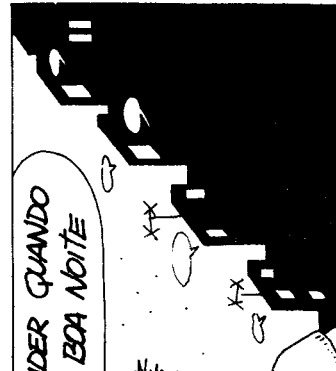
IGNATZ E FLÁVIO DEL CARLO



IGNATZ E FLÁVIO DEL CARLO



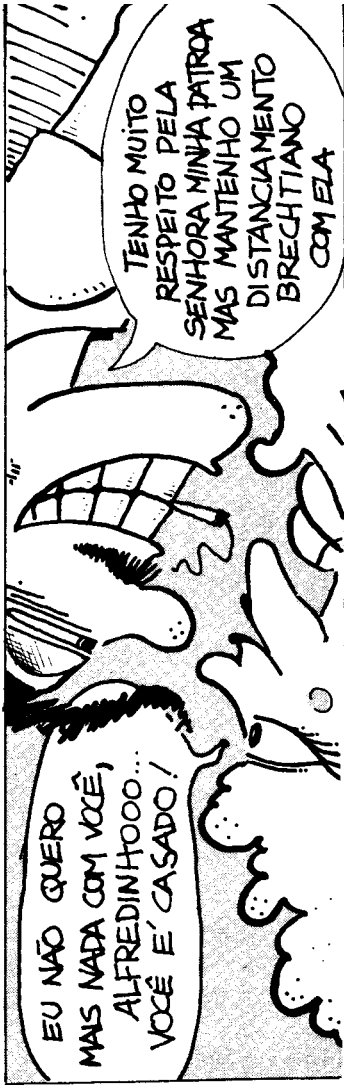
IGNATZ E FLÁVIO DEL CARLO



IGNATZ E FLÁVIO DEL CARLO



ALFREDINHO CANIBAL



ALFREDINHO CANIBAL



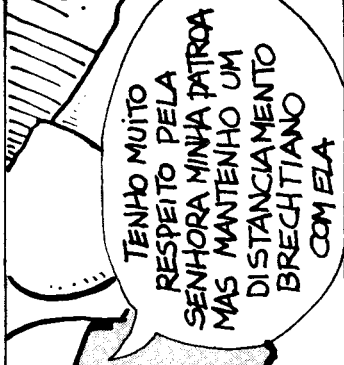
ALFREDINHO CANIBAL



ALFREDINHO CANIBAL



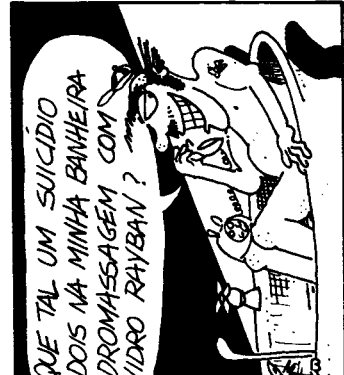
IGNATZ E FLÁVIO DEL CARLO



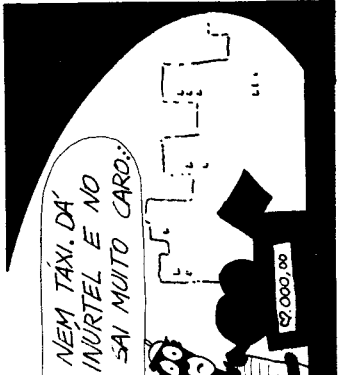
IGNATZ E FLÁVIO DEL CARLO



IGNATZ E FLÁVIO DEL CARLO



IGNATZ E FLÁVIO DEL CARLO



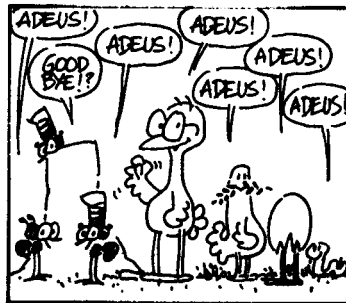
VOCÊ PERDEU A RAZÃO?

JÁ SE ESQUECEU
QUE ESTAMOS NA
SETE DIAS PERDIDAS?

O lamentável neste concurso da Folha é que os novos, ao invés de abrir espaço novo, ou substituir tiras importadas, ocuparam justamente o espaço de outras tiras nacionais. Na mudança de cebola, quem pagou o pato foi a Ciga e o Mauricio.

Esta foi a última tira do 'O Pato', de autoria da Ciga, publicada na 'Ilustrada'. Esta tira foi publicada dezoito anos sem interrupção na Folha. Se não é o recorde nacional, não deixa de ser uma invejável marca.

O PATO



CIGA

CEBOLINHA



MAURÍCIO DE SOUZA

Também a tira do 'Cebolinha' do Mauricio chegou ao fim. Esta foi a última publicada na Ilustrada. Mauricio, como desenhista, nasceu na Folha, e agora só mantém o 'Horácio' no suplemento 'Folhinha de S. Paulo'.

CATHY

Por outro lado, a Folha insiste em manter algumas tiras americanas que nem de longe representam o que há de melhor. Junto com 'Hagar' e 'Garfield', realmente excelentes em seu começo, hoje meio sem assunto, está a tira 'Cathy', na qual até hoje não



CATHY GUISEWITE

DOONESBURY



GARRY TRUDEAU

consegui achar o mínimo atrativo, sem contar o desejo horrórico. A tira 'Doonesbury' do festejado Garry Trudeau, foi coqueluche nos EUA na época do Watergate. Hoje, no Brasil, tratamos de assuntos de interesse dos americanos, não diz muita coisa.

HISTÓRIAS DE SEMPRE

Edgard Guimarães

O concurso da Folha também me motivou. Aproveitando a ideia de uma série cuja primeira tira, mostrada ao lado, fiz especialmente para o fanzine 8ª ARTE, do Pazelli, desenhei as quatro tiras da página ao lado. Com elas me aventurei por mais este concurso.



HISTÓRIAS DE SEMPRE

Edgard Guimarães



MAIS UMA AVENTURA DESSES GAULESES

Há algum tempo que um certo grupo de personagens de HQ vem usando e abusando de uma certa poção mágica. Ciente das mazelas que os produtos químicos e farmácuticos têm causado às pessoas no mundo de hoje, preocupei-me em saber se o uso indiscriminado da tal bebida não estaria causando danos a estas personagens. Ou seja, que efeitos colaterais a poção mágica estaria causando?



Chatotorix, além de emagrecer, diminuiu um pouco no tamanho; também mudou sua preferência pelo instrumento musical.

O menos afetado parece ter sido Asterix, talvez devido à idade, já estar com o organismo meio calejado. Aparentemente teve apenas uma diminuição no seu maxilar inferior.



Obelix, coitado, um rapaz forte e robusto, após experimentar um encolhimento inexplicável, voltou a crescer, tanto em altura como em largura, tornando-se obeso, além de sofrer de um atrofia das pernas. Nem podia ser diferente, pois, dizem, caiu no caldeirão de poção quando criança.



Curiosamente, Panoramic, o druida, aquele que prepara a poção mágica, mas que nunca foi visto tomando-a, rejuvenesceu com o passar do tempo. Alquebrado e desanimado, no início, precisando se escorar numa bengala, com o tempo se tornou ativo, esbelto, confiante e bem-humorado, abandonando o pedaço de pau no qual se apoiava.

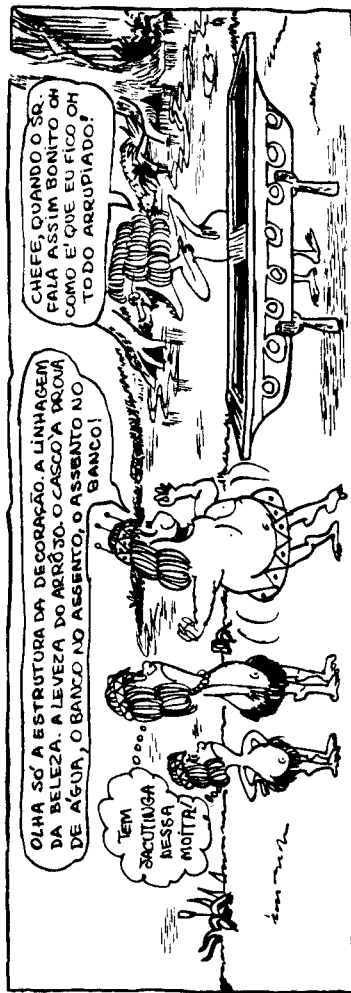
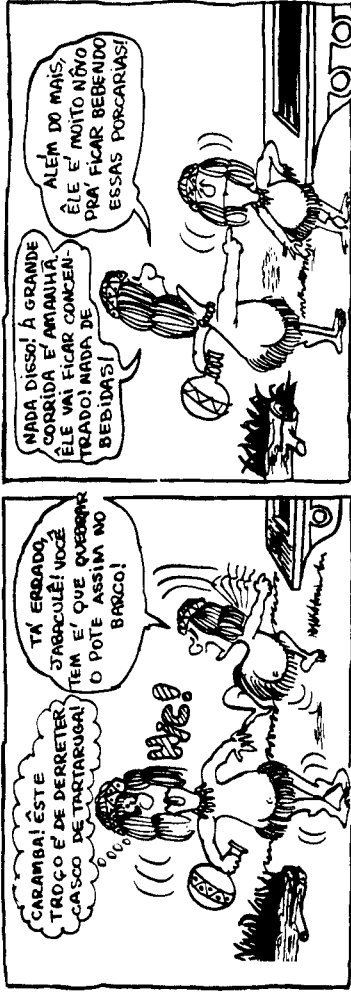


Abraçurix, glorioso chefe da aldeia, também se tornou um gaules gordo e desanimado, para infortúnio de seus carregadores.

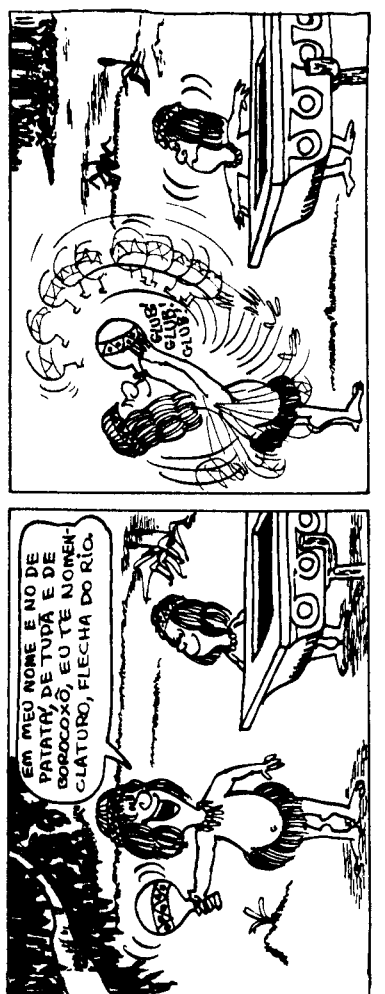
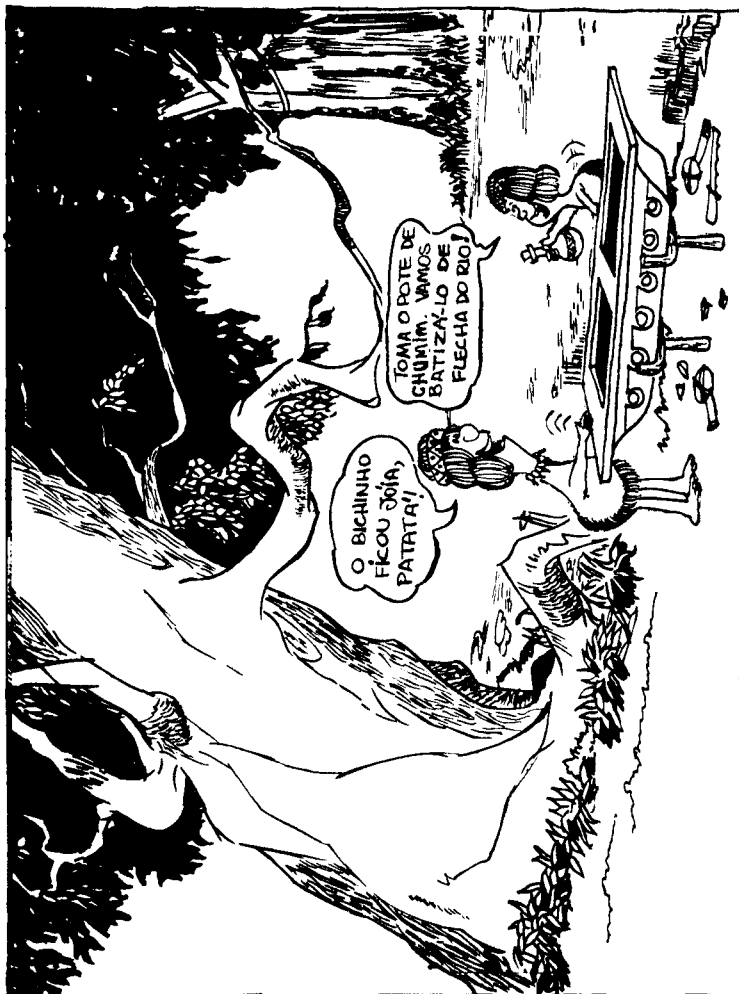
Automatix, o ferreiro, este ficou tão deformado, a cara chupada, as pernas esqueléticas, que quase se tem a impressão que se trata de outro personagem.

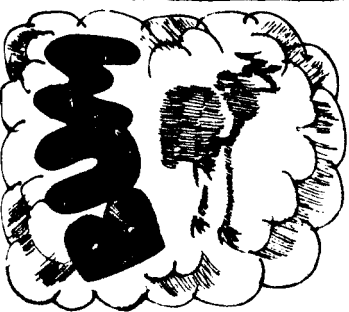
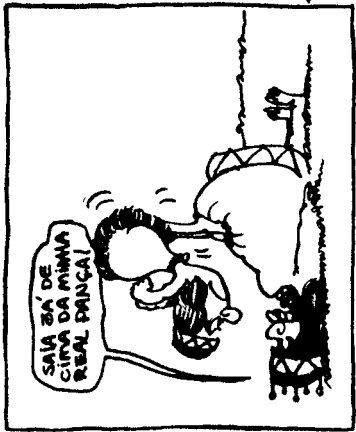
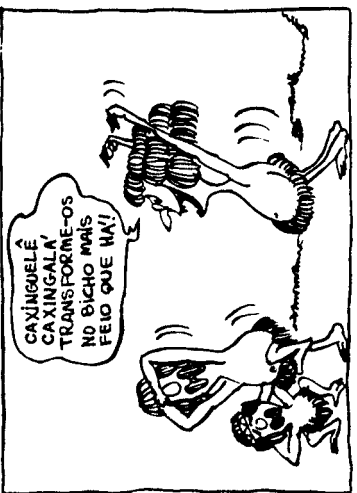
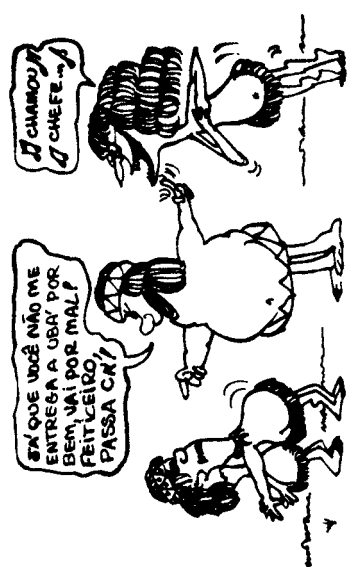
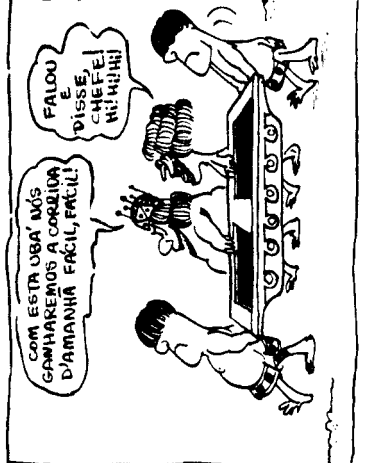
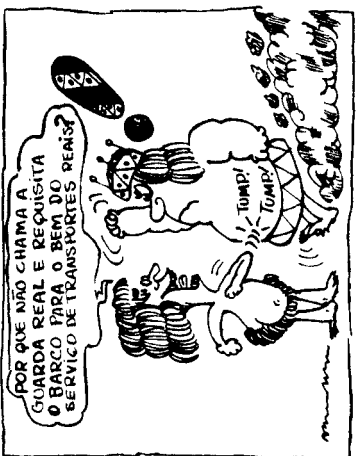
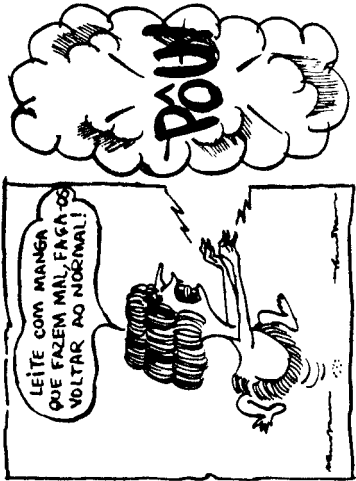
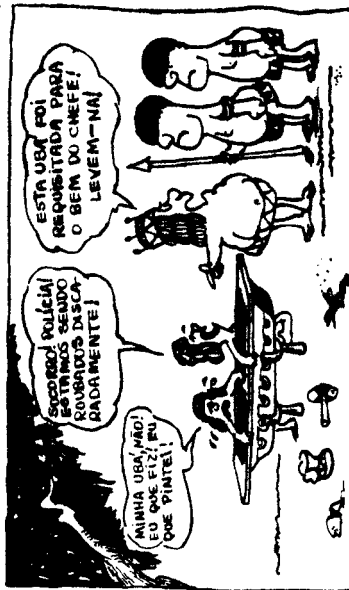


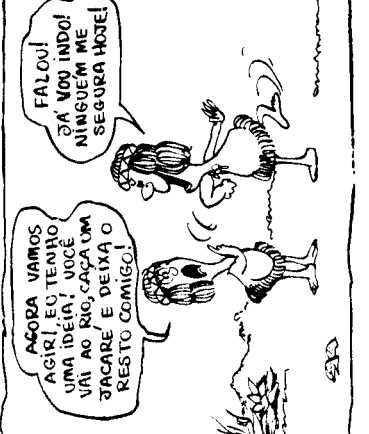
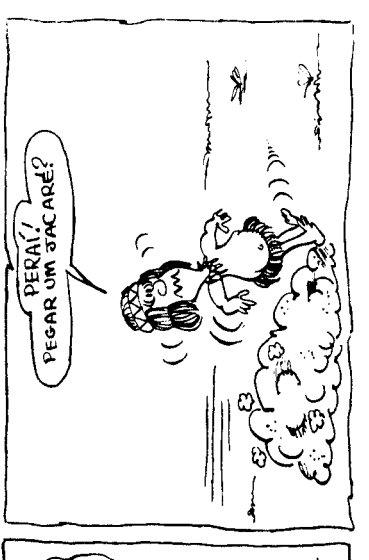
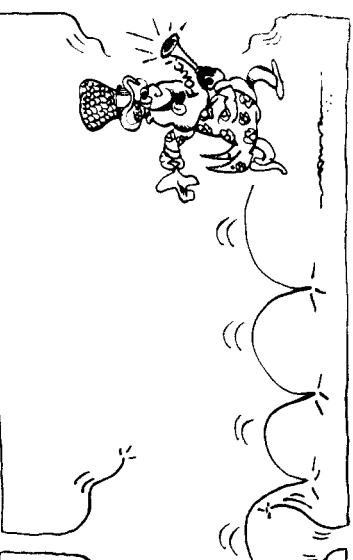
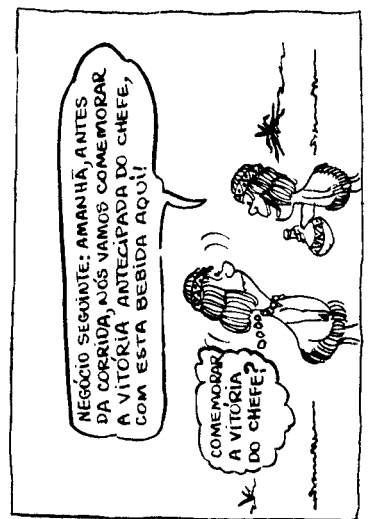
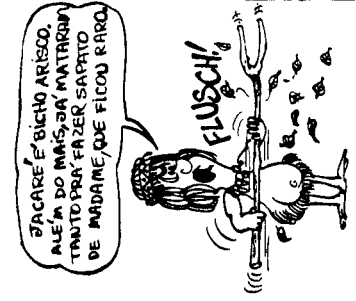
A HQ seguinte foi publicada no livro-revista 'Oi, Turma' nº 2, de 1972. Seu autor, Mário Lúcio Braz e Silva, iniciou assinando 'Marlu' em cartuns na imprensa belorizontina, em fins da década de 60. Logo passou a 'Málus' ilustrando livros didáticos para editoras de Belo Horizonte. Encontrou-se na criação de histórias infantis, fazendo para a Editora Vigilância, diversas coleções. Além da HQ que publico, não conheço outros trabalhos seus na área dos quadrinhos. O que é uma pena, pois, não por ser Málus meu primo em 2º grau ou por infelizmente não estar mais entre nós, seus personagens 'Jabaculé e Patatá' mereciam melhor sorte, tal a brasilidade de que estão imbuídos.

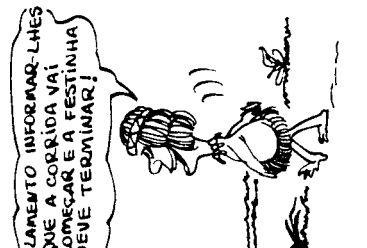
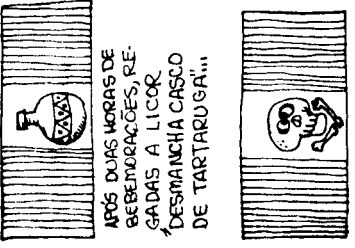
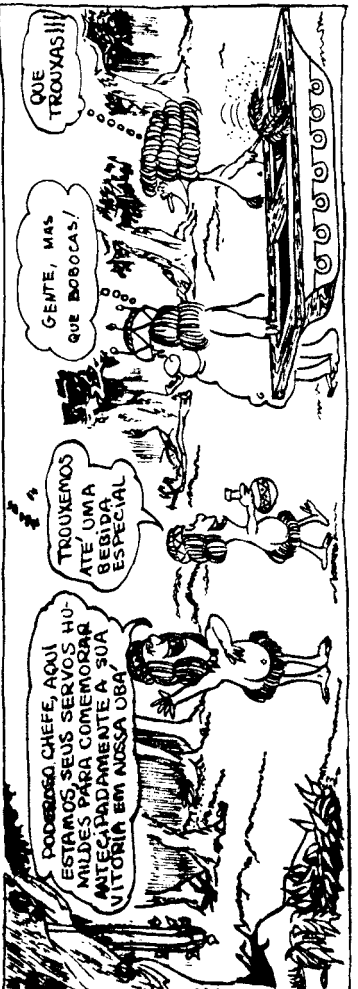
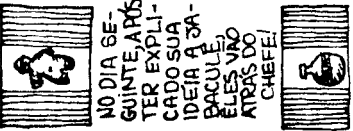


JABACULÉ E PATATÁ POR MAIS









fala, quadrinhos

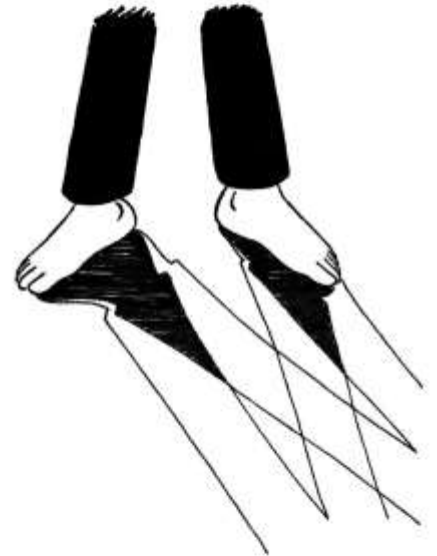
ERROS e CURIOSIDADES

Nesta página ajuntei alguns erros que encontrei em algumas HQs, bem como alguns quadrinhos curiosos presentes na série Asterix.



Na aventura 'O Náufrago do A' de autoria de Fred, o personagem principal, Philemon, descobre que tem duas sombras, pois no céu há dois sóis. É possível a existência de duas sombras, se houver duas fontes luminosas fracas, por exemplo, duas lâmpadas. Como a sombra ocorre onde a luz não chega, devido à obstrução dos raios luminosos por um corpo qualquer, a existência de dois sóis, fontes luminosas fortes, fará aparecer sombra apenas na região onde a luz de nenhum dos dois sóis conseguir alcançar. A figura abaixo mostra o contorno das duas sombras e, hachureado, a sombra real.

Em Asterix nos Jogos Olímpicos, há um pequeno erro de raciocínio que pode ser desculpado se se considerar que foi Obelix quem o cometeu. Asterix treina corrida e Panoramix marca o tempo numa ampulheta, notando que não é suficiente para ganhar. Obelix sugere usar areia mais fina para ludibriar o tempo. A areia mais fina passa mais depressa pela ampulheta, indicando um tempo maior para se percorrer uma mesma distância, o que significa menor velocidade. Para 'aparentar' maior velocidade, deveria ser usada areia mais grossa.

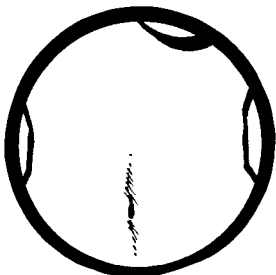


O desenho abaixo faz-nos desconfiar que um certo governador do estado de São Paulo teve passagem pela legião.

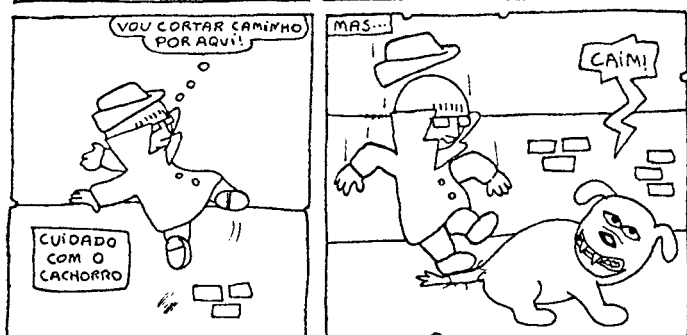
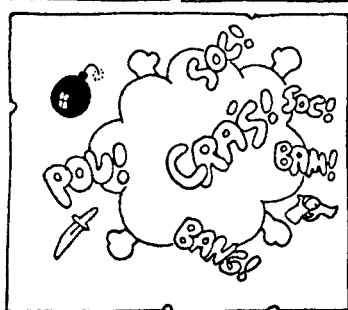


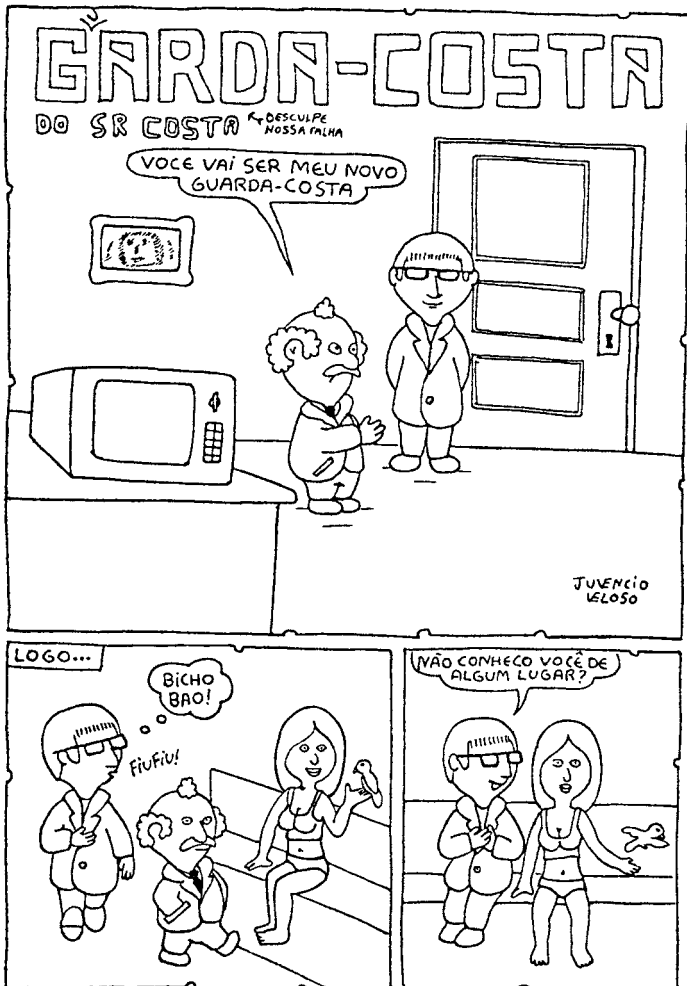
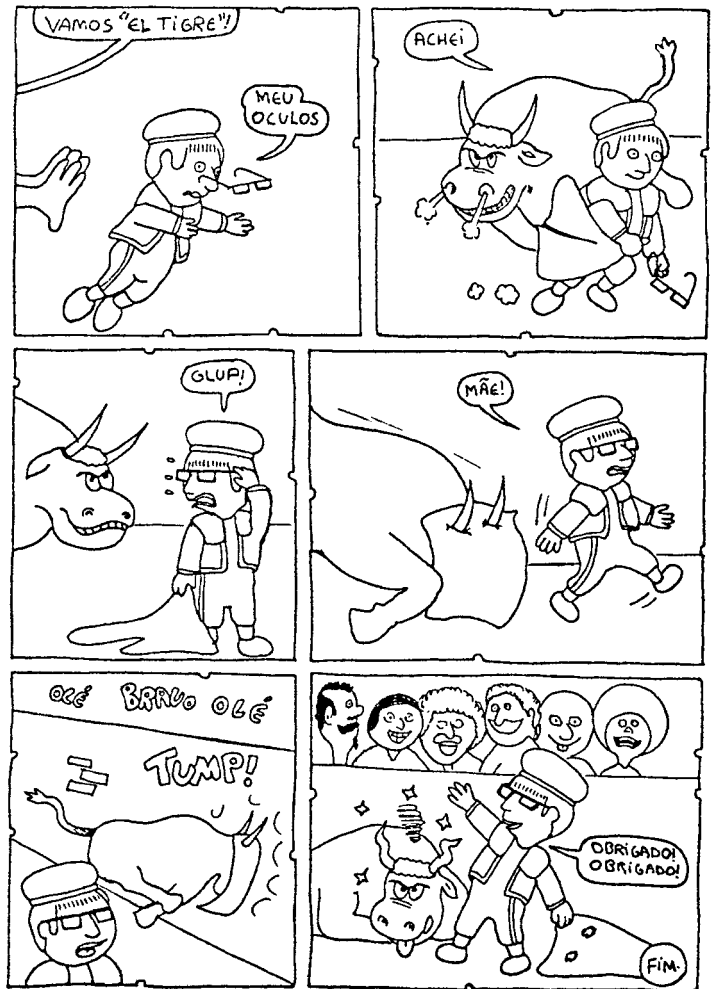
Será que Goscinny ao escrever o volume 'Asterix entre os Belgas' já previa o que viria a ser a disputa pela presidência, no Brasil, através do Colégio Eleitoral, em fins de 84?

Afinal, no desenho ao lado, é ou não é Tancredix que participa de um torneio junto com Abracurcix?



Quando seleccionei os trabalhos a seguir, Juvêncio Veloso era conhecido apenas de algum leitor mais atento da seção de cartas das revistas da D-Arte. Hoje ele é famoso em todo o mundo. Mundo dos fanzines, é claro. Seus personagens 'Sapito', 'Profeta', 'Canjica', o 'Hovo' têm aparecido em tiras em diversos dos principais fanzines editados atualmente. Aqui em PSIU aparece com o 'Canjica', antes de ter sido batizado, e com uma HQ 'séria'. Juvêncio nasceu em 1963 e residiu muito tempo em Taubaté (SP). Hoje trabalha em uma metalúrgica em São José dos Campos (SP) e, há alguns meses começou a publicar suas tiras num jornal da cidade - o 'Vale Paraibano'.

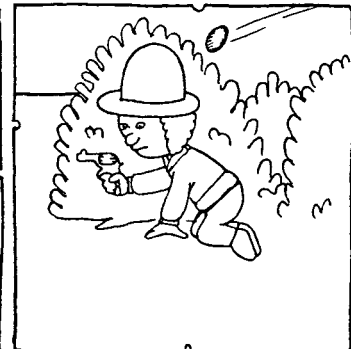
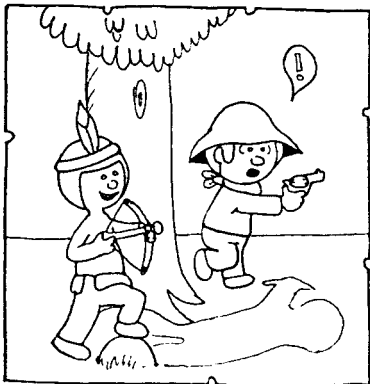
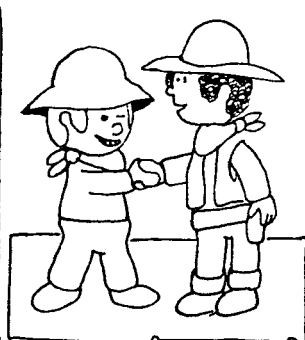
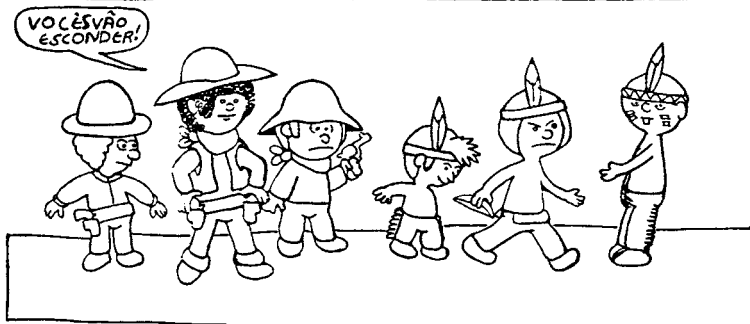
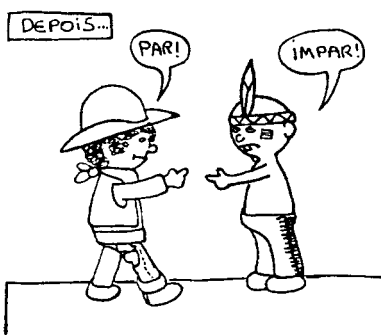


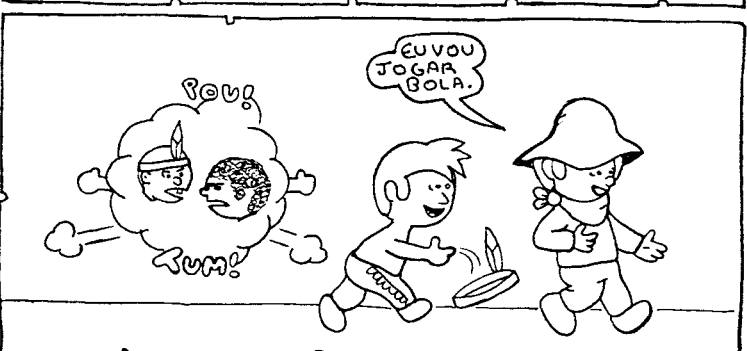
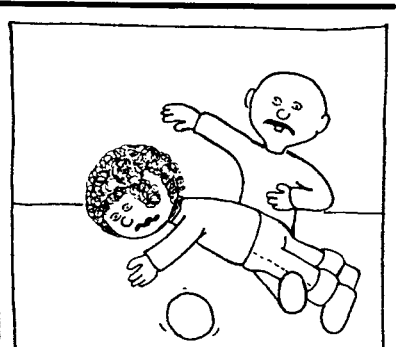
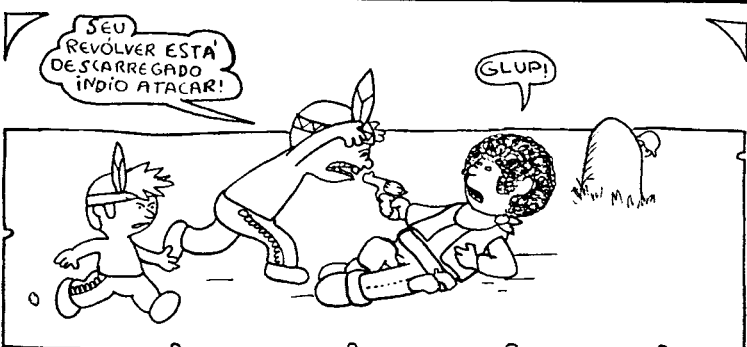
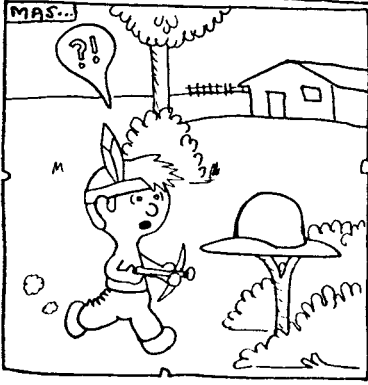
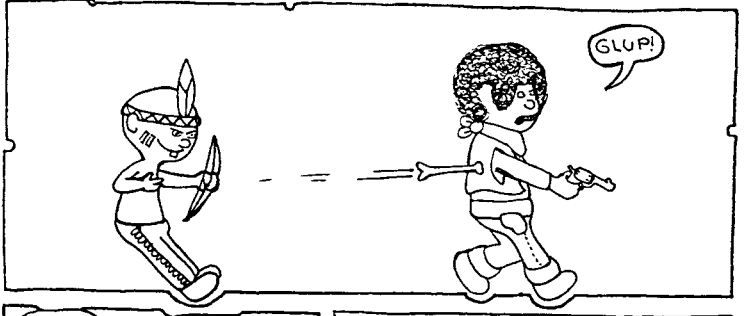
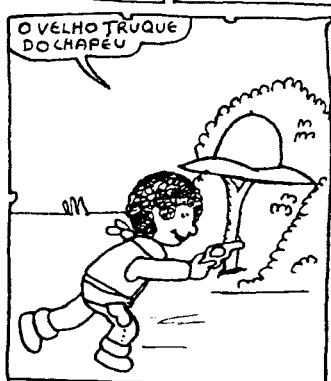
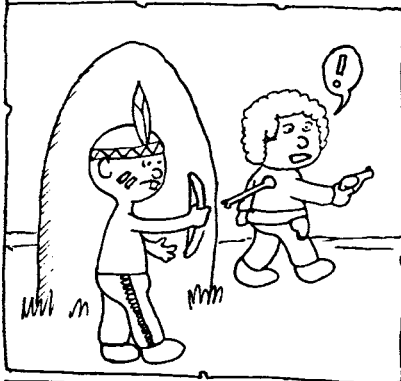
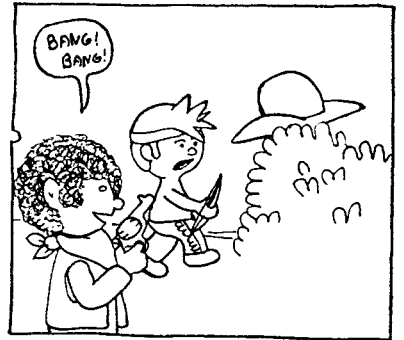
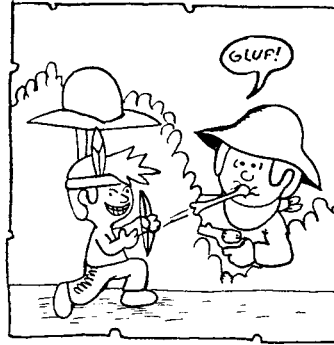




Este trabalho de Juvêncio não estava planejado inicialmente para esta edição. Trata-se de uma das primeiras HQs que ele me enviou e eu a colocaria de lado ao selecionar o material para PSIU. De fato, neste trabalho, Juvêncio ainda não tinha se definido pelas tiras e pelos seus personagens de maior aceitação. Suas HQs mais recentes já mostram uma linha mais segura de trabalho bem como um traço mais maduro. Nessa HQ 'O Duelo', seu desenho ainda está bem incipiente e a composição dos quadros sugere sempre a falta de alguma coisa. A inclusão desse trabalho nesta edição se justifica então pelo texto. Num linguagem simples e direta, Juvêncio retrata, de maneira deliciosa, a brincadeira de 'mocinho e bandido', da qual todos nós já fomos protagonistas na infância. A cena do 'tiro que passou de raspão' é exemplar e nos remete a um passado de boas lembranças. De lambuja, a HQ traz algumas gags ótimas.

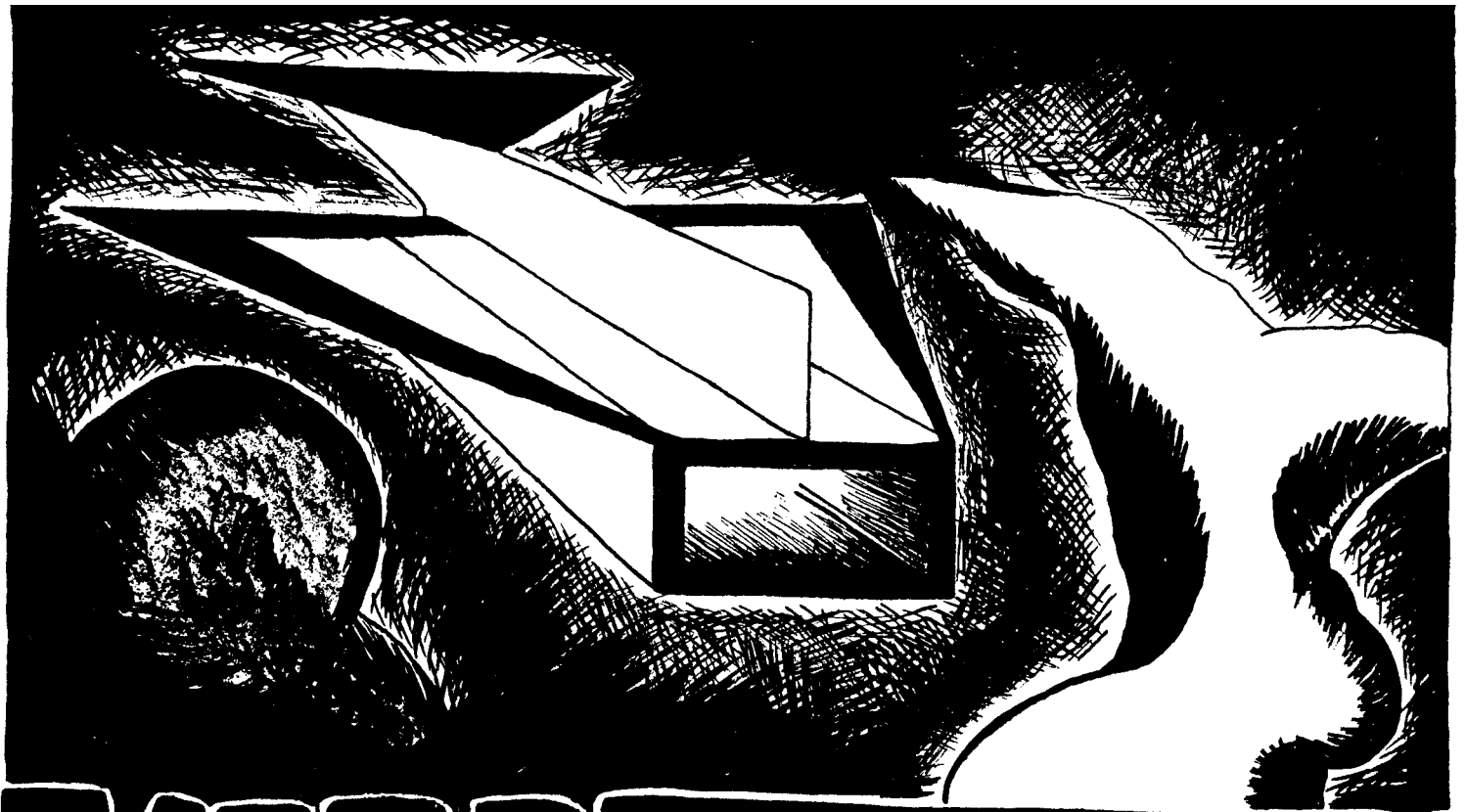
O DUELO





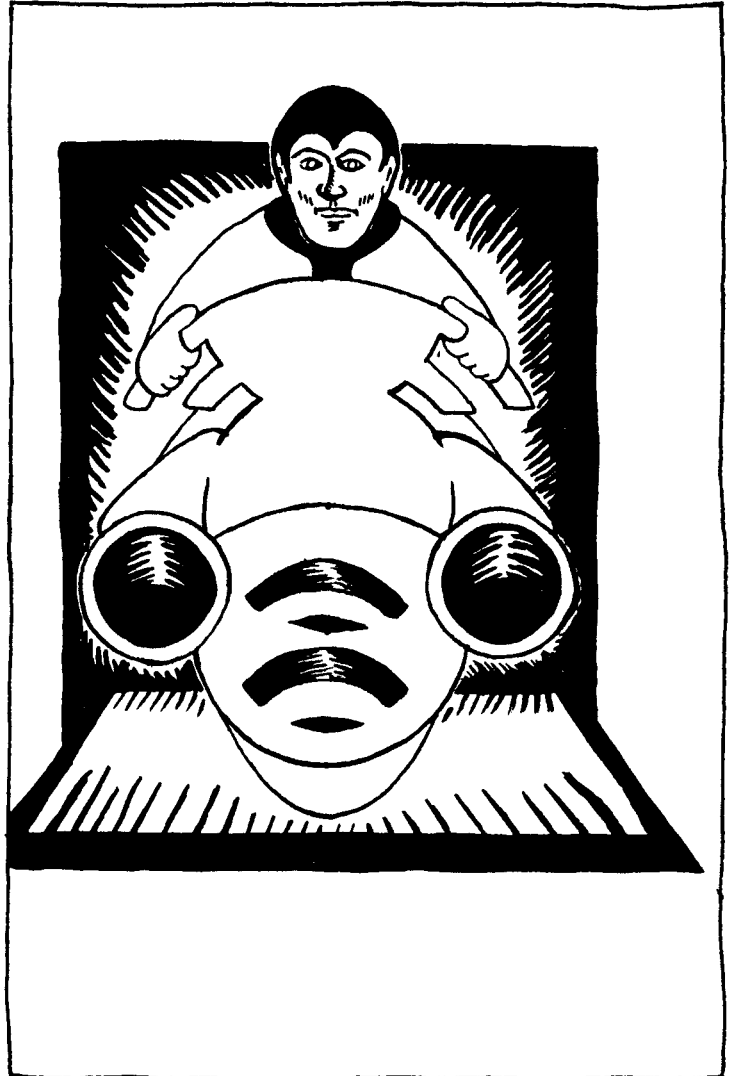
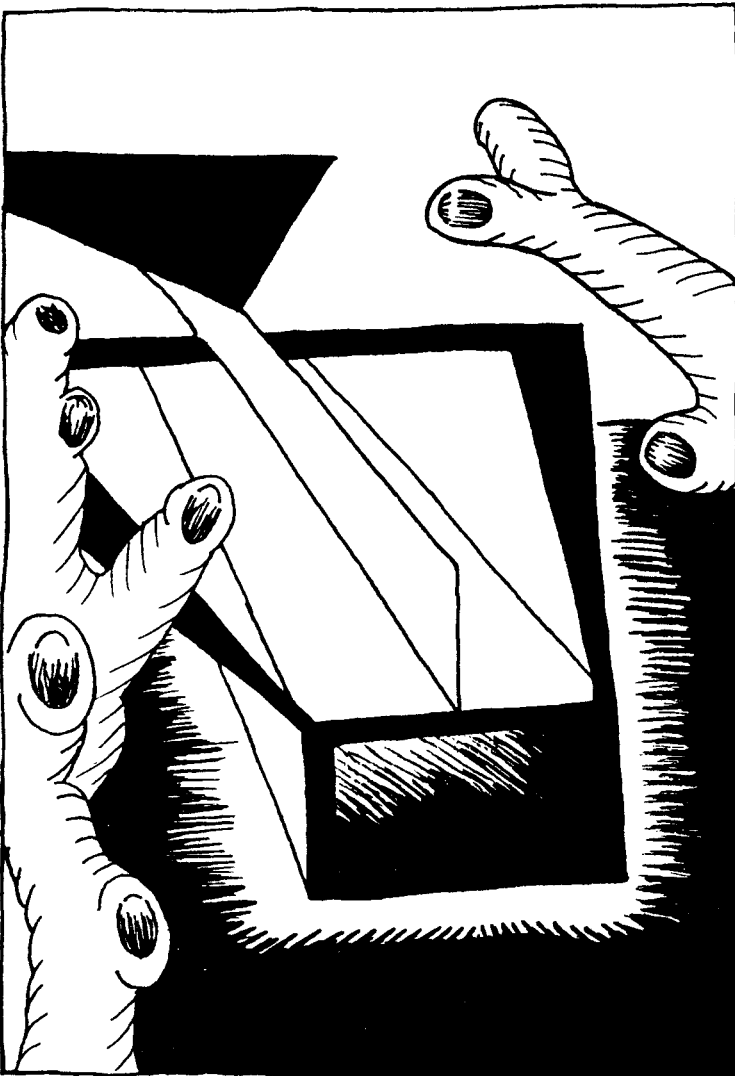
FIM.

E O DESERTO
PARECIA NÃO
TER FIM!

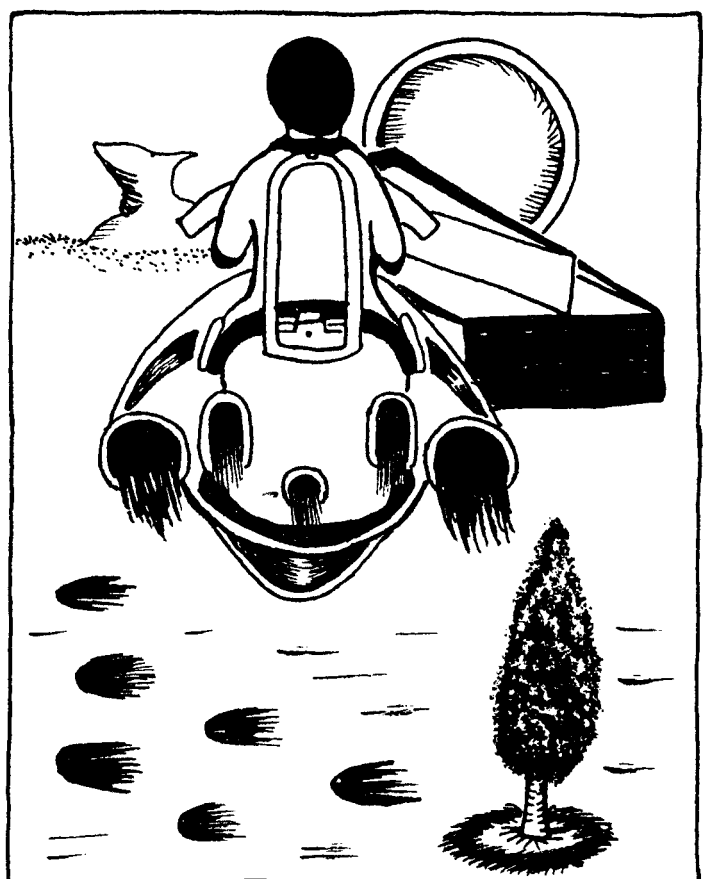
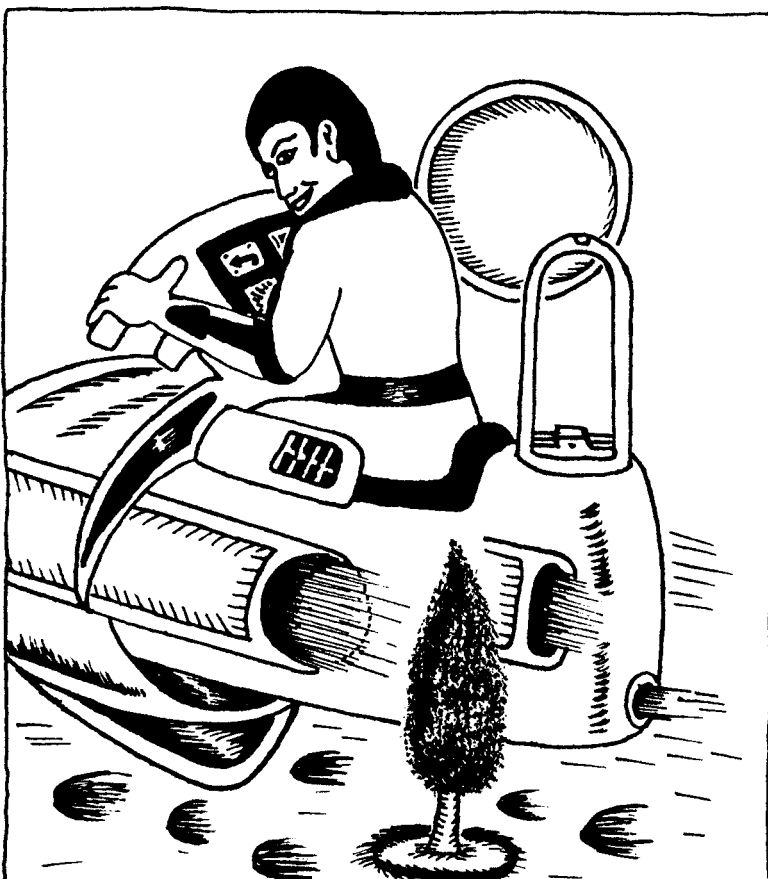
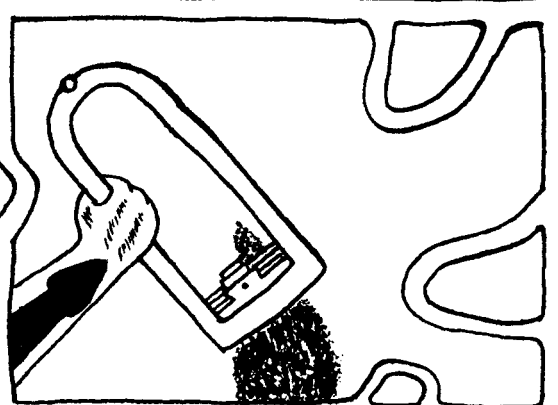
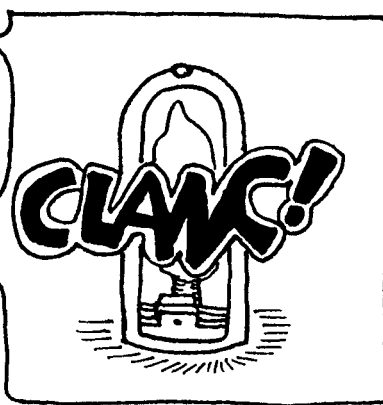
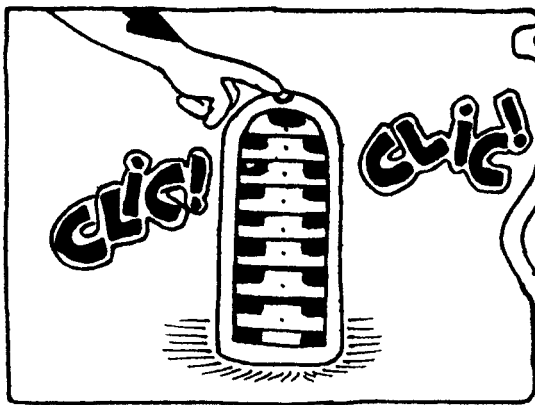
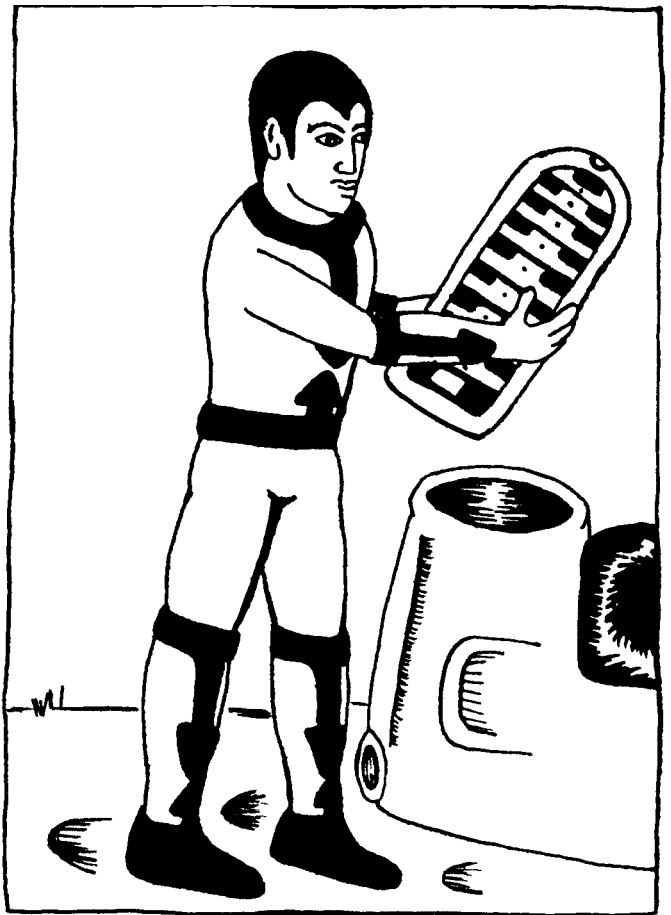
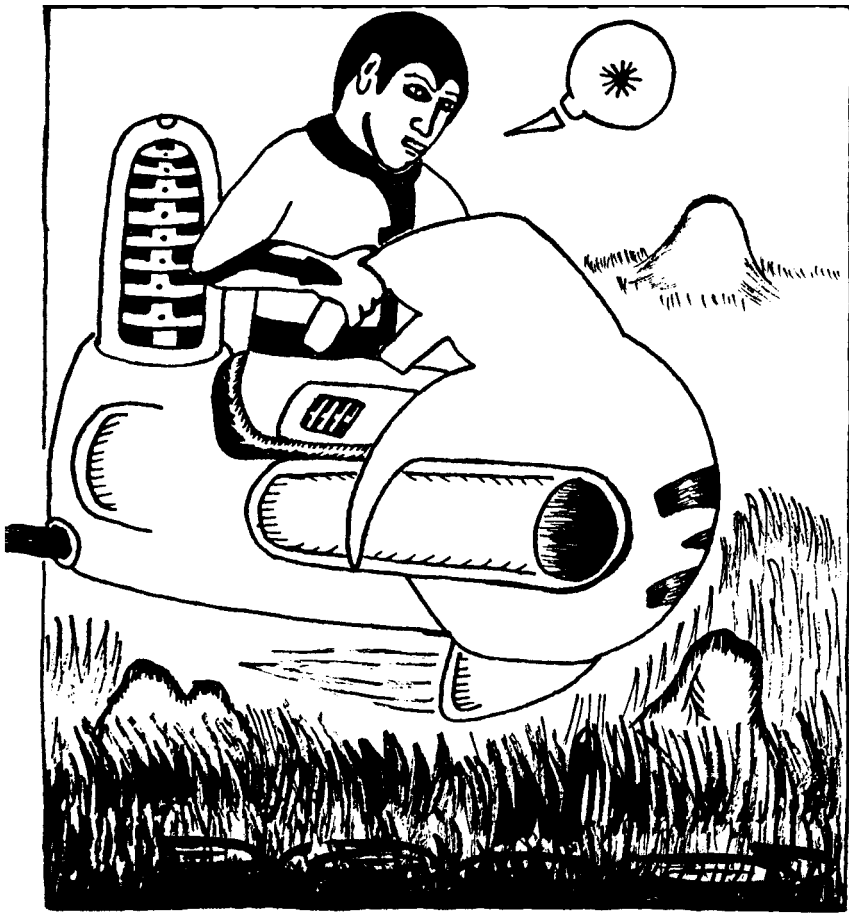


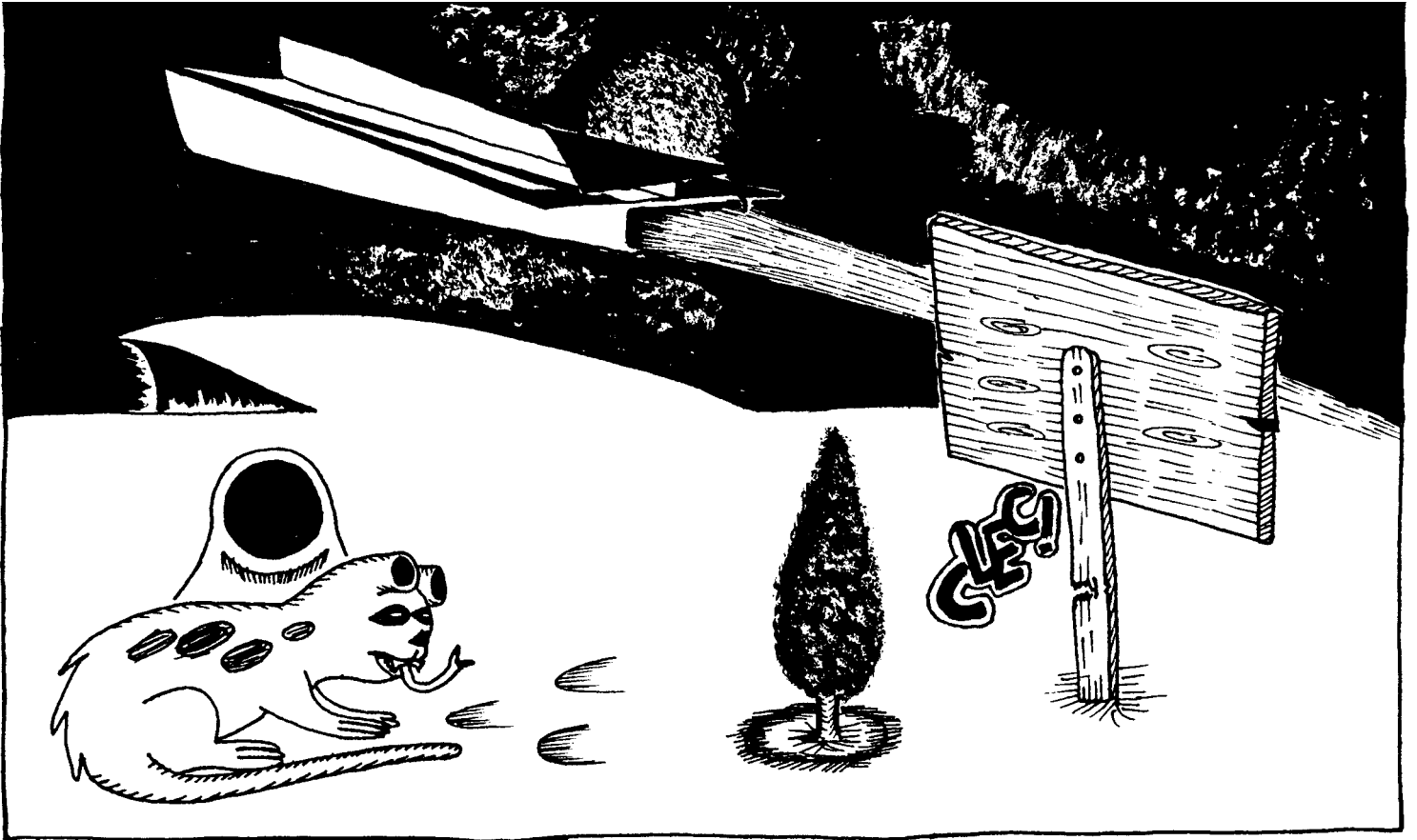
VERDE

JUVÊNIO
VELOSO



ATRÁS DE CADA
DUNA, HAVIA
UMA NOVA DUNA...





EXAVERDE

AR



de vista

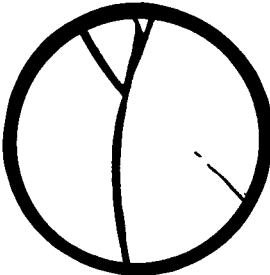
Entre as cartas que recebi comentando PSIU 2, uma se destacou por se deter minuciosamente num dos textos da revista, criticando-o, analisando-o, contestando-o. Escolhi então esta carta, de Juliano Ventura Veado, para inaugurar esta seção, onde o leitor pode dar sua opinião de uma maneira mais detalhada. Este espaço permanecerá aberto em números futuros não só a comentários sobre PSIU mas a textos de leitores sobre quadrinhos em geral.

Notei em certos artigos da revista que você faz certas afirmações talvez um pouco absurdas, como por exemplo, no que diz respeito aos personagens Disney, no qual você mistura a fantasia com a realidade. O personagem Pardal é um inventor que não faz questão de mostrar para que será usado o invento e muito menos de como ele é feito, ou seja, deixa o próprio leitor imaginar como esse invento foi feito e como será usado. É melhor dizer do autor e criador: Walt Disney. Disney apenas se preocupou em mostrar ao leitor que geralmente é uma criança, que Pardal é um gênio que às vezes se passa por louco. A preocupação com técnica e finalidade aí no caso, fugiria da temática, que seria proporcionar à mente das crianças uma chance para a criatividade. A própria revista em si com desenhos e balões já dificulta a criança a desenvolver sua criatividade, pois já está tudo ali na mão. O que não está na revista, a criança vai buscar com sua própria imaginação. A própria criança vê que, sendo o personagem vivido por um pato, a impressão já se torna nítida que histórias como as de Walt Disney são irreais e fantasiosas, e um simples invento apresentado sem lógica tornaria a leitura desta criança ainda mais fantasiosa. E assim sendo, ela veria que tudo o que se passa ali dentro da revista é pura mentira, acreditando e discernindo o real do imaginário.

Concordo com você que, nestas revistas, as influências negativas como violência, capitalismo e escravismo estão presentes e deveriam ser evitadas para não repercutirem de forma a vir prejudicá-las futuramente. Revistas que antes pareciam ser indicadas exclusivamente para crianças, como as do Maurício de Souza, devido ao ar de criança, já não o são, devido às influências negativas nelas contidas, como: violência (da personagem Mônica), sujeira (do personagem Cascão) e a fala errada (ou elada do Cebolinha). Parece realmente tudo muito bonito para as crianças, mas para os adultos a influência errônea é um sinal de que todas as revistas para o público infantil estão inconscientemente, prejudicando-o.

Minha opinião sobre esse artigo: você mostrou a mesma coisa como se alguém virasse para uma criança e discutisse a respeito da revolução racista na África atualmente, ou sobre a política salarial adotada pelo governo Sarney. Ou analisando melhor, procuraria um estudioso ou profissional em raridades para estudar o tamanho da boca do lobo mau quando engoliu a vozinha inteira na história do Chapeuzinho Vermelho.

No mais, achei que você enfatizou com uma visão adulta e realista demais.

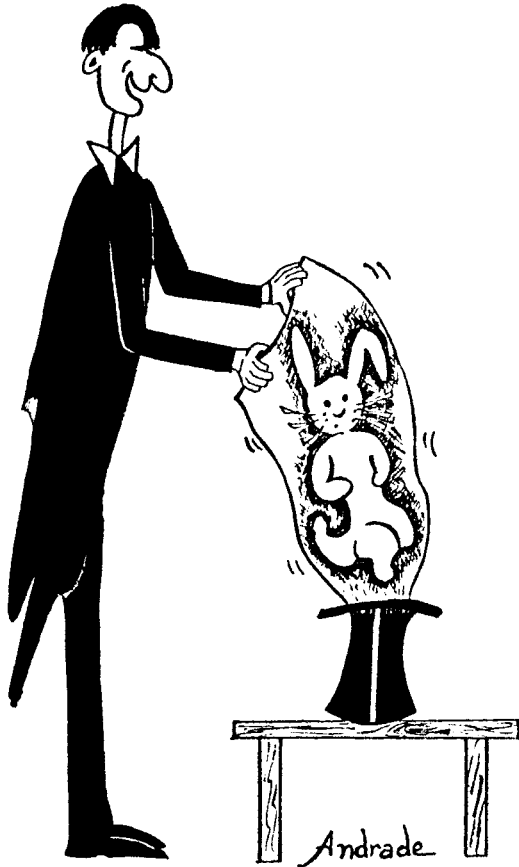


Os cartuns da página seguinte me foram enviados pelo Antonio Fernando de Andrade, de Pernambuco. Andrade publicou charges nos jornais 'Diário da Manhã', em 1980, e 'Jornal da Cidade', em 1982, de Recife. Participou dos três primeiros Salões de Humor do Piauí, do X Salão de Humor de Piracicaba, do I Salão de Humor de Pernambuco e dos Salões Internacionais do Japão e da Bélgica, entre outros. Em dezembro de 1984, realizou a I Mostra Individual de Cartuns, uma exposição de cartuns somente seus, em Recife.



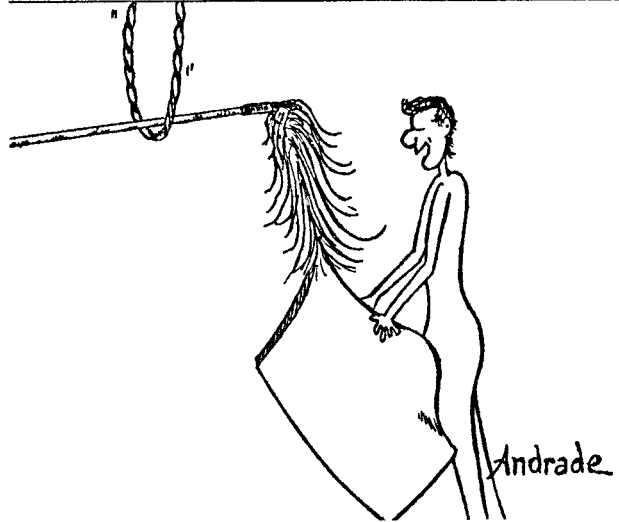
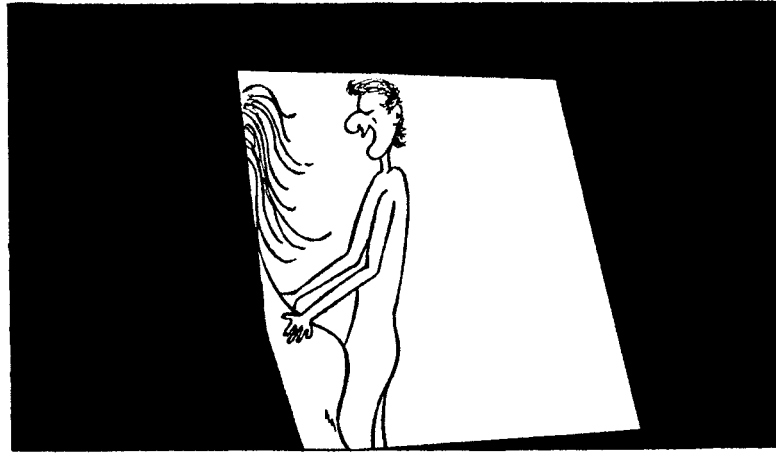
Andrade

SEX



Andrade

MIRAGEM



Andrade

ESPERANDO A...



FAQUIRO



LIBERDADE



A.F. Andrade



Andrade

... E ENVIAR
A MORTE ?



Folha de S. Paulo. 25*01*86
**Mostra de quadrinhos
brasileiros na França**

Dez desenhistas — Paulo Caruso, Angeli, Claudio Paiva, Jô Oliveira, Luiz Gê, Deodato Borges, Edgar Vasques, Flávio Colin, Henfil e Santiago, escolhidos por comissão composta de Ziraldo Alves Pinto, presidente da Funarte (Fundação Nacional da Arte), Reinaldo Baptista Figueiredo, editor do "Pasquim" e Marco Antonio e Rick, do NAG (Núcleo de Artes Gráficas) — estão participando do "13º Salon de la Bande Desinée" de Angoulême, na Charente, sudoeste da França.

Atividades da Administração

A implantação do Posto de Serviço Integrado Urbano — PSIU, no Barreiro (foto) e que será instalado, ainda este ano, em ou-

tros bairros populosos de Belo Horizonte, foi um dos fatos de destaque das atividades da Secretaria da Administração no

ano passado. Também as melhorias salariais para o funcionalismo público estadual receberam referência especial.

principalmente a concessão do 13º salário, fato inédito nos governos estaduais.

(Páginas 4 e 5)



Olhai! o plágio! A nota acima saiu no jornal Minas Gerais.



Alguns dos trabalhos selecionados no salão deste ano



O humor em Piracicaba, no salão e no livro.

politiQUA
O DISCURSO POLITICO DOS QUADRINHOS

Na minha opinião, o logotipo mais bonito dos fanzines. Em 2º lugar vem o do 'Fanzim'.

Fanzim
Um banho de Nostalgia

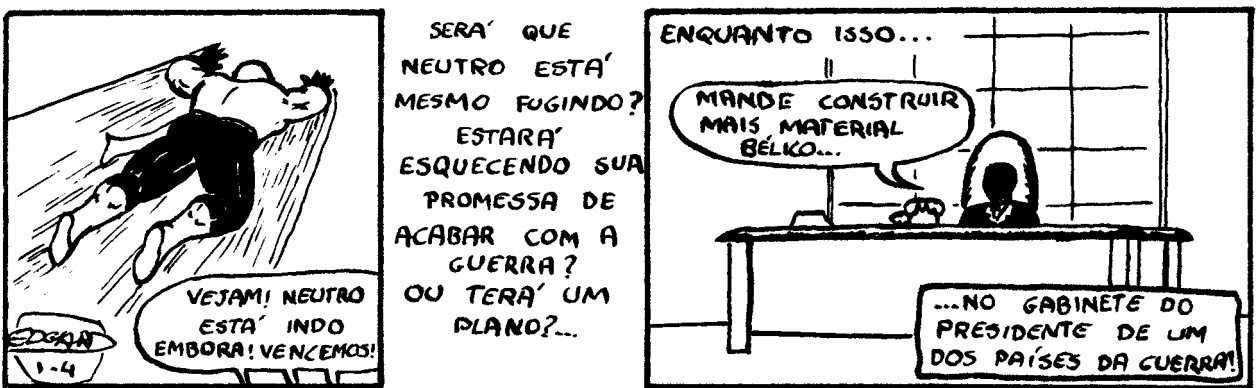
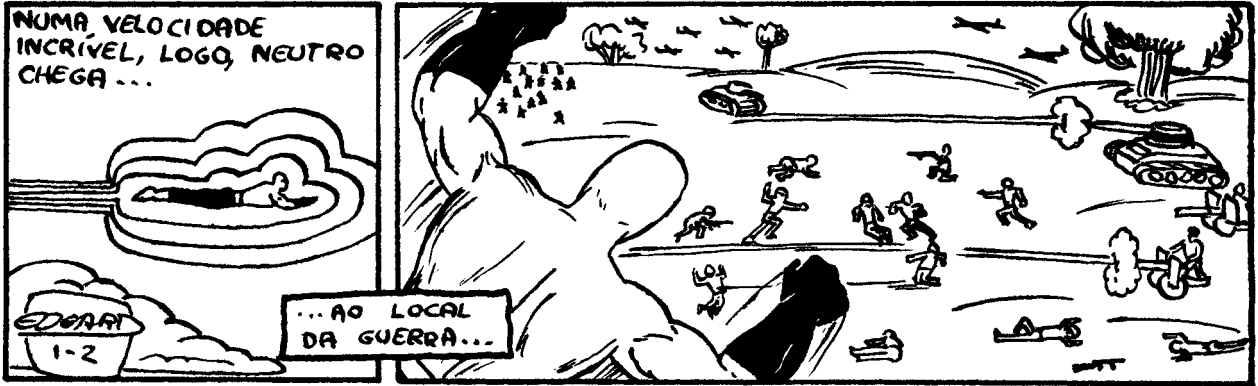
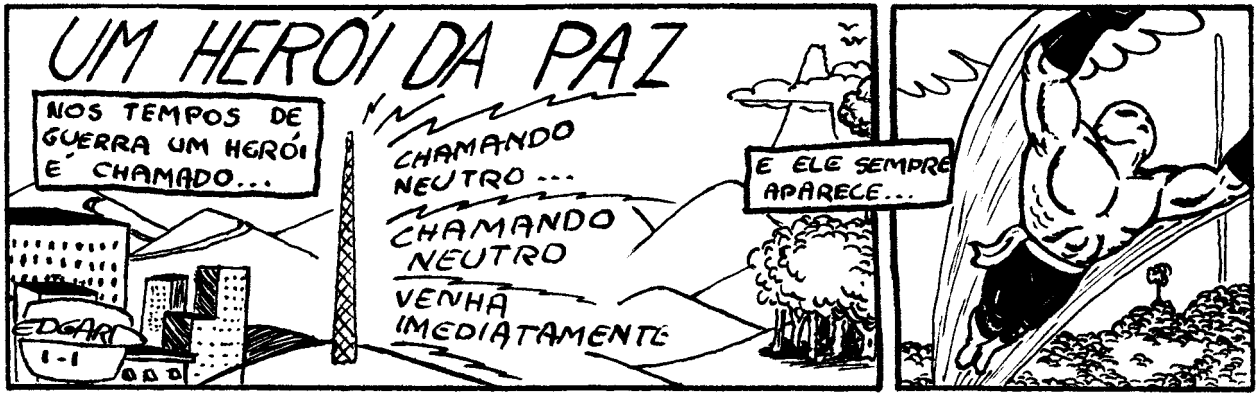
Dos quase 1.500 cartuns inscritos, de dez países, 171 foram selecionados e fazem parte do Salão de Humor de Piracicaba, deste ano, que vai até o próximo dia 8. Além deles, também estão expostos originais de histórias em quadrinhos brasileiras (mostra organizada pela AQC — Associação dos Quadrinistas e Caricaturistas) e estrangeiras (da editora Milano Libri e da Agência Quipos, da Itália).

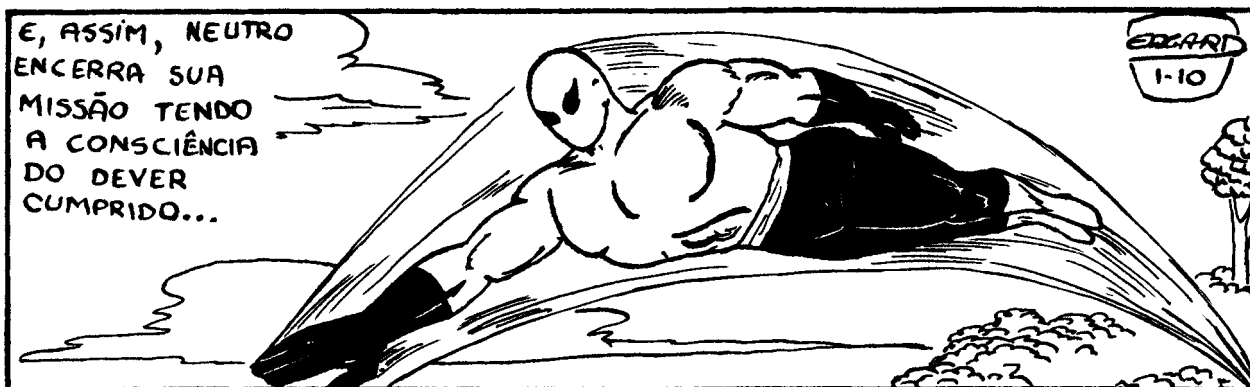
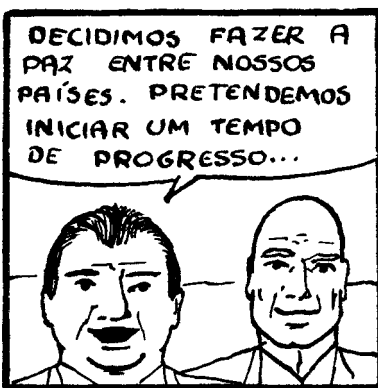
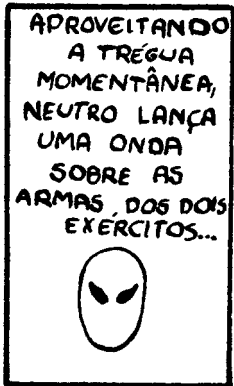
Desses inscritos, 30 foram premiados pelo salão, entre eles Gilmar de Godoy (Gil), Prêmio IstoÉ; Lailson de Holanda Cavalcanti, Prêmio Imprensa; Neltair Abreu (Santiago), Prêmios Prefeitura do Município de Piracicaba; Márcia Pereira Braga, Prêmio S&R de Caricatura; Antonio Marcos Camargo, Prêmio IstoÉ Mais Jovem Selecionado; Paulo Caruso, Prêmio Imprensa Hors Concours; Luís Osvaldo Carneiro Rodrigues, Lor e Jornal Planeta Diário, menções honrosas.

O salão atual tem também uma boa novidade para os aficionados do humor: o lançamento do livro **Piadas do Salão**, publicado pela Imesp (Imprensa Oficial do Estado de São Paulo), que está à venda durante a mostra. Ele traz reproduções coloridas de todos os cartuns premiados entre 1974 e 1984, assim como dos cartazes de todos os salões já realizados.

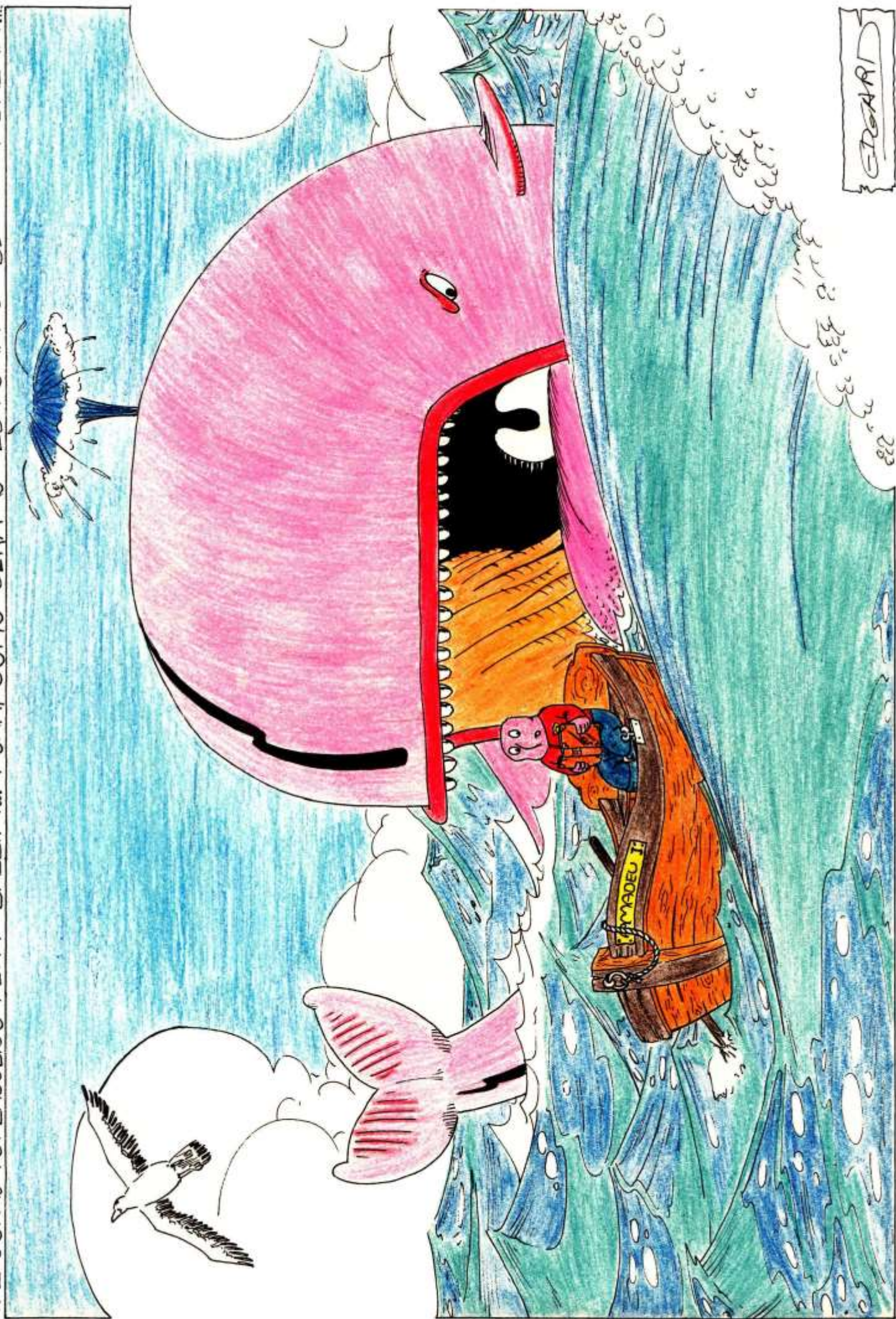
O livro foi publicado com apoio cultural da revista **Senhor**, tem projeto gráfico da capa de Angeli e Paulo Caruso, com cartuns de Glauco e Alcy, mais 120 páginas em papel couché. A tiragem é pequena: 1.500 exemplares. Portanto, os interessados devem correr. O preço do exemplar é Cr\$ 27 mil e o salão — promoção da Coordenadoria de Ação Cultural da Prefeitura de Piracicaba, com apoio de Imesp, Varig e Revista IstoÉ — permanece aberto das 14h às 22h de segunda a sábado. Aos domingos, das 10h às 22h, sempre com entrada franca.

A seguir, diversos trabalhos meus, que julguei mais ou menos aproveitáveis. São eles: uma HQ feita em dez tiras, há mais de dez anos, estrelando o herói chamado 'Neutro', com desenhos e texto deixando ainda muito a desejar; dois cartuns com o personagem 'Amadeu', no original, em cores; um desenho feito a lápis, que enviei à Rio Gráfica Editora, na época da 'Kripta'; a redução de um poster que me deu na telha fazer; quatro cartuns de '78, feitos a lápis e dos quais gosto muito; uma HQ feita para explicar o ciclo vital, incluída num trabalho escolar; uma página de gags com super-heróis (?); dois desenhos que foram capas de apostila; um mini-poster; e as 14 tiras do 'Dario e Temístocles'. Ufa!





... E JONAS FOI ENGOLIDO PELA BALEIA... PUXA, COMO SERÁ O ESTÔMAGO DE UMA BALEIA?



HAVIA MAIS
DESERTO!...

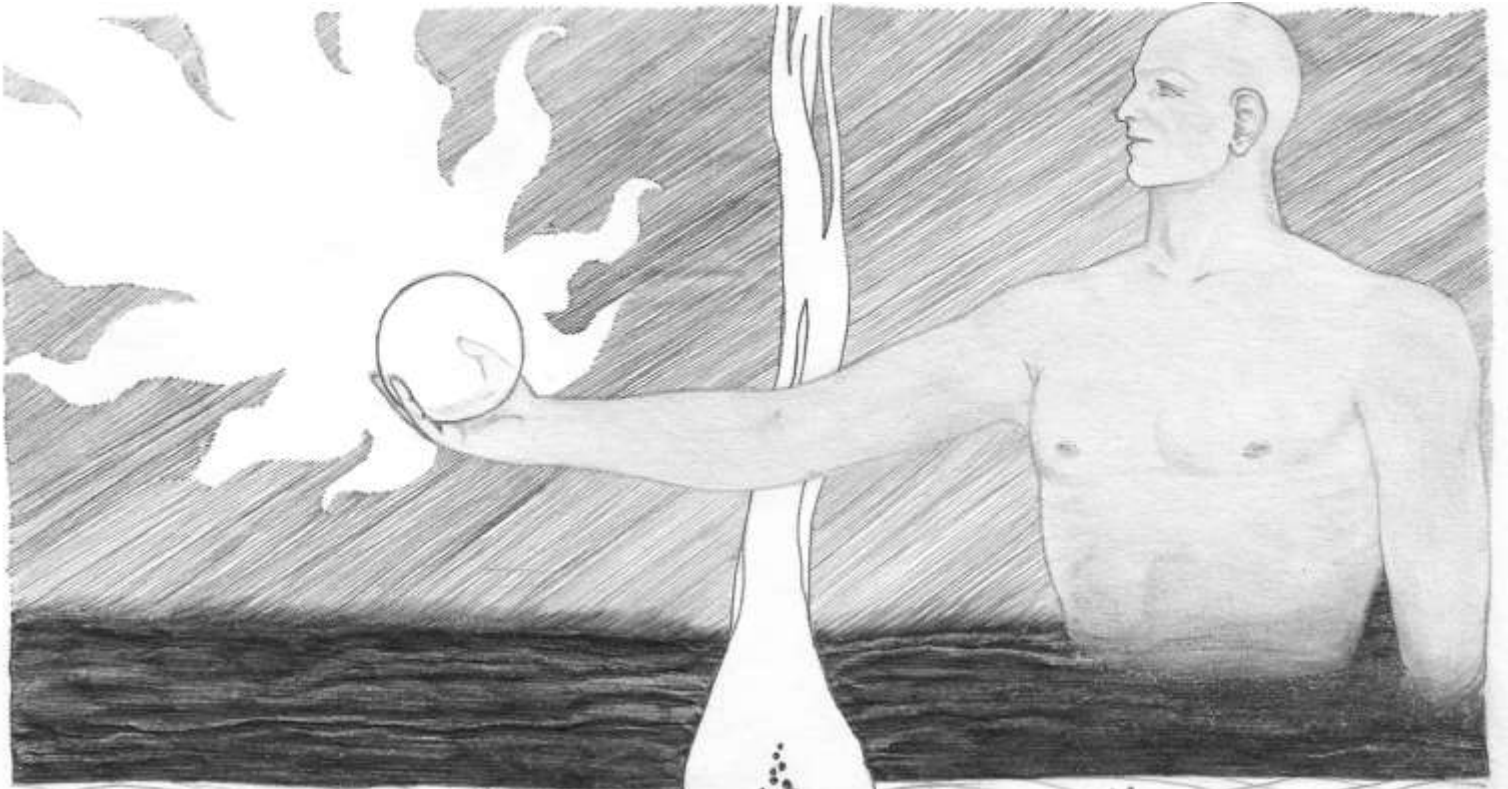


—EI... VOCÊ TEM CERTEZA DE QUE ISTO É UM TRUQUE CINEMATográfico?..



CHICO
GUILHERME

A CADA DUNA,
MENOR IA FICANDO
NOSSA ESPERANÇA...

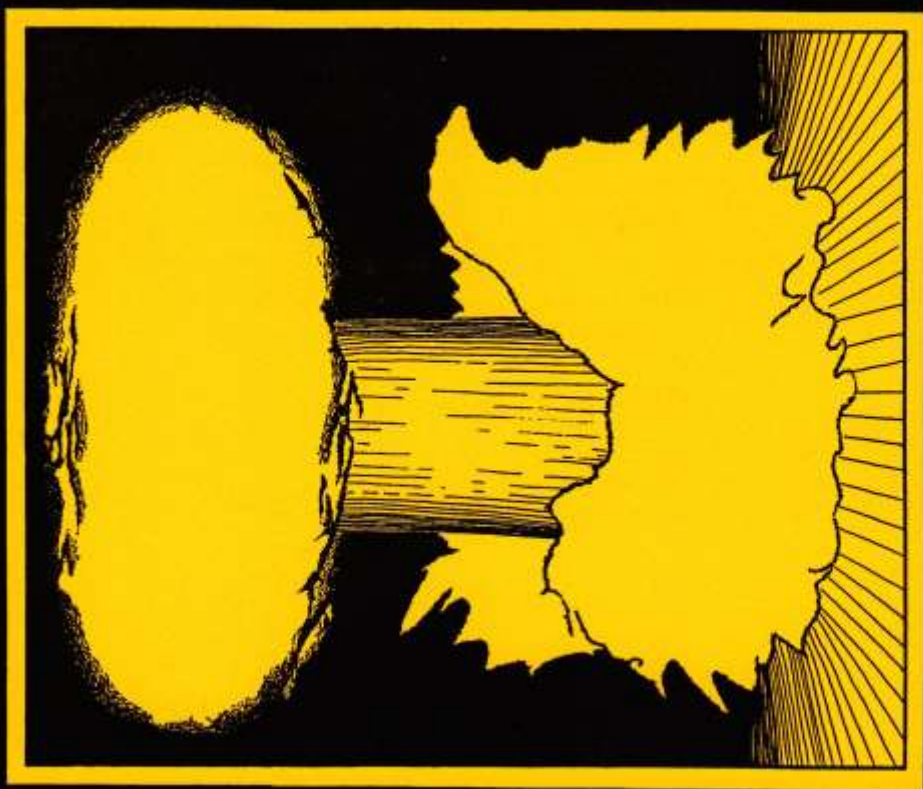


EDSON
GONCALVES

ATÉ QUE
PARAMOS!



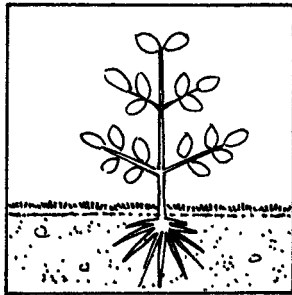
© 2008
Dynamilis



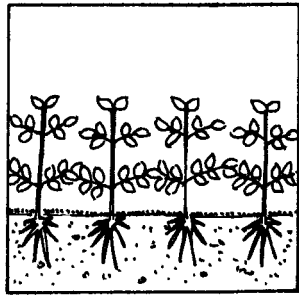
**QUERO
FICAR
SO...**



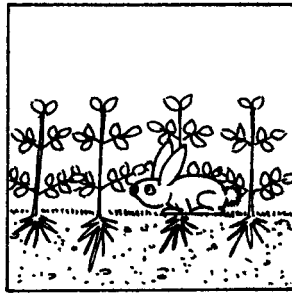




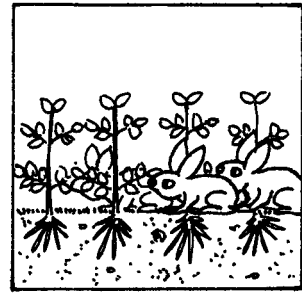
UMA PLANTA...



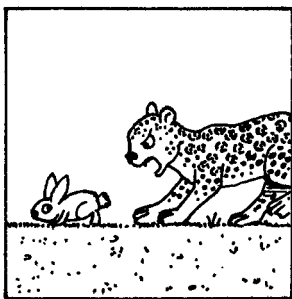
MUITAS PLANTAS...



UM HERBÍVORO
ALIMENTANDO-SE
DE PLANTAS...

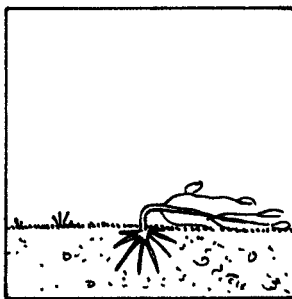


MUITOS HERBÍVOROS
ALIMENTANDO-SE
DE MUITAS PLANTAS...

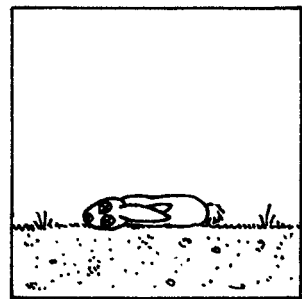


UM CARNÍVORO
SE ALIMENTANDO
DE HERBÍVOROS...

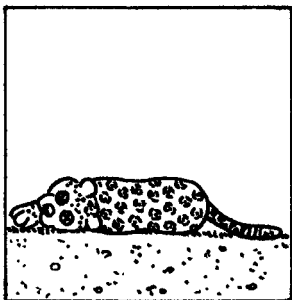
ENQUANTO
ISSO...



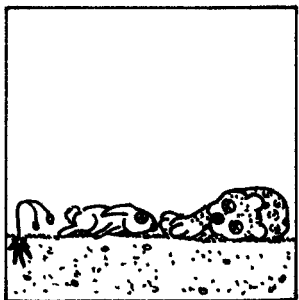
AS PLANTAS QUE
NÃO SERVIRAM DE
ALIMENTO
MORREM...



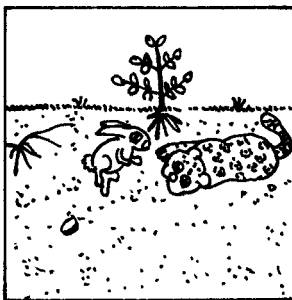
OS HERBÍVOROS QUE
NÃO SERVIRAM DE
ALIMENTO
MORREM...



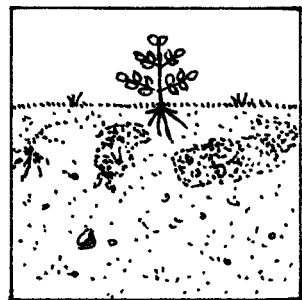
OS CARNÍVOROS
TAMBÉM MORREM...



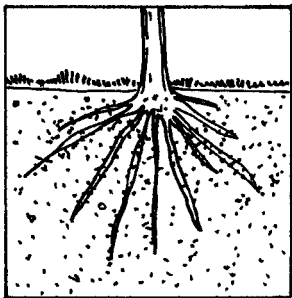
TODOS OS SERES
VIVOS MORREM...



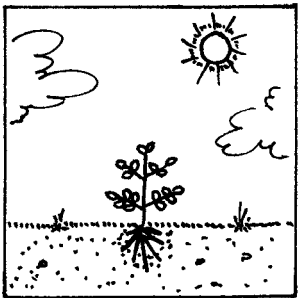
O SER MORTO SERVE
DE ALIMENTO PARA OS
MICROORGANISMOS
DECOMPOSITORES...



ESTAS BACTÉRIAS
DEIXAM COMO RESÍDUO
DA ALIMENTAÇÃO,
ELEMENTOS BÁSICOS.

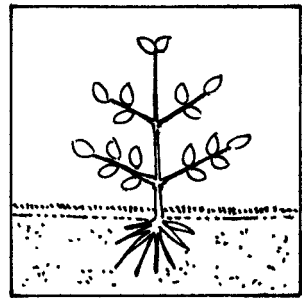


ESTES ELEMENTOS
QUE SÃO MOLÉCULAS
MINERAIS SIMPLES,



SÃO UTILIZADOS NA
FOTOSÍNTESE DE
COMPOSTOS ORGÂNICOS
PELOS VEGETAIS...

E ASSIM,
COMPLETA SE
O CICLO...



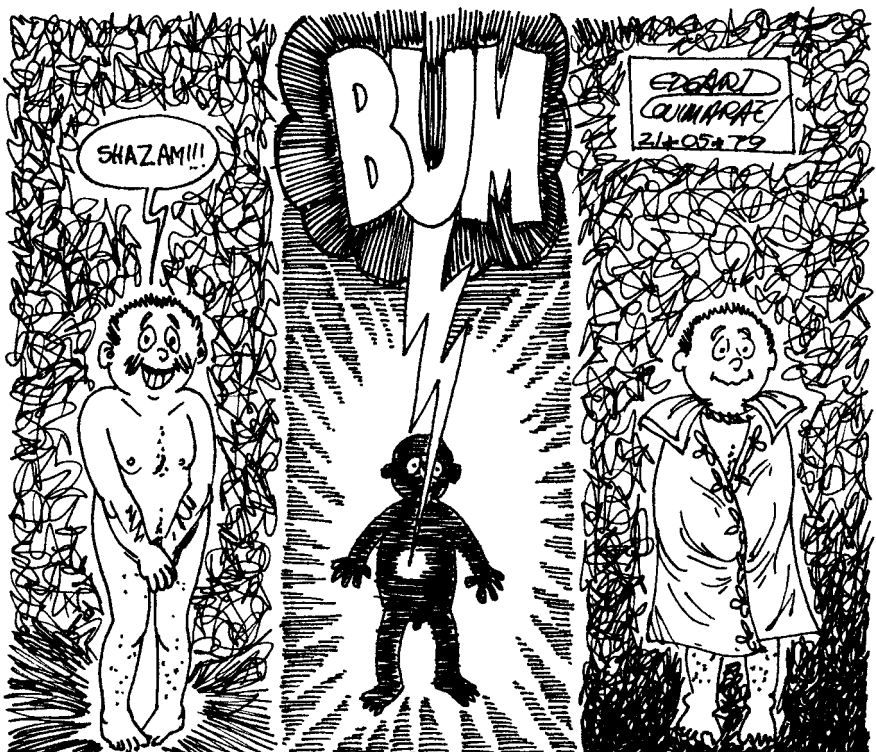
UMA PLANTA!

PARANÓIAS
E FICAMOS A
ESPERAR NA
MORTE...

ORGULHOSAMENTE APRESENTAMOS OS

SUPER-HEROIS

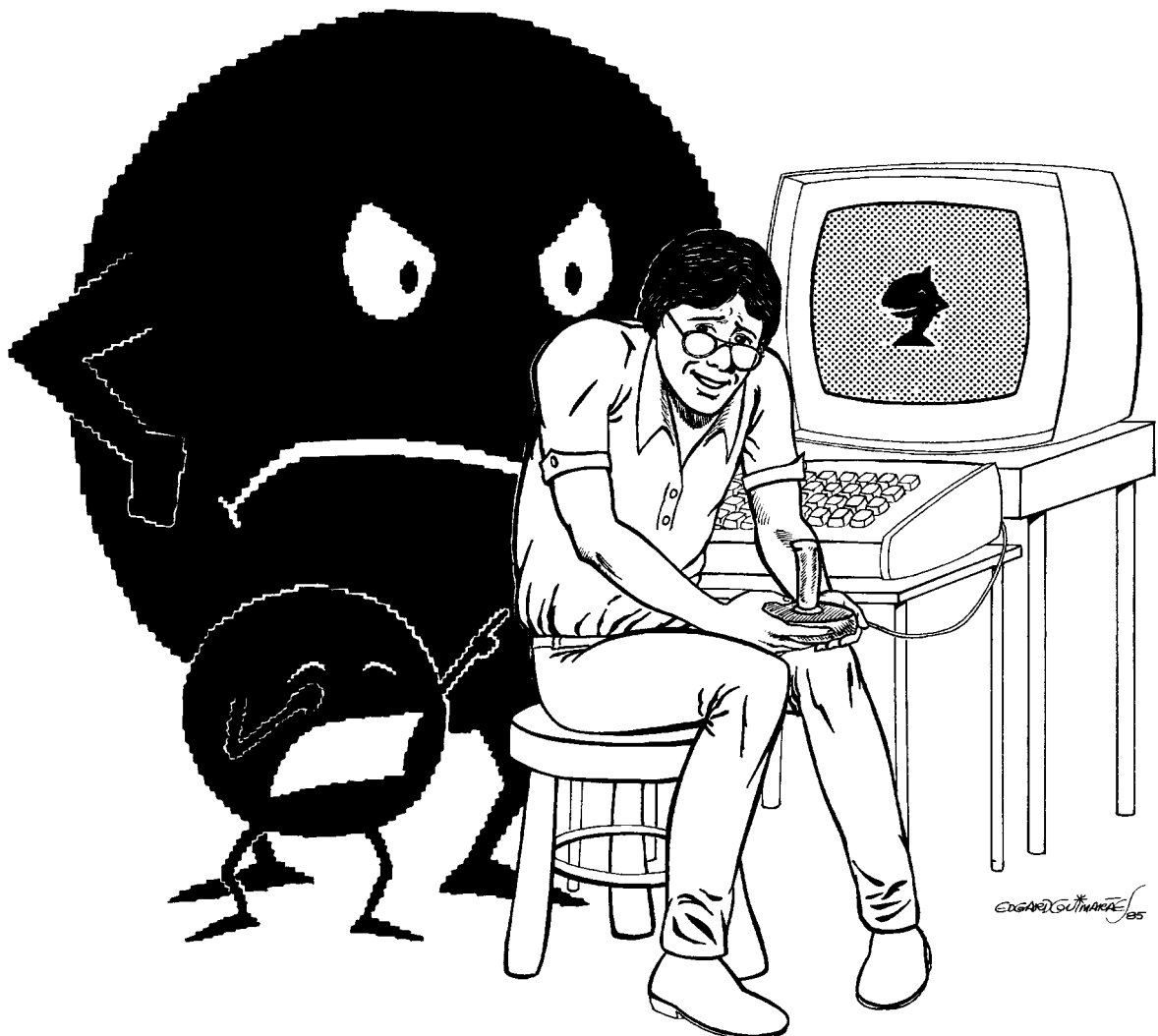
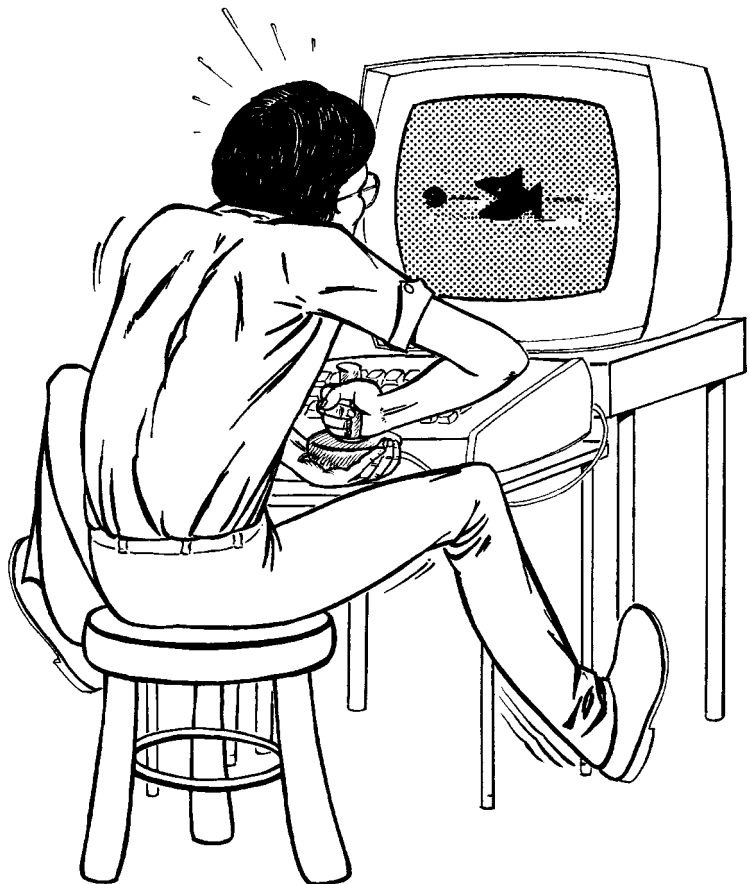
OU OS PODERES QUE ESTÃO INVENTANDO,
HOJE EM DIA, PARA PODEREM SOBREVIVER...





No 1º semestre de 1985 desandei a dar cursos de computação e o fiz em três cidades simultaneamente. No curso dado em Brasópolis, foi preparada uma apostila dividida em duas partes. Com um tempinho que me sobrou, fiz as capas das duas partes formando uma HQ de dois quadros, como mostrado ao lado.

**CURSO
DE
PROGRAMAÇÃO
LINGUAGEM
BASIC**



EDUARDO SUZUKI '85

TODA NOSSA
VIDA COMEÇOU A
SE FILAR DIANTE
DE NOSSOS OLHOS...

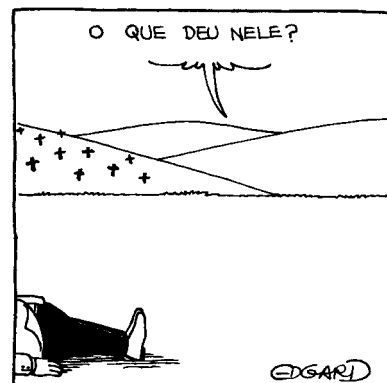
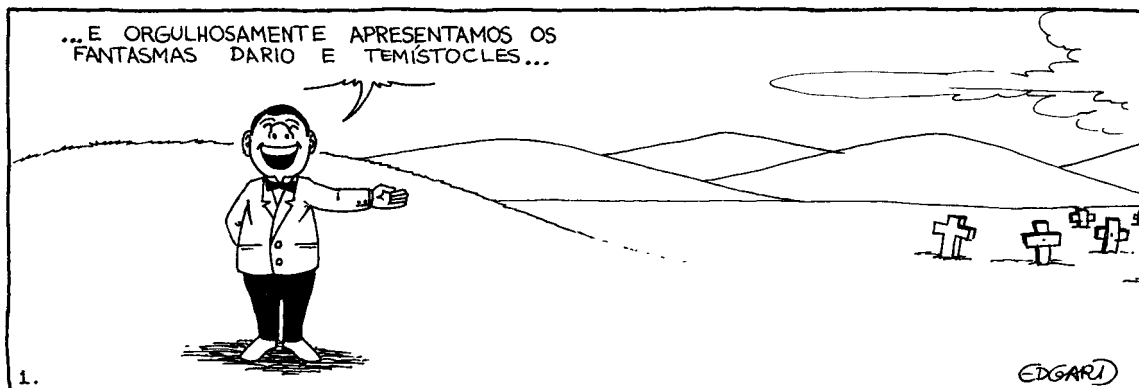


EDGAR QUITMAN



DARIO e TEMÍSTOCLES

Há uns quinze anos atrás imaginei como eu faria quadrinhos se não soubesse (ainda que mal) desenhar. A solução foi simples. Bastou criar personagens invisíveis. E assim surgiram 'Dario e Temístocles'. Para fazer uma tira era preciso apenas uma paisagem simples de fundo e os diálogos entre os dois. Fiz na época doze tiras com eles, embora nas oito primeiras aparecesse um apresentador não invisível. Um amigo da família, que morava no Rio de Janeiro, viu as tiras e quis levar para mostrar para um 'entendido' do Rio. Consegui tirar um xerox péssimo (apagadíssimo) antes de perder definitivamente as tiras. Esse xerox inaproveitável hibernou no meio de meus desenhos. Há uns dois anos, pensando em como atender ao pedido de colaboração do Pazelli (8ª Arte) de um modo que não ocupasse muito tempo (que na época me era escasso) 'descobri' o tal xerox. Resolvi então refazer as tiras especialmente para o '8ª Arte' e, de quebra, fiz mais duas. Enviei-as ao Pazelli mas o fanzine parece que cansou. Publico-as então.





É CLARO QUE PODEMOS... MAS HÁ UMA CONDIÇÃO!...



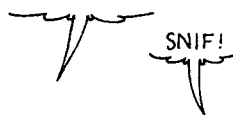
E VOCÊ, TEMÍSTOCLES?

HER...EU?...



CALMA, TEMÍSTOCLES! NÃO CHORE! EU ESTAVA MENTINDO! EU NÃO FUI O DARIO DA PÉRSIA...

SNIF!

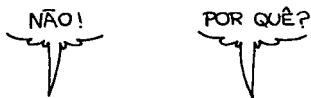


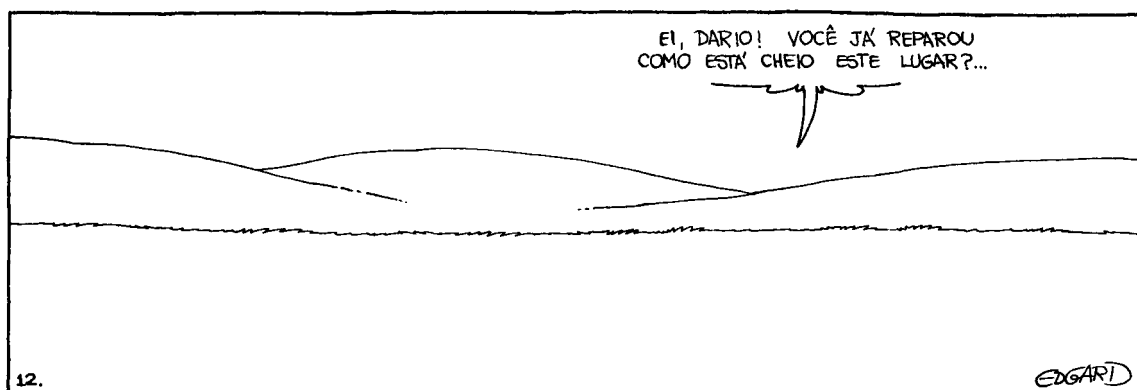
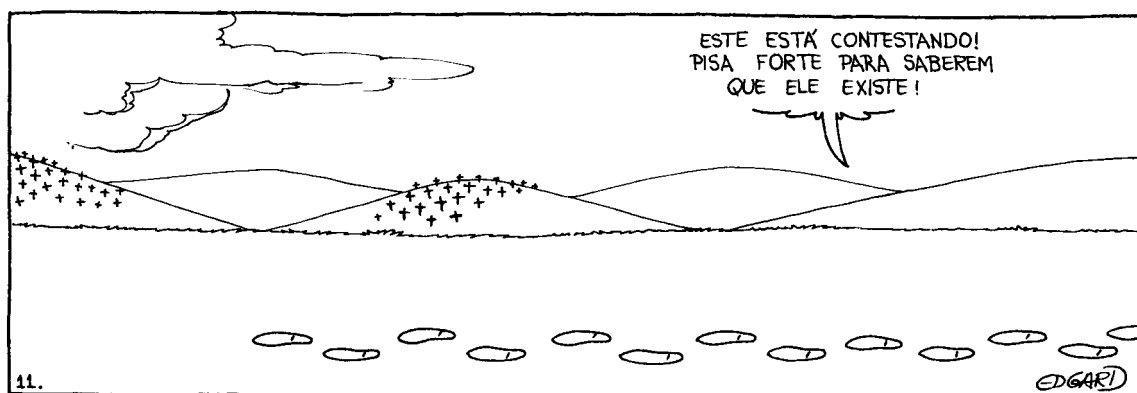
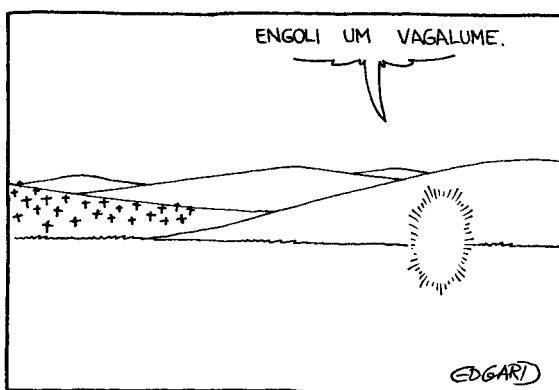
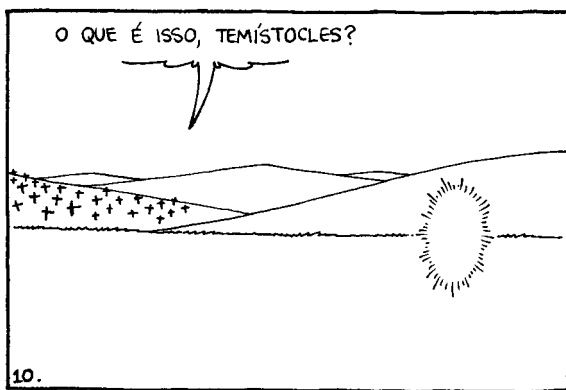
EU VOU EMBORA! VOU APRESENTAR UNS NOVOS PERSONAGENS...



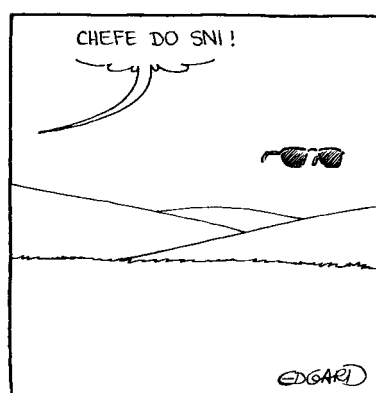
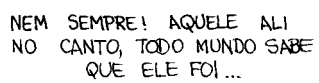
NÃO!

POR QUÊ?

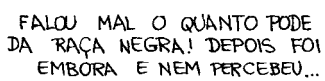


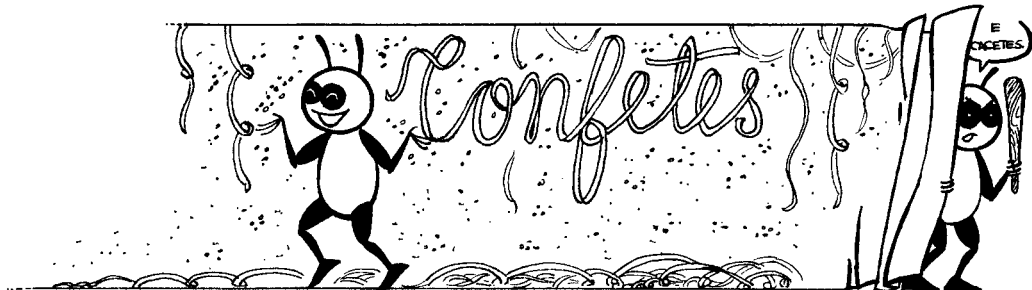
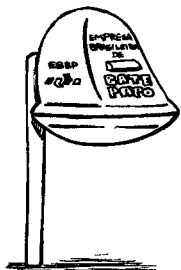


NEM SEMPRE! AQUELE ALI
NO CANTO, TODO MUNDO SABE
QUE ELE FOI...



FALOU MAL O QUANTO PODE
DA RAÇA NEGRA! DEPOIS FOI
EMBORA E NEM PERCEBEU...





OSCAR KERN - 'HISTORIETA'

Psiu, Edgard!

Pois quando eu já nem esperava mais, eis que surge PSIU/QUADRINHOS nº 2. Uma boa edição. Procurei o preço, mas não vi nada. Não acredito que esteja assim baratinho. Diga o preço, Edgard, e mande mais dois exemplares do nº 1 e dois do nº 2, que pretendo remeter para amigos na Espanha e em Portugal.



Mas então cê deu um "flagra" no Tio Patinhas? E pensar que tive histórias recusadas pela Abril por apresentarem situações de sequestro de um avião (um "folgado" querendo ver as neves de Bariloche - história do Zé Carioca), por gozação com o sagrado Imposto de Renda (história também do Zé Carioca) e dos sobrinhos de Donald (se divertindo ao ler cartas de amor do tio à Margarida' (história anti-pedagógica, segundo eles)...

Espero que PSIU/3 já se encontre em preparo.

O Oscar não encontrou preço no fanzine porque o exemplar dele era de presente. É o mínimo que posso fazer por quem já editou oito números de uma revista do porte de 'Historieta' e ainda não desistiu. O flagra a que Oscar se referiu é o 'Fala, quadrinho' sobre Tio Patinhas, que saiu na pág. 22 de PSIU 2. O Oscar já trabalhou como roteirista para os estúdios Disney no Brasil e, como disse, sofreu com a censura interna (que alguns preferem chamar de editoria) da Editora Abril.



JOSÉ CARLOS NEVES - 'HIPERESPAÇO'

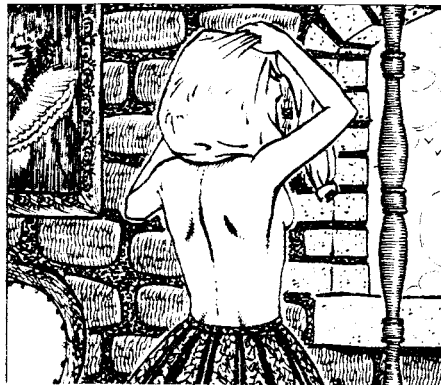
Mas, cara, tu ainda chama isto de fanzine??? É um verdadeiro compêndio sobre a OITAVA ARTE. Valeu a demora e a expectativa da espera por este PSIU 2, que já nem tinha esperanças de receber (vi uma nota no FANZIM do amigo Aníbal e fiquei matutando porque você não havia me enviado...mas constatei que não se esqueceu dos amigos mais "antigos"; obrigado)...



...Pô, cara, tu tá se revelando como crítico. Mais até que como quadrinista mesmo, pois como sabe não aprecio muito o estilo, vamos dizer, "infanto-juvenil", ou caricato, ou estilizado de desenho. No entanto, uma ressalva: tua HQ "A HONRA DOS BROSSABOURG". Cara, demais! Merece figurar em qualquer antologia dos quadrinhos nacionais, sinceramente, não é puxa-saquismo não. As tirinhas espaciais também, de cima da página e que culminam com um final inesperado e instigante, numa página inteira (última) estão tri-legais. Noto como você amadureceu bastante na arte, difícil arte das HQs. Teu discurs-

so então, mereceu sim figurar neste nº 2. Pena que nem todos tenham esta consciência de verdadeira "retidão", como objetivo e caminho de vida, hoje relegada a segundo plano, suplantada pelo poder da grana. É isto aí, meu irmão!...

O atraso que PSIU 2 sofreu na gráfica me causou alguns aborrecimentos extras. A gráfica me prometeu a revista pronta no dia 25 de janeiro de 85. Enviei então um impresso anunciando a revista a cada provável comprador, ou seja, aqueles que já haviam me prestigiado adquirindo PSIU 1 e outros, cujos nomes obtive de amigos fanzineiros. Aqueles a quem pretendia enviar o fanzine de presente, ou em retribuição a um fanzine recebido, ou como modesto brinde à sua luta pelas HQB, não enviei o impresso. Estava certo que já teria a revista em mãos antes de obter a primeira resposta ao impresso enviado. O fato é que a gráfica me enrolou até junho, quando decidi procurar outra gráfica, que me entregou o serviço no final de julho. Nesse meio tempo, alguns fanzines anunciaram PSIU 2, como pronto, sem saber do atraso da gráfica. Alguns amigos que não receberam o impresso se sentiram esquecidos, e este incidente não deixou de me preocupar. Com PSIU TRÊS, isto não há de ocorrer.



ANÍBAL BARROS CASSAL - 'FANZIM'

Foi com grande alegria que recebi o PSIU/2, sessenta páginas do mais puro quadrinho nacional. Você merece os parabéns, erguendo, da mesma forma que o Sgarbi, sua trincheira contra a invasão estrangeira. Diagramação original, boa impressão, histórias de muito bom nível, matérias sobre HQ e quadrinheiros, tudo isso resume PSIU, que é hoje, inegavelmente um dos melhores fanzines brasileiros, ao lado do QUADRIX, do GRUPO JUVENIL, do JORNAL DA GIBIZADA, da HISTORIETA, do PICA-PAU, etc. Excepcional a matéria "Quadrinhos & Educação", nota dez. Gostei também de tua quadrinização do conto de Georges Moinaux. Mas tudo no PSIU está em altíssimo astral, valeu o esforço!



O Aníbal só esqueceu de incluir um tal FANZIM entre os melhores; tomara seu editor não ligue.





VALDIR DÁMASO - 'JORNAL DA GIBIZADA'

Muito bom, mesmo, o seu Psiu! nº 2. A sua criatividade é extraordinária e o seu trabalho merece ser visto por um público maior. Psiu! deveria ter circulação nacional, mas infelizmente as nossas editoras pouco se interessam pelos nossos artistas. Um abraço e continue com a sua revista. Um dia, quem sabe, teremos Psiu!, ou o seu trabalho, nas bancas de todo o Brasil.



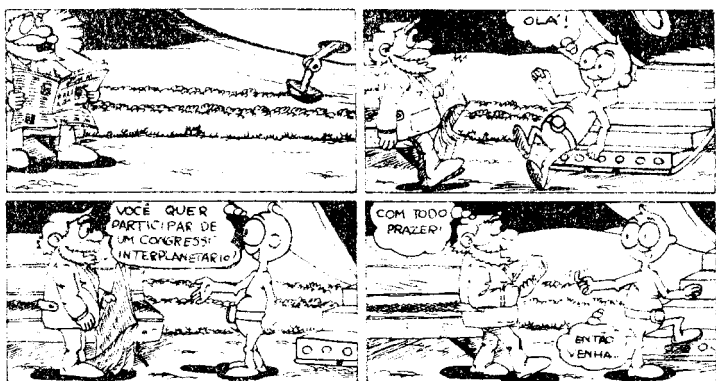
PAZELLI - 'OITAVA ARTE'

Ótimo nº 2 de PSIU. Muito caprichado. Bons os comentários. Excelente a diagramação. Valeu a pena esperar. O texto 'Patinhas Explorador' mostrou muito bem como o quadrinho pode ser manipulado para influir negativamente nas crianças. Um dia, (no nº 1 de 'Oitava Arte') fiz este comentário e recebi críticas severas. Disseram até que eu não sabia do que estava falando. Você veio endossar as minhas palavras no "Fala, Quadrinhos".



Há três fanzineiros que me causam inveja por um mesmo motivo. São eles: Jorge Barwinkel, Anibal Cassal e Valdir Damaso. O motivo: a disposição com que trabalham, o que resulta na quantidade de números que conseguem editar por ano. O Barwinkel mantém o 'Grupo Juvenil' com periodicidade trimestral, o Anibal solta o 'Fanzim' adiantado com relação à data de publicação, e o Valdir comemora 1 (um) ano do 'Jornal da Gibizada' com oito números editados. Como diz no nº 9 do 'Gibizada', são "174 páginas que compuseram os 8 números de 1985..."

O Pazelli conseguiu reunir muito material bom em seu 'Oitava Arte', mas o fanzine parece que está hibernando. Já há algum tempo que não se tem notícia dele. Eu me lembro do Pazelli dizer que a maior dificuldade era conseguir originais. Muitos desenhistas do Rio, mesmo sem ter onde publicar, recusava-se a colaborar com o fanzine, por não ser remunerado.



AIMAR AGUIAR - 'NOSTALGIA DOS QUADRINHOS'

Acuso o recebimento do seu brioso fanzine "PSIU QUADRINHOS" nº 2, o qual agradeço por tão valiosa peça no meu arquivo... Só a capa vale por todo o fanzine, bem bolada. Gostei muito da seção "Fanzineiros, uni-vos", onde divulga todos os fanzines em circulação. Excelente artigo "Fala, Quadrinhos Engajados". O brilho maior foi "Quadrinhos e Educação". Nota dez pela história e personagem do Emir, "Pátima, a mutante". Boa história e enredo, espero que no nº 3 esta personagem volte a brilhar. Amadeu e Afonso, razoável, já a "Honra dos Brossabourg", excelente. As outras histórias, regulares. É isso aí, Edgard, vá em frente, amigão, não pare, vamos lutar todos os fanzineiros, desenhistas, roteiristas, esta luta dos 50% dos quadrinhos nacionais.

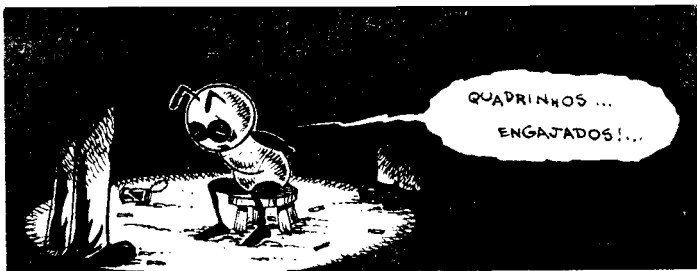


FRANCO DE ROSA - 'QUADRIMANIA'

Edgar velho, desculpe o atraso e a pressa... Seu "zine" você poderia procurar imprimir via Worney do Quadrix. É mais barato e ele é um cara muito legal. Escrevalhe. O Psiu 2 não achei tão forte quanto o 1º, faltou mais críticas, matérias e estudos sobre HQ. Gostaria que fosse 50% de cada coisa. Seus roteiros estão razoáveis. Vamos aproveitar os dois. Só que falta mais ritmo. Mais velocidade. Mas o importante é que são originais. Vamos aproveitá-los com pequenas modificações. OK? Escreva a respeito.

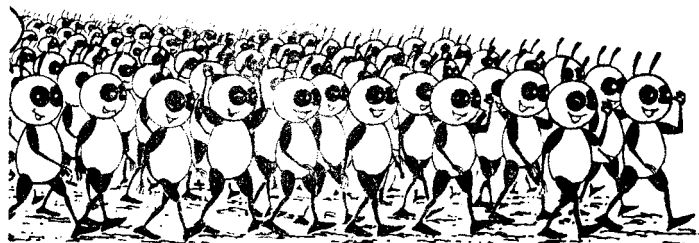


Como já tive oportunidade de dizer, Aimar é detentor do recorde de duração de um fanzine. Seu 'Nostalgia dos Quadrinhos' já se encontra no nº 53.



CARLOS FÉLIX REINERS CARVALHO

Você nem imagina com que alegria deparei-me com o envelope contendo o PSIU 2. Enquanto não o li e reli quinzentas vezes, não sosseguei, está sensacional! A capa e contra-capas, um barato, muito criativa, legal mesmo. As HQs (as de uma página) estão um estouro, espero que continue fazendo-as, eu me divirto demais com elas. Parabéns, Edgard, sua "revista" está excelente! Psiu,

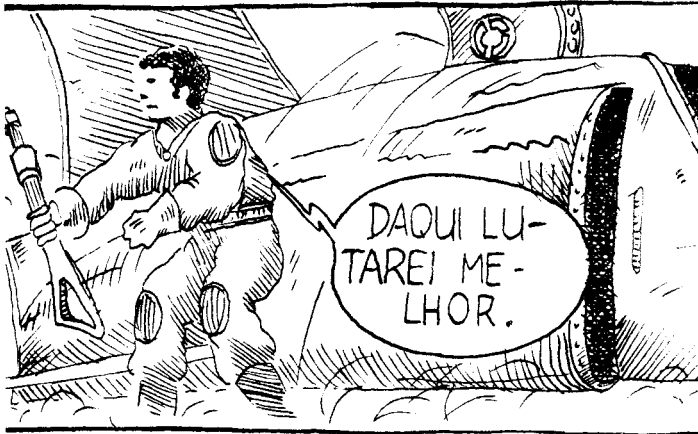


PIOR QUE
A FOME, A SEDE,
O CALOR,
O CANSAÇO...



acredito com certeza, ter nas mãos uma revista de futuro, dessas que a gente lê e relê, lê e relê, lê e relê, etc... etc... milhares de vezes e não perde o tesão por ela. Gostei dos comentários que fez pelas HQs minha e de meu primo, realmente pude notar o que disse, graças ao meu desenvolvimento, valeu! Aproveito a oportunidade para lhe enviar mais uma, bem mais elaborada, desenhos e texto, espero que goste. P.S. Parabéns pela criativa HQ do... teto?! É, acho que é!... do teto da revista, está um barato, continue.

A nova HQ do Félix entrou neste número e, realmente, pode ser constatada a evolução que houve em relação à publicada em PSIU 2.



MARCO ANTONIO MÜLLER - 'MUTAÇÃO'

Recebi há um tempinho atrás o PSIUDOIS, tava bom a beça, o formato dá uma vida aos desenhos, para mim este número esteve melhor que o UM, creio que pela variação de desenhistas, não querendo, claro, desmerecer seus desenhos. Eu sei pelo MUTAÇÃO, no nº 2, eu botei só HQ minha e os caras reclamaram pedindo diversidade, eu mudei e recebi vários elogios, como creio que deva tá acontecendo contigo. Gostei muito da tua HQ da página 10, onde você mostra a discordância entre as raças. Muito boa mesmo! As HQs dos primos Reiners e Félix estavam boas apesar deles já estarem demonstrando um potencial maior nas suas HQs mais atuais. O Emir não mostra nenhuma diferença, sempre o mesmo estilo, boa foi a ideia de poder destacar as páginas onde apareciam cenas impróprias, que na realidade não tinham nada de impróprias. O portfólio do Mozart tá ótimo, no meu gênero preferido, a FC. Outra característica própria do seu fanzine são aquelas tiras na parte superior das páginas, que sempre têm um final magnífico. No mais acho que era isso, gostei muito do zine e espero os próximos números.

Minha intenção é manter a maior variedade de artistas possível, primeiro porque um dos objetivos de PSIU é ser um espaço aberto aos iniciantes, amadores ou inéditos; segundo, porque seria difícil eu produzir sozinho todo o fanzine. Espero que os amigos desenhistas continuem colaborando.



ODEIO NEGRO!...



ODEIO BRANCO!...

WALLACE VIANNA - 'LOGOTIPO'

É interessante a sua linguagem quadro a quadro, ela é Predominante em todo o fanzine. Tem-se que Ser observador para que esse detalhe não passe em branco. Outro detalhe bem característico do fanzine é a limpeza, bom acabamento, diagramação, etc. Mas a "marca" registrada do fanza é (são) as três primeiras páginas. Bom, até aí nenhuma novidade. Cê escreve boas matérias, não fica na dependência de ninguém para elaborar PSIU (exceto o tempo e \$). Seu quadrinho é muito bom, a arte final, como já mencionei, é boa e, como o Mozart lembrou, Parece um caso de miopia. Cê inova em muitas áreas e isso é bom, é alternativo, é nacional. Gostei muito das mensagens do tipo "abaixo a cultura imposta "made in uéssêi" ". "Out Disney" retrata bem as incoerências do Tio Sam. Aceita sugestão? Acho que tá faltando quadrinho do Henrique (Maria) Magalhães, da Cynthia, do Pazelli (8ª Arte) no seu PSIU. Já tentou contatar com eles? E falando em séquissi aPiu, achei legal "A Honra (...)", a última heroína da classe proletária "Fátima" e os últimos "cartuns infelizes". A maldade tá na cabeça de quem pensa. A seção de cartas tava meio curta. Só sete Pessoas responderam, só aquelas cartas eram "interessantes" ou foi falta de tempo? Xiii... uma crítica, não leva a mal: não gostei muito do Amadeu, do Afonso. Gostei das histórias, a arte achei mais fraca. É isso, cara. Bom fanza, bons desenhos, bons tudo. Só falta agora o nº 3, e as surpresas dele.



Aprecio muito o trabalho tanto do Henrique quanto da Cynthia ou do Pazelli e seria muito bom ter o trabalho deles em PSIU. Se não procurei contatá-los é porque tendo eles seus próprios fanzines já se encontram suficientemente sobrecarregados. Note que é importante que o tempo entre um número e outro de um fanzine não seja muito grande, senão o leitor perde o interesse. Para manter este tempo o menor possível, deve-se dedicá-lo todo ao fanzine. Por isso procurei não importuná-los pedindo colaboração. LOGO, o TIPO de colaborador que tenho procurado é o que não possui seu próprio fanzine. A seção de cartas de PSIU 2 ficou pequena por puro erro de cálculo de minha parte. Neste número fiz uma conta mais caprichada.



PIERRE FERREIRA

Acuso o recebimento do Psiu nº 2, que já está bem melhor do que o nº 1. Mais solto, leve, toda variedade só tende a melhorar os trabalhos feitos, em qualquer campo profissional. Ainda continuo gostando mais dos textos, poderia colocar outros autores nos próximos números. Lendo a lista dos fanzines existentes, uma ideia me ocorreu. Por que não juntar dez desses editores e durante um ano, lançar uma revista nacional voltada para o grande público? Cinco mil exemplares, bimestral, e conseguindo um ou dois anunciantes, poderia dar certo.

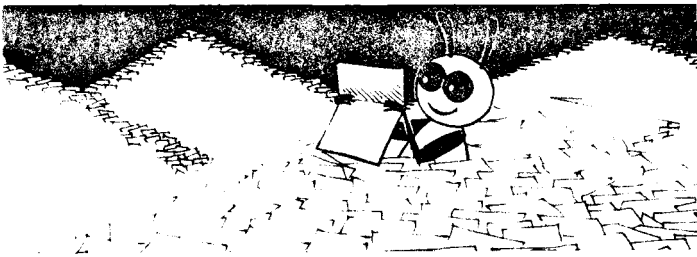


... ERA CONSTATAR
QUE NEM AO MENOS
PODIAMOS
SONHAR!



Por onde andar^á o Mano, que tinha a prefer^ência absoluta dos leitores da Vecchi, e agora n^ão se v^ê trabalho ' dele em lugar nenhum.

A ideia do Pierre n^ão deixa de ser v^{ál}ida, em bora j^á se possa pressentir o n^úmero de dificuldades de uma empresa desse tipo. A primeira que me vem ^à mente ^é a dist^ância entre os fanzineiros. Outro detalhe ^é que a maioria dos fanzineiros elabora seus fanzines nas horas vagas, pois tem alguma ocupa^ço^ão profissional. Para lan^çar uma revista peri^ódica nas bancas h^á necessidade de pelo menos ' uma pessoa com dedica^ço^ão exclusiva. Sem contar no investimento financeiro que se torna muito maior. De qualquer modo a ideia est^á lan^çada. O desenhista Mano, que estava realmente sumido das publica^ço^{es} de quadrinhos, voltou a aparecer na revista ' 'Medo', do Ofeliano. O n^º 2 da revista traz uma entrevista com ele. A dificuldade de se conseguir textos sobre quadrinhos de outros autores j^á foi explicada na 'Auto-Cr^ítica' do PSIU 2. No entanto, ficarei grato a quem quiser colaborar comigo ' nesse sentido.



ANTONIO LUIZ RAMOS CEDRAZ - 'GURIS'

Recebi esta semana o "PSIU" e sua carta me informando do concurso da Folha, o qual infelizmente n^ão posso participar. No regulamento diz que quem j^á teve desenhos ' publicados em grandes jornais n^ão poder^á concorrer. Eu j^á publiqui em Bras^ília, em Niter^ói e muitos outros jornais considerados grandes. J^á me chamam de profissional, apesar de n^ão viver de quadrinhos. Atualmente estou com uma revista de passatempos pela Cedibra e publicando em 3 jornais. O seu PSIU 2 est^á bem melhor que o n^º 1. Seu desenho me pareceu bem ' melhor. Acho legal esse coment^ário que voc^ê faz. Um hist^órico de sua luta para publicar. Isso que voc^ê narra ^é o que acontece com quase todos os desenhistas. Continue que um dia h^á de acontecer algo de bom. O Tony Fernandes lan^çou uma revista "Clube dos Quadrinhos" e vai aceitar desenhos. Vamos lutar que esta ideia n^ão morra como a ' Grafipar, Edrel, etc.



O concurso que o Cedraz mencionou ^é o que o jornal Folha de S^ão Paulo promoveu e sobre o qual ' h^á um 'Fala, Quadrinhos' neste PSIU. A revista 'Clube dos Quadrinhos', que o Tony Fernandes editou, infelizmente n^ão passou do primeiro n^úmero. Trouxe uma antologia de HQs do pr^óprio Tony Fernandes. O n^º 2 prometia uma HQ da personagem 'Axa' que j^á teve um ^álbum editado pela Ebal. Parece que n^ão saiu.

POR QUE DEMOROU? EU ESTAVA FICANDO PREOCUPADO!

ANDEI AS PAMPAS, ME PERDI E N^ãO ENCONTREI PISTA ALGUMA!

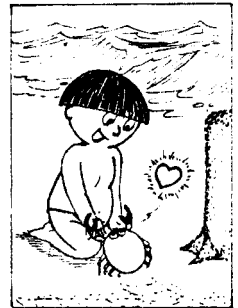
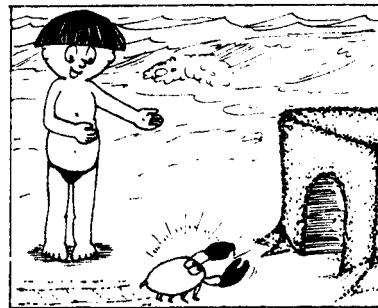


"NATO" AZEVEDO

Adorei o teu fanzine que, junto com o Quadrix e, principalmente, o Pica-Pau, fazem um misto de an^{ál}ises, desenhos pr^óprios e de outros e coment^ários diversos, mas tudo com o maior equil^íbrio, isen^ço^ão e franqueza. Os bonequinhos no alto da p^ágina podiam ser maiores (h^á espa^ço) e iniciam a apresenta^ço^ão de uma das mais l^úcidas ' teorias sobre o nascimento da humanidade ' que j^á vi. N^ão gostei muito da tua gr^áfica, as xerox est^ão apenas boas, mas podiam ser melhores. Fico meio sem gra^ça de ficar elogiando demais o teu fanzine, porque ' pode parecer que fa^ço m^édia. Neg^ócio seguinte: gostei ' demais do teu PSIU, para mim o que conseguiu com mais perfei^ço^ão e bom gosto (na diagrama^ço^ã) a jun^ço^ão de textos e imagens. Acho que o que mais me agradou em PSIU, foi o "Fala, Quadrinho" com seus temas, as redu^ço^{es} dos desenhos sempre oportunas e bem escolhidas, as suas cr^íticas, vis^ões e opini^ões. Excelentes coment^ários, magn^íficos exemplos de cada HQ e uma montagem s^{ób}ria, equilibrada e econ^ômica. "Os Pitangueiros" precisa continuar... pelo menos em mais um n^úmero; a curiosa vida dos dois silv^ícolas s^ó ^é mesmo compar^ável ao Bidu e seu ' eterno rival canino, o Bugu. O ^índio, n^ão sei porqu^ê, me lembra o Bolinha, Edgard! Nota-se uma discreta influ^ência do Ziraldo (Pererê!). Ah, excelente o aproveitamento dos espa^ços com os mini-quadrinhos, as piadas est^ão ' muito boas e o "Meteoro" (me lembra uma HQ do Maur^ício, o in^ício, o 1^º quadro dela) ^é bem infantil e ficaria ' ^ótimo em gibi para crian^ças. Enfim, o teu "Pesadelos" ' vale mais pela criativa divis^ão dos quadrinhos em cada ' p^ágina.



A HQ em tiras foi feita, em PSIU 1, com um(1) cent^ímetro de espessura, e n^ão maior, por causa da HQ 'Pesadelos'; note que quase n^ão sobrou espa^ço ' entre uma e outra. Em PSIU 2, as HQs do Reiners ' Terron e do F^élix t^{êm} a dimens^ão vertical suficientemente grande para que a tira tenha mais de 1 Cm. Quanto ^à gr^áfica, t^{amb}em n^ão estou totalmente satisfeito, gostaria de uma impress^ão mais forte, me nos apagada, mas isso encareceria o fanzine de tal modo que seria imposs^ível faz^ê-lo.



LUIGI ROCCO PASQUALE RECINE - 'ARM^ÁRIO MEC^ÂNICO'

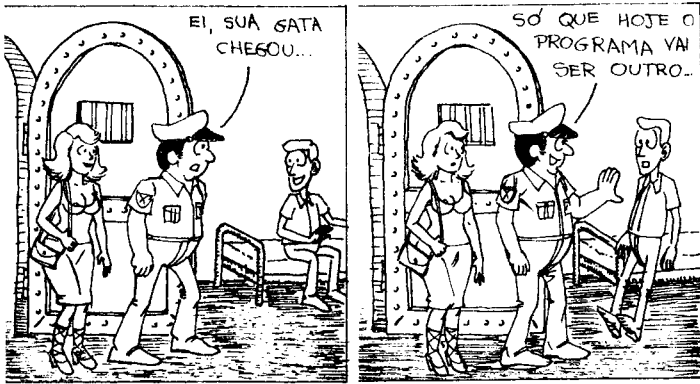
Caro amigo Edgard, recebi o 2^º n^º do PSIU, imediatamente fui pegar o n^º 1 e com par^á-los. Cara, voc^ê ^é um her^ói. O seu fanzine, em mat^éria de qualidade, est^á competindo com o "Historieta". Muito bem cuidado, planejado, os seus textos s^ão primorosos. Tanto o n^º 1 quanto o n^º 2 est^ão excelentes. N^ão gostei muito do Pitangueiros, ' os textos n^ão est^ão bem elaborados. As hist^órias de "rodateto" est^ão muito legais. Quanto aos ' seus grilos de publica^ço^ão quanto aos cartuns er^óticos ' a meu ver, os fanzines s^ão espa^ços completamente abertos, onde os artistas s^ão os editores e t^{êm} completo ' poder de controle sobre as publica^ço^{es}. Por isso deve -





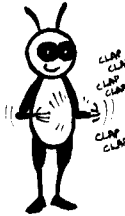
mos publicar todo e qualquer material, sem qualquer tipo de censura ou auto-censura. Repito agora algo que disse ao jovem Wallace Vianna, os fanzines são as portas por onde podemos expressar nossas ideias através dos quadrinhos. Imagine só, mesmo uma edição limitada, de, por exemplo, apenas 90 exemplares, aumentam em, no mínimo, 90 vezes o nosso poder de comunicação.

Muito lúcido o comentário final do Rocco, realmente uma edição, mesmo pequena, nos põe em contato com muita gente. No entanto, uma de minhas preocupações, ao não conseguir atingir um público maior, é que, talvez, muita gente goste desse tipo de publicação e não tenha conhecimento dela. É o que aconteceu comigo há alguns anos, que não sabia da existência do Balão, Grilo, Cabramacho e outras revistas do gênero e, hoje, sinto não tê-las conhecido.

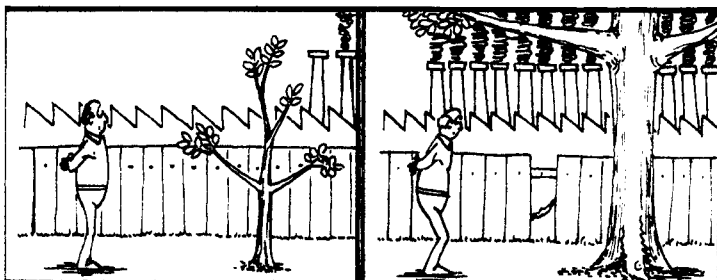


REINALDO PICHECO

Esta edição (PSIU 2) considero melhor que a de nº 1 - está mais ampla, você está fazendo um trabalho de cooperativa - divulgando os outros fanzines, aceitando trabalhos e sugestões de outros desenhistas. Seu trabalho, em minha modesta opinião, é bom - em ambos os temas: o cômico e o sério. Minha sugestão é a seguinte: você poderia confeccionar uma Coletânea dos Artistas Nacionais com seu personagem de maior destaque. Exemplo: a) Ziraldo/Pererê - b) Flávio Colin/O Anjo - c) Edmundo Rodrigues/Jerônimo - d) Zezo/Frankenstein e aí por diante, constando sua participação no rádio, cinema e televisão, detalhadamente. É possível tal projeto?



A maior dificuldade que encontro para este tipo de trabalho de pesquisa que você sugere é a fonte de consulta. Posso muito pouco material para fazer um apanhado geral sobre determinado autor ou personagem. Note que os 'Fala, Quadrinhos' se referem a temas mais restritos. É o caso de ter falado sobre Historieta, uma revista ainda com poucos números, ou ter falado sobre uma das obras do desenhista LOR, ou ainda uma apreciação sobre uma HQ do Tio Patinhas. São temas menores que permitem uma análise mais pormenorizada, além de serem mais atuais, ou seja, trata de HQs mais recentes, sobre as quais possuo maiores informações. Dentro do que você sugere, o 'Notícias dos Quadrinhos' do Ofeliano trouxe uma reportagem sobre o Monteiro Filho, o 'Quadrinix' do Worney trouxe um apanhado sobre a obra de Messias de Mello além da reprodução de uma HQ de Zezo. Aos poucos, o que você deseja vai sendo feito pelos diversos fanzinistas. Espero poder dar uma contribuição mais efetiva em PSIUs futuros.

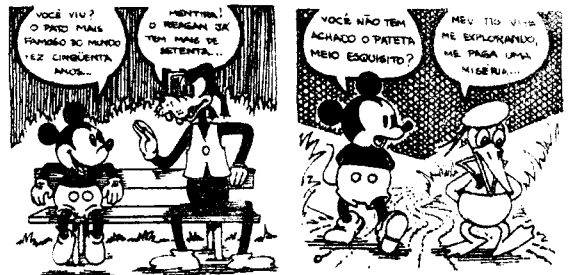


LÚCIO MURUCI - 'QUADRINHOS'

Tenho 14 anos e também faço HQ, sendo um estudioso do assunto. Sou bastante patriota, tentando sempre incentivar a HQ nacional. Quanto ao "PSIU", já o conheço, o nº 1 e 2, pois o editor do fanzine Logotipo, Wallace Vianna, me emprestou, e gostei muito dele e de suas histórias em quadrinhos, como também de sua diagramação bastante arejada e usando recursos bem similares aos usados em HQ, sendo que você tem muito futuro pela frente, apenas acho que deve tomar uma postura mais profissional. Enquanto que tem muitos fanzines falando e pichando os personagens norte-americanos, o meu não parte para esta posição, ele fala sim, dos problemas dos artistas nacionais e busca homenageá-los sendo até a temática do mesmo puramente nacional. Você chegou a fazer tirinhas no seu PSIU com o Pato Donald e o Pateta, adquirindo assim uma postura bastante undergroundiana e, a meu ver, quem faz isso é porque não tem uma boa infra-estrutura mercadológica, não teve espaço no mercado, partindo assim, para pichar os Walt Disney da vida. Eu acho muito válido o movimento underground e os fanzines pois tentam abraçar mais o leitor nacional que está bastante alienado com as HQs estrangeiras. Na minha opinião, PSIU estaria melhor se mostrasse só HQs suas, sem pichar a HQ estrangeira. Você desenha bem e pode contar comigo pr'o que der e vier.



As observações do Lúcio têm sua validade, mas talvez estejam um pouco exageradas. O editorial de PSIU 1 era 'Alguns Quadrinhos Brasileiros' e, realmente, o que PSIU tem feito é isso: publicar quadrinhos brasileiros nas 180 páginas que compõem os nºs 1, 2 e 3. A "pichação" dos quadrinhos americanos praticamente se limitou às capas que mostram o confronto dos personagens brasileiros com os estrangeiros. Todo o resto do fanzine traz HQs brasileiras autênticas sobre os mais variados temas. A série 'Out Disney' é mais uma brincadeira com os personagens Disney do que propriamente uma pichação. A alteração das personalidades do Mickey e do Pateta, mostrando o rato alienado e o cachorro crítico foi um ponto a mais na brincadeira. Serviu também para matar a saudade do desenho antigo do Mickey e do Pateta, muito mais charmoso, com mais graça do que o atual. Os 'Fala, Quadrinhos' sobre o Tio Patinhas e o Pardal analisaram aspectos negativos desses personagens assim como já havia sido feita uma análise do trabalho do Roberto Portella, ou das publicações com fundo educativo. No entanto, se o objetivo maior do fanzine não é trazer HQs ridicularizando personagens enlatados, mas sim publicar HQs originais brasileiras, não deixo de manter meu posicionamento contra os enlatados de baixa qualidade que ocupam espaço de brasileiros de nível, cujos talentos permanecem escondidos do público.



NELSON LOPES DE SOUZA

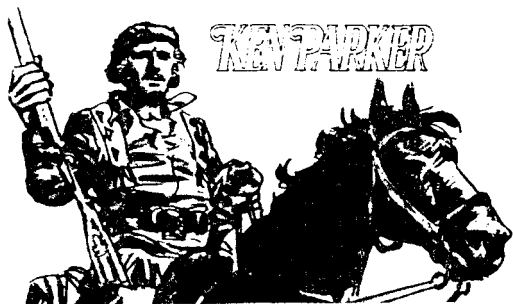
Suas estórias em quadrinhos não estão muito boas, servindo apenas para preencher as páginas. Mas, em compensação, a sua abordagem a respeito dos quadrinhos é ótima. A comparação dos desenhos do Câmara, a análise de Historieta, Ken Parker (sem dúvida, a melhor história de faroeste), os álbuns da Ebal, tudo isso mostra que você realmente está por dentro do assunto. As-





sim que o nº 3 esteja pronto, pode remeter, informando' o preço, que pagarei no ato da entrega. Apesar de achar o preço alto de PSIU, estou prestigiando sua obra. Caso você precise de mim para alguma coisa, pode entrar em contato.

Tenho esperança de que PSIU ainda venha a trazer HQs que sejam, com unanimidade, consideradas boas. Conto com a paciência e tolerância dos amigos leitores durante a travessia. Quanto ao preço, também considero alto, se comparado a revistas que possuem tiragem de 70 mil exemplares. E, note bem: Com o preço que cobro por PSIU não pago nem metade do gasto que tenho só com a impressão. Sem contar' o gasto com preparo dos originais. Só o 'Fala, Quadrinhos' sobre fisionomias, na página 4 exigiu 70 cópias de xerox para sua confecção. São gastos não incluídos no preço do fanzine. É fato também que a inflação é mais pesada para as publicações feitas' em gráfica. Em junho de 82, gastei Cr\$ 80 mil para imprimir 500 exemplares de PSIU 1; em agosto de '85, gastei Cr\$ 2 milhões e 200 mil em PSIU 2. Realmente não é fácil.



ROBERTO ALVES

Bem, a respeito de sua publicação, gostei muito, achei que houve uma boa evolução com relação ao nº 1, e não vejo muito sentido na auto-crítica que você fez, o que importa é que você está fazendo algo de concreto para o desenvolvimento dos quadrinhos de nosso país, e isso é digno de mérito, portanto continue e conte com o apoio meu e de muita gente. Só me resta lhe dar os meus parabéns, desejar-lhe êxito em suas realizações e aguardar o nº 3 de Psiu (não importa a demo- ra, nós esperamos).



O que atrapalha a periodicidade de PSIU é a minha falta de ânimo para trabalhar sozinho. Desperdiço muito tempo em trabalhos que dependam só de mim, o que não ocorre quando trabalho em equipe com outras pessoas.

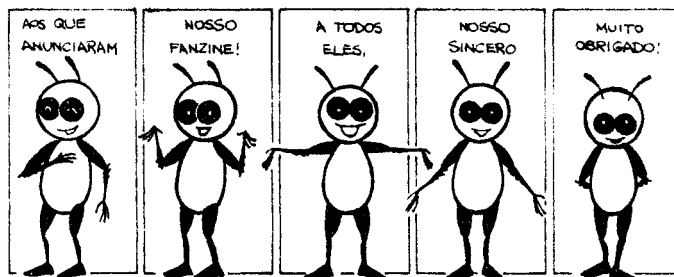
JOÃO ANTONIO BUHRER DE ALMEIDA

Esta PSIU 2 tá deslumbrante, é pena que não saiam mais números frequentemente. Acho que você tem ideias incríveis, por exemplo, você ocupa todos os espaços da folha racionalmente, isto é muito bom. Sua revista é daquelas que exige várias leituras. Sempre tô revendo. Sabe, só agora que um leitor seu explicou certos lances do PSIU 1, que eu fui entender melhor. Isto é bom, já que a gente tá viciado em revistas padroniza -



das. Engraçado, como é diferente se pegar nas mãos uma revista como a sua e uma revista Pato Donald nas bancas. Parece que a sua revista é familiar, a gente sente nos dedos, sente que foi feita com carinho, tipo assim artesanal. Ei, tenho uma coisa a dizer; não gosto do termo 'Fanzine, acho chato e feio. Prefiro chamar de revista' mesmo. Prá mim, deprecia. Acho que é cisma com a palavra. Por que não fazer no próximo PSIU (3) uma antologia, resenha, sei lá, sobre a obra de Paulo Caruso... 'Ei, de novo, algo que gostaria de ver em PSIU 3; uma resenha do incrível xilogravurista Grilo. O que eu tenho' a fazer é torcer prá que o Psiu se esgote e que saia logo um novo número. Conte comigo aqui, fico torcendo por você e pelo Psiu.

Embora não seja impossível que eu venha a publicar futuramente um artigo sobre Paulo Caruso, Grilo, entre outros grandes artistas, o meu desejo mesmo é publicar algum material inédito desse pessoal. É minha intenção que as HQs, os trabalhos em quadrinhos mesmo, inéditos e originais, predominem em PSIU. Os textos, os trabalhos de pesquisa, as opiniões devem aparecer como um complemento e não como o essencial da revista. Quanto ao Paulo Caruso e ao Grilo, acaba de sair uma publicação de cada um, ambas editadas pela Circo Editorial. Imperdíveis.



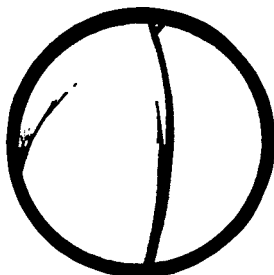
JUVÊNCIO VELOSO

Recebi o fanzine nº 2 e gostei dele num todo. Muito bem bolado o agradecimento pela divulgação do Psiu. Gostei de ver você ter incluído no nº 2 HQs de outros quadrinheiros. Terron ainda vai evoluir muito na sua arte. Félix também tem futuro, e por falar nisso, gostei da história sobre o futuro da terra. 'Fátima, a mutante' me deixou meio triste. Eu sempre espero mais das HQs do Emir, criador da "Welta", personagem que põe muito super-herói enlatado no chinelo. Por que você não publicou nenhuma tirinha dos Pitangueiros? Espero que no nº 3 você se lembre daquele simpático indiozinho e sua turma. Gostei e não gostei de sua adaptação de "A Honra dos —". Gostei da história, do enredo, mas não gostei dos "close quadrinhos", os desenhos quase todos num só ângulo, como se fosse um festival de fotos três por quatro. O seu discurso ARG!! fiquei com raiva de você ter gasto uma folha com um discurso. A HQ realmente em tiras está virando marca registrada do PSIU, espero que tenha no nº 3, que estou esperando com muito carinho.



A HQ em tiras é uma das coisas que vou fazer' força para manter em PSIU, embora seja uma das que dá mais trabalho para fazer.

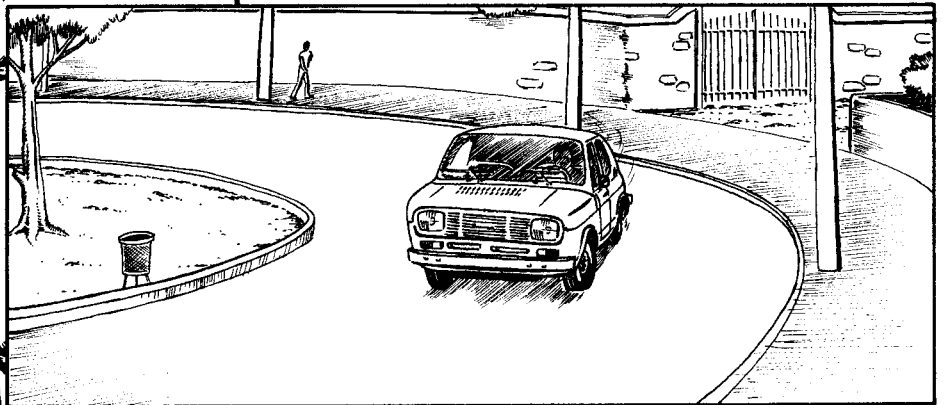
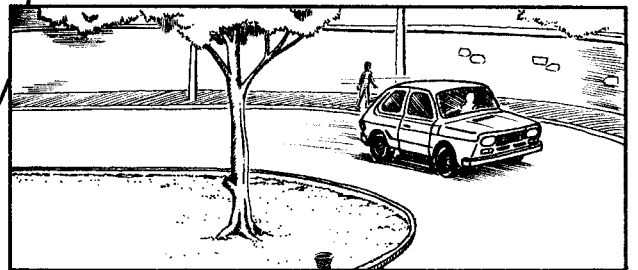
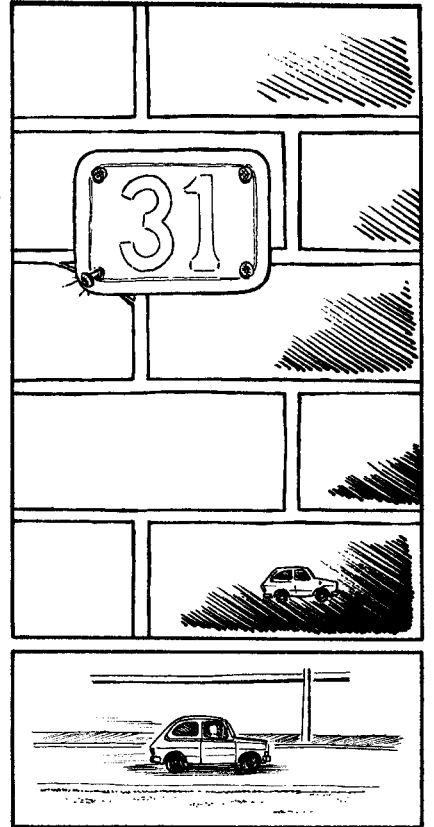
Nas páginas seguintes, algumas amostras de trabalhos meus. Primeiramente, uma HQ chamada 'TrêsHistórias', que comecei a fazer para a Ed. Vecchi. Só cheguei a desenhar as cinco primeiras páginas, que correspondem à primeira história. Em seguida vem a primeira página da HQ 'Sebastião', que também seria para a Vecchi, e cujas páginas restantes nem esbocei. A próxima página é a primeira e única página que fiz da HQ 'Coragem', dessa vez com intenção de publicar na Ed. Press. As três páginas finais são três cartuns que fiz para salões de Piracicaba, que não publiquei nos números anteriores, por serem coloridos.





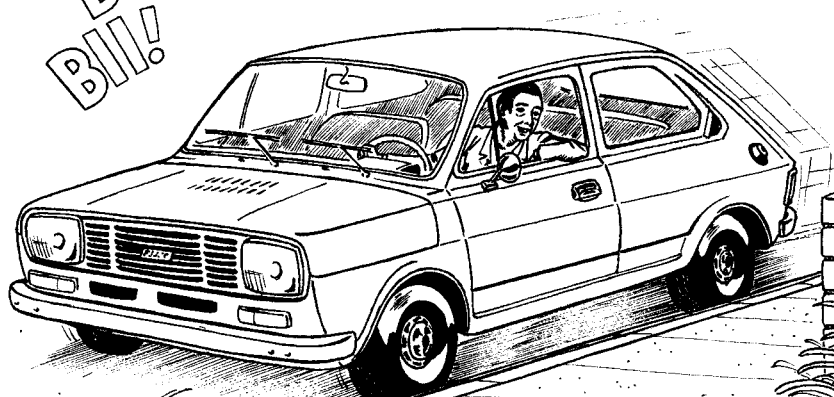
VAMOS APRESENTAR-LHES
TRÊS HISTÓRIAS
AO INVÉS DE UMA...
SÃO RELATOS
SIMPLES, SEM SUSPENSE,
CONTADOS DE
MANEIRA OBJETIVA
E, SE POSSÍVEL,
IMPARCIAL.

VEJAMOS...



ESTA É A
PRIMEIRA HISTÓRIA...

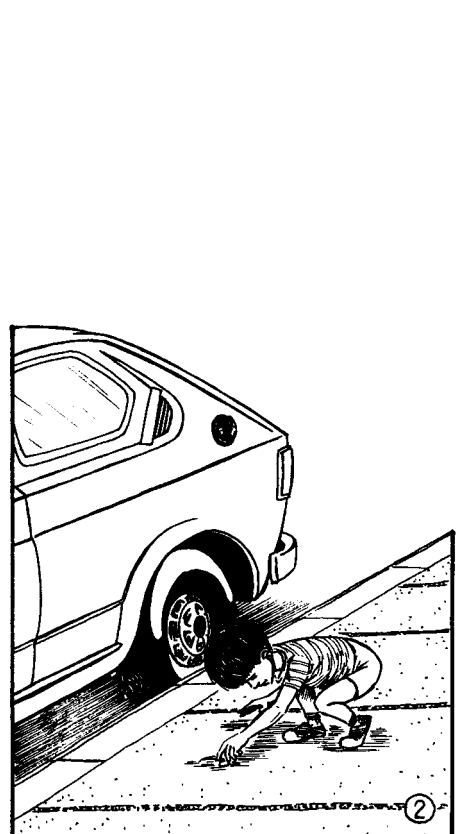
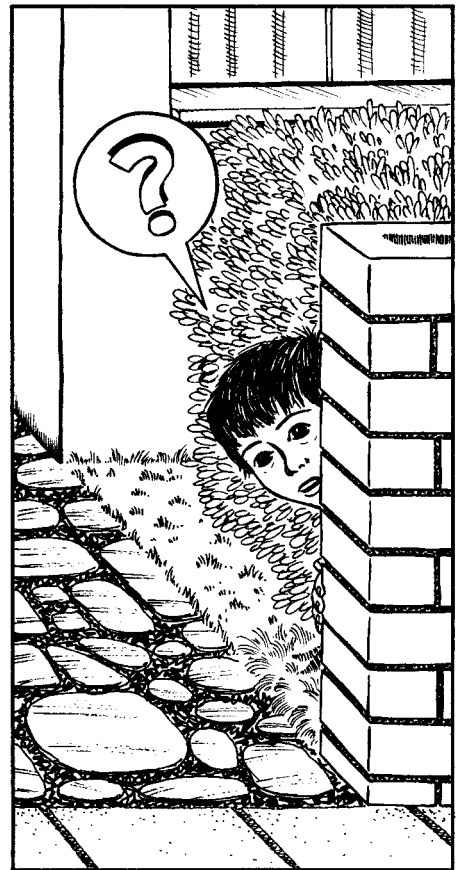
BII!
BII!

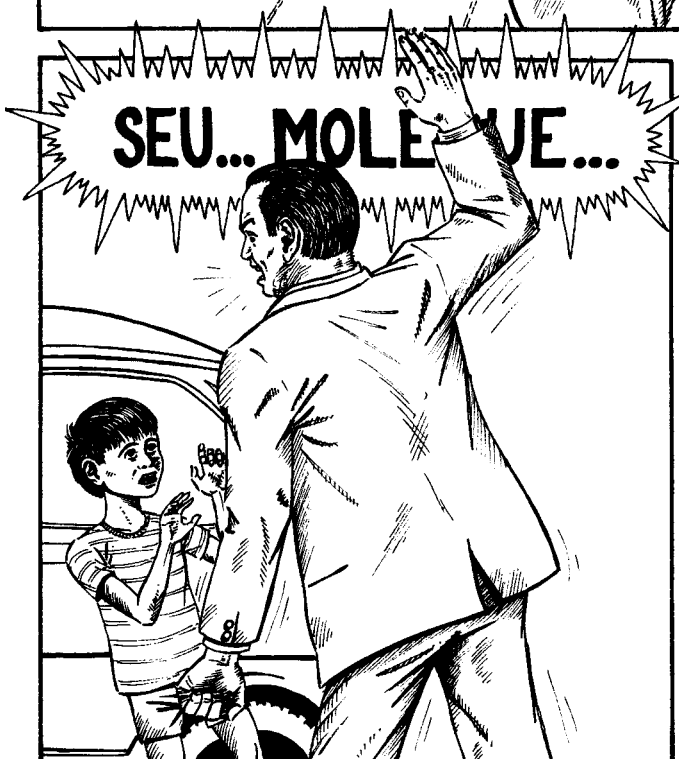
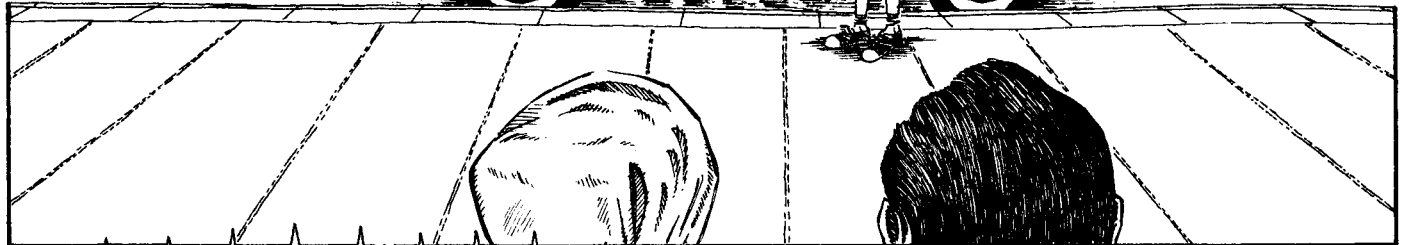
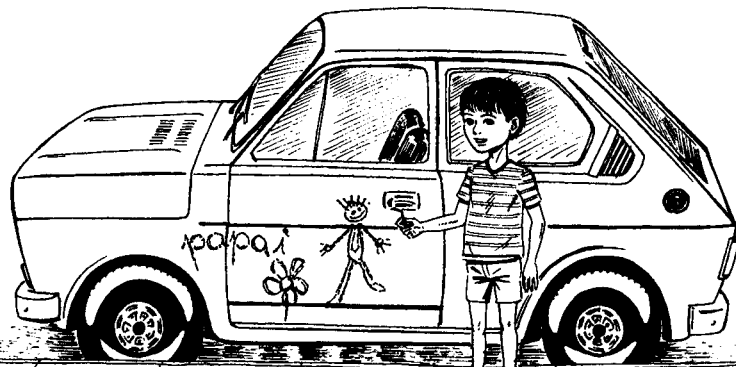


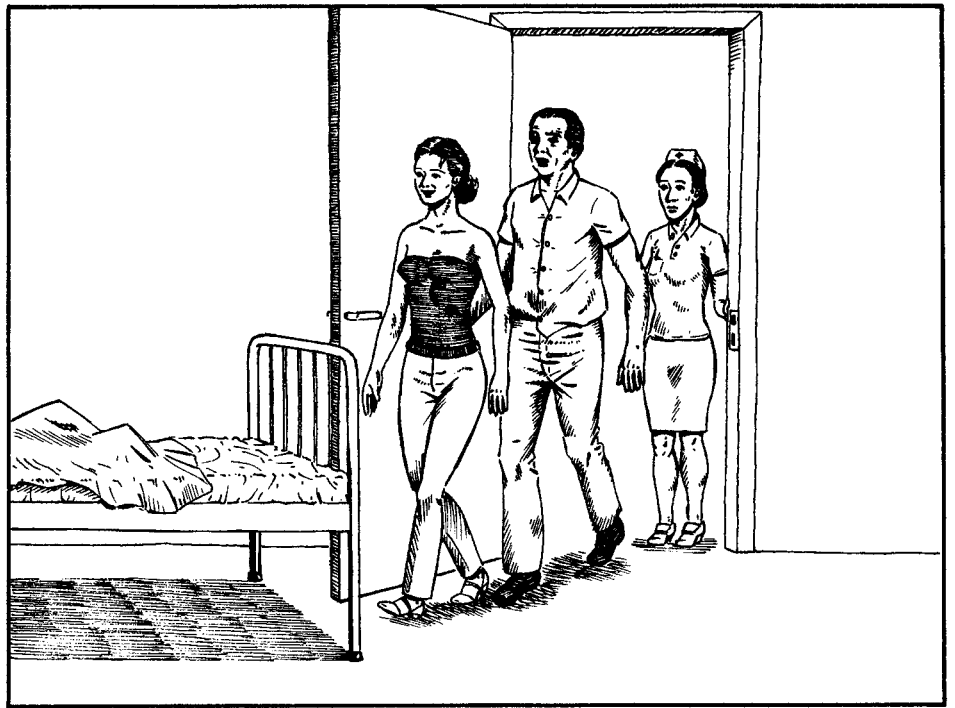


TRÊS HISTÓRIAS

EDGARD COUTINHO

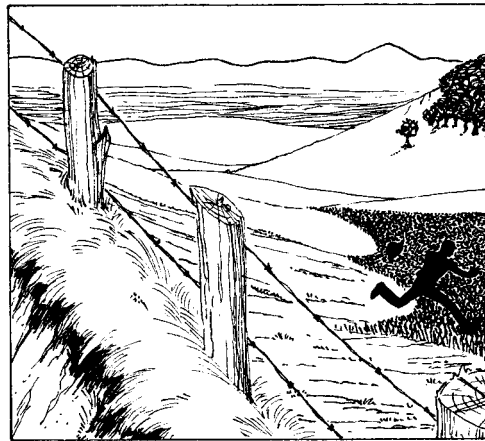
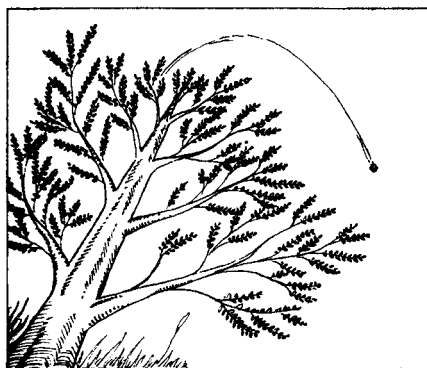
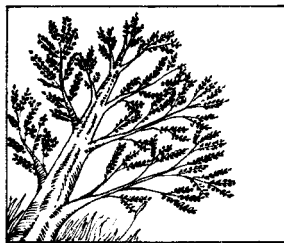
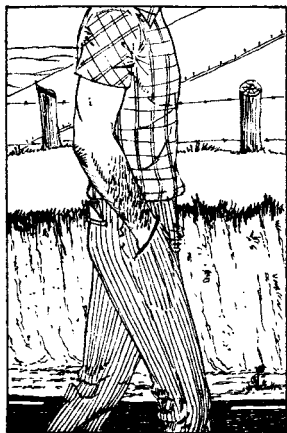




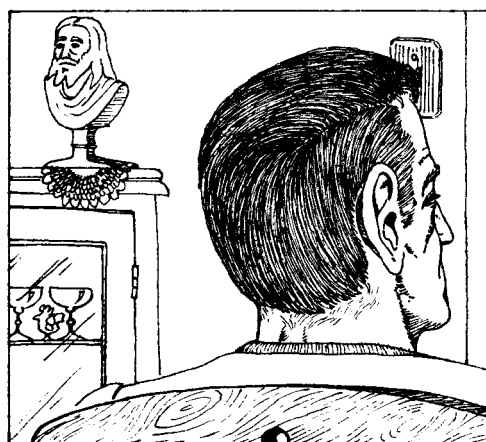


NESTE PONTO, PRATICAMENTE ACABA
A PRIMEIRA HISTÓRIA, NA PÁGINA SEGUINTE
IRIA COMEÇAR A SEGUNDA, QUE NEM
CHEGOU A SER INICIADA.

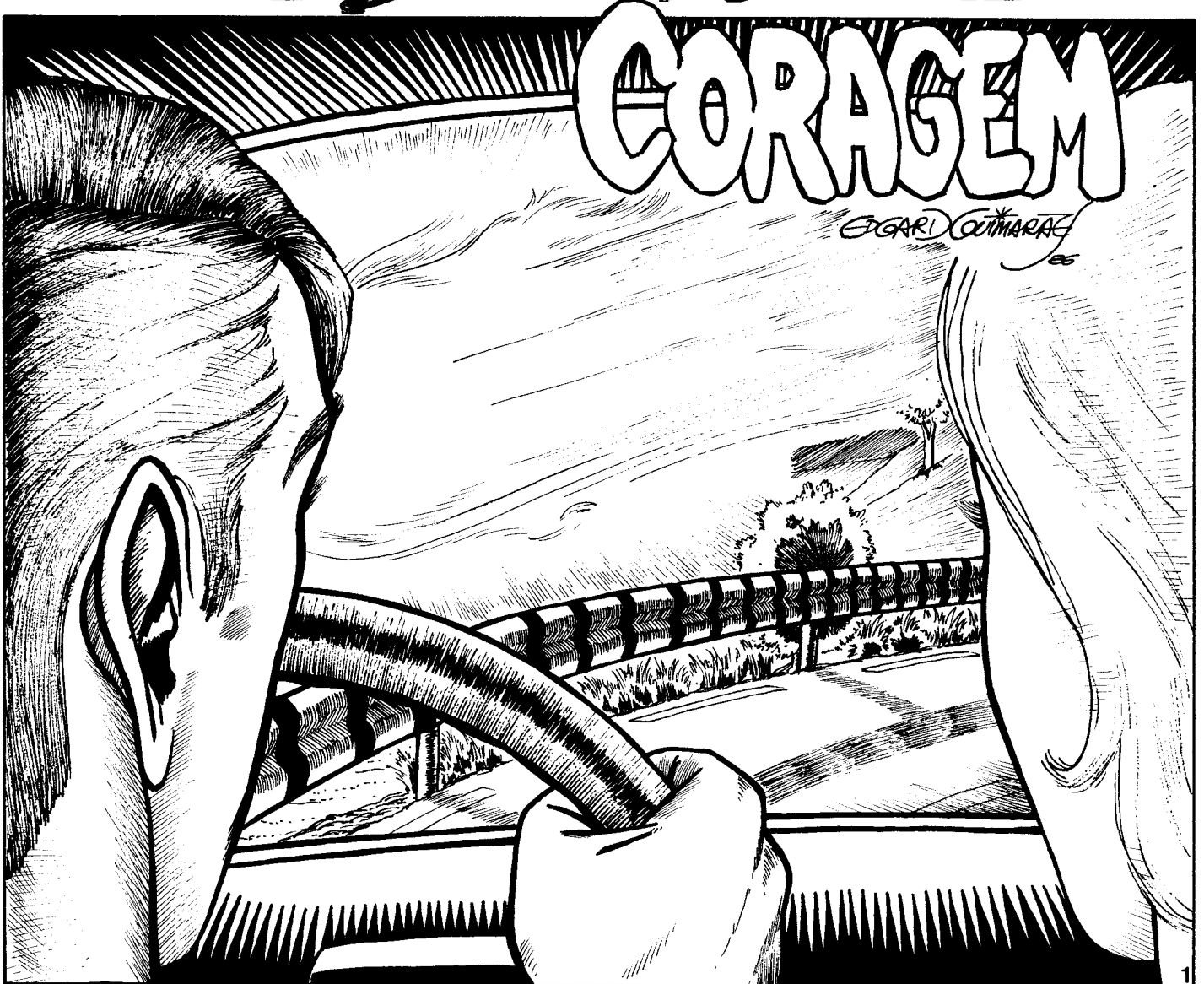
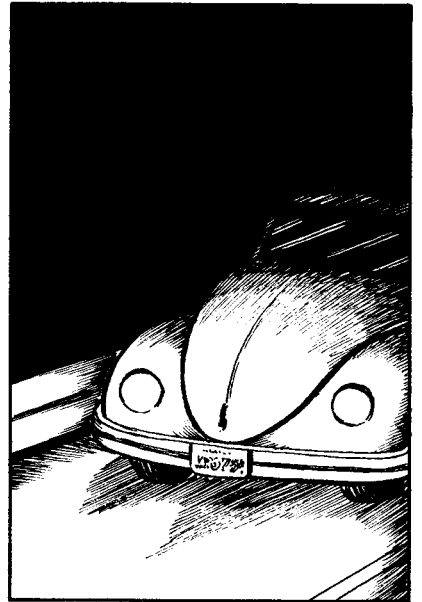
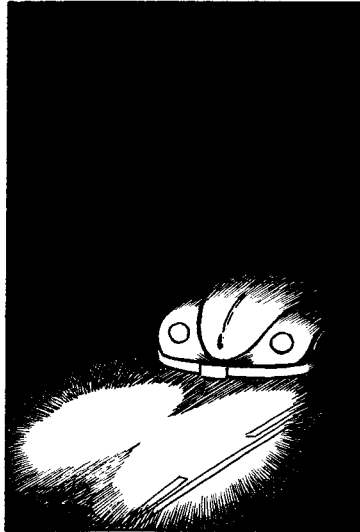
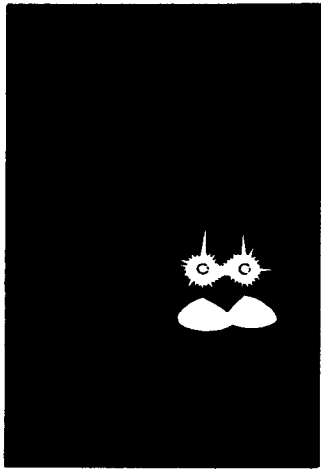
...TAMBÉM ERA O MEDO
DE VER QUE, PIRAS DESSA
TUNIA, PUDÉSSE HAVER
OUTRA...



SEBASTIÃO



VOCÊ FOI
O PRIMEIRO A
CURSAR E CLAREAR
ATRAS DA DUNA...



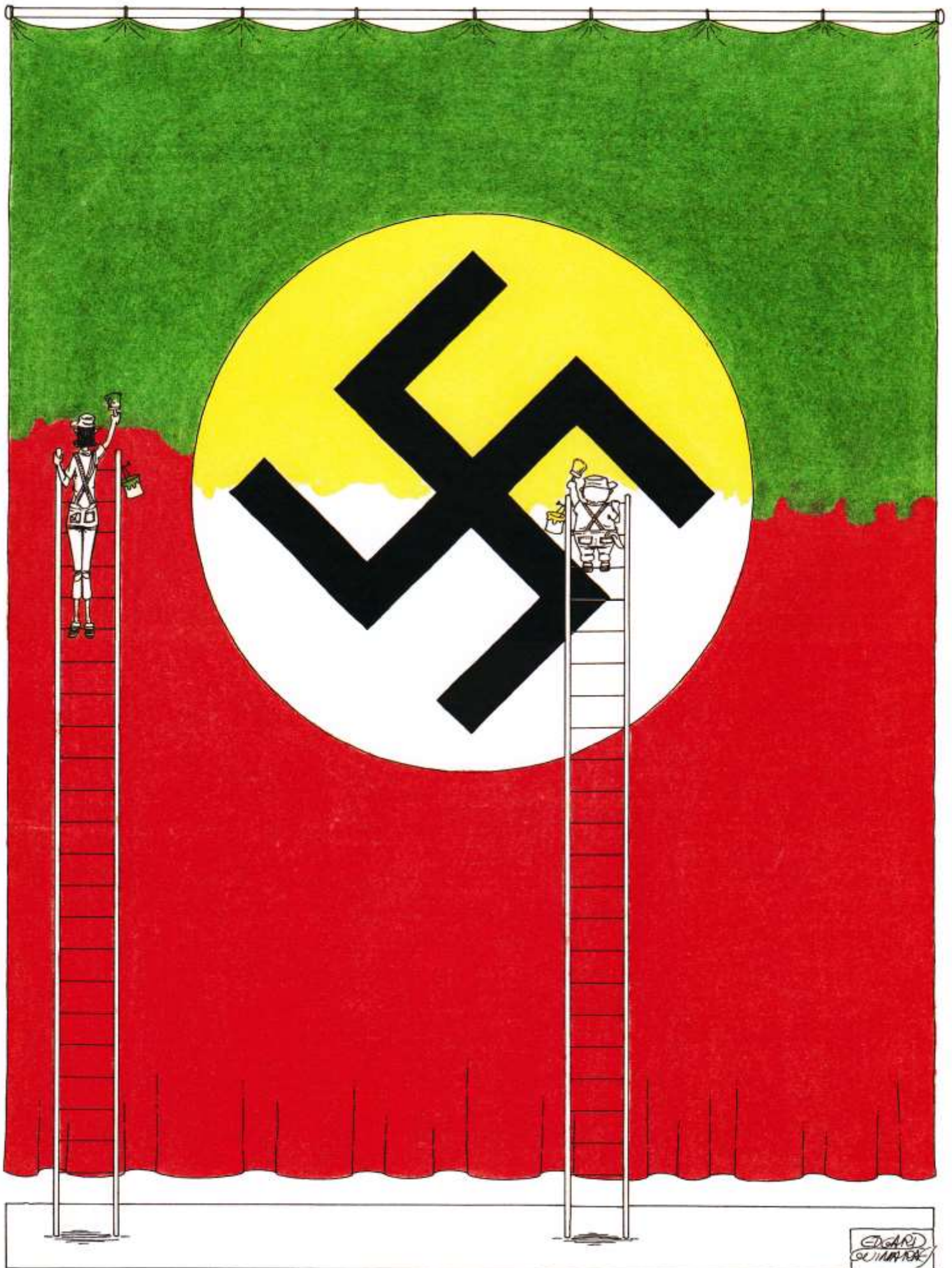
PODE VER
CLARAMENTE
SEU SORRISO!



DEMOCRACIA É ISSO...



E LEMBRO
EXATAMENTE O QUE
VOCÊ DISSER!



EDGARD
SOMMER

"FINALMENTE
NOSSES PREOCUPAÇÕES
TERMINARAM..."



BRUNO
SILVA

PREGANDO NO DESERTO



No texto a seguir faço alguns comentários ou reflexões a respeito de diversos assuntos, entre os quais a dificuldade de se fazer uma revista como PSIU, os problemas que existem para se conseguir colaborações, as questões relacionadas à tiragem e à venda da revista, e alguns projetos meus para o futuro.

Com este número de PSIU encerra-se uma fase da revista. Gosto do número três. Sempre que imaginava o futuro da revista, eu a via feita de grupos de três números. Talvez seja influência da revista 'Klik' (Ebal) que mudava de fórmula a cada três números. Procurei manter um certo padrão nesses três números de PSIU. Capa dupla e de continuação, as capas dos PSIUs 1, 2 e 3 formam uma História-em-quadrinhos; a sequência dos logotipos nas três primeiras páginas, em cada número; o editorial na página dois; os textos sob título geral 'Fala, Quadrinhos' separando as HQs; um comentário explicativo ao pé da página antecedendo cada trabalho; uma HQ em tiras de 1 cm no alto da página em todas as páginas terminando na 3ª capa, etc. Tudo isso deu a PSIU uma peculiaridade, ou no dizer de alguns leitores, 'uma marca registrada'. E isso não se deu por acaso. Quando preparava o número 1, já era minha intenção fazer uma revista que não se lesse de uma só vez. Um leitor já mencionou que cada vez que lê PSIU, descobre algo novo. Essa pluralidade de leitura tem, em contrapartida, uma desvantagem: o atraso que a revista sofre a cada número. Não é demais lembrar que entre o nº 1 e o nº 2 se passaram três anos. Esse nº 3 demorou mais ainda, cerca de cinco anos. Já disse mais de uma vez que estes atrasos têm sido culpa minha. De fato, sou eu que demoro a terminar as HQs e textos e vinhetas que me proponho a fazer. Neste número 3, os trabalhos de Felix, Juvêncio e Andrade já estavam comigo há muito tempo. Tenho ainda HQs de Charles Trevisan, Mano, Salvador, Losso e outros. Pensando sob este aspecto, realmente não atrasei PSIU por causa dos amigos colaboradores. Mas arrumar colaboração nem sempre é fácil. Quando comecei a fazer PSIU 3, ainda não tinha todas essas colaborações, daí que organizei a revista apenas com as que eu tinha, deixando um monte de coisas para eu fazer. Das 70 páginas desse número três, apenas 10 são dos colaboradores. Outras 11 páginas são reproduções de jornal ou revista. As restantes todas foram feitas por mim, entre desenhos e textos, ou montagens. É principalmente a estrutura da revista que causa todo esse atraso. Isso exige que alguma modificação seja feita. Alguns leitores já me sugeriram diminuir o número de páginas para aumentar a periodicidade. Resisto a esta solução. Vejam só 'Historieta' 6 e 7. Fininhas daquele jeito não tiveram graça. Não só não pensei em diminuir o número de páginas de PSIU como pensei em aumentá-lo. O problema dos colaboradores continua. Os profissionais em grande parte ignoram a existência dos fanzines. Os amadores têm, todos, suas atividades profissionais, ou estão estudando e o tempo lhes é escasso. Sei bem como é, eu mesmo já me vi em apuros para cumprir algumas promessas de colaboração feitas a amigos fanzineiros. Por isso compreendo quando recebo uma negativa e valorizo sobremaneira aqueles que se propõem me ajudar gratuitamente. Talvez eu não seja a pessoa indicada para reclamar da falta de colaborações e talvez esteja mesmo cometendo uma injustiça. Nesse tempo que PSIU 3 esteve hibernando eu não fiquei propriamente inativo. Em 87 comecei a organizar uma edição especial que saiu em 88, o PSIU Especial de Quadrinhos Mudos. Divulguei a proposta de fazer uma revista apenas com HQs sem palavras e a receptividade por parte dos artistas

foi muito boa. Vinte e dois quadrinhistas toparam participar da edição, dando uma revista de 72 páginas. Ainda em 88, comecei a organizar outra edição especial que ficou pronta em 89, o álbum DEUS, com um total de 270 páginas, contendo 240 páginas de colaborações, sendo 9 de artigos e o restante de HQs, em sua grande maioria de material inédito, feito especialmente para a edição. Recebi trabalhos de cerca de 60 colaboradores. Decididamente não tenho motivo para queixa. Os amigos atenderam sempre que possível às minhas solicitações. O 'sucesso' dessas duas edições é o responsável pela minha decisão de parar de fazer PSIU da maneira que fazia e passar a fazer apenas edições especiais. A maneira como essas edições foram feitas se mostrou mais simples para mim. Apesar de terem dado muito trabalho, tive que fazer inúmeros desenhos e escrever vários textos, sem contar a infinidade de cartas escritas para manter vivos os contatos, foram mais fáceis de organizar que as edições normais de PSIU. Tanto que cada uma delas levou cerca de apenas um ano desde a proposta até a realização da edição. Pretendo assim que este tipo de edição substitua a edição normal de PSIU, com o objetivo claro de conseguir maior dinamidade na publicação de quadrinhos brasileiros. Desse modo encerro PSIU neste número três. Concentrarei meus esforços nas edições especiais. Desde final de 89 estou organizando um novo álbum. Desta vez a proposta é que se faça uma HQ de uma página na dimensão 30 por 40 cms no formato horizontal, em papel vegetal, com o tema Ecologia. O álbum será composto do total de pranchas que eu receber. Não há prazo para o lançamento. Quando eu tiver número suficiente de colaborações, começo a impressão. Já recebi bom número de HQs e tenho notícia de outras tantas vindo por aí. É esperar para ver. Dependendo da receptividade dessa edição, virão outras, com tema ou alguma característica pre-determinada, não sei ainda. Algumas ideias já existem, a que estiver madura na época é a que será proposta. Mas tenho outros projetos paralelos. Como eu disse, tenho comigo algumas boas HQs que não se encaixaram nos temas das edições especiais. Pretendo desse modo reunir essas e outras que eu receber numa edição extra, sem tema definido. Será uma continuação do objetivo de PSIU, mas sem a fórmula deste, e provavelmente não terá o nome PSIU. Assim, essas edições extras sairão sempre que eu tiver HQs suficientes para completar um determinado número de páginas, que pretendo que não seja pequeno. Repito: o objetivo é publicar HQs brasileiras com o melhor nível possível, fazer edições que tenham quadrinhos do começo ao fim, e de boa qualidade. Não terei preocupação com periodicidade. Tudo dependerá do material que me chegar às mãos ser em número suficiente. Ao acabar com a fórmula de PSIU, a intenção é que me sobre o mínimo de trabalho para fazer em cada edição, e assim que ela possa sair tão rápido quanto possível. Com isso espero que se transfira para os colaboradores a culpa por eventuais atrasos, que por ora é minha. Tenho ainda outras ideias para outros tipos de edições, mas prefiro não adiantar nada por enquanto. Pode-se, portanto, perceber que o encerramento de PSIU não é minha desistência de publicar HQB, pelo contrário, é resultado de minha insistência em publicar cada vez mais quadrinhos, mais em quantidade e qualidade.



Um outro aspecto a ser abordado é com relação à tiragem. Os dois primeiros números de PSIU foram feitos com tiragem de 500 exemplares. Na época que fiz PSIU nº 1 eu não possuía nomes e endereços de tanta gente. Mas fiz 500 exemplares assim mesmo. Tratei de buscar leitores pedindo listas de nomes aos conhecidos. Praticamente todos a quem pedi estas listas me atenderam. Nem todos os nomes da lista, por outro lado, se interessaram pela revista. Na busca de leitores, consegui anunciar PSIU em algumas revistas de maior circulação, uma revista da Grafipar, duas da D-Arte e em Historieta. Algumas pessoas me escreveram motivadas por esses anúncios. Poucas pessoas. Praticamente todos os leitores de PSIU são integrantes da rede de leitores de fanzines, ou seja, conheceram PSIU através dos fanzines. Como dizia, fiz PSIU nº 1 com 500 exemplares pensando atender aos retardados (ou retardatários, se preferirem), ou seja, aqueles que viessem a tomar conhecimento de PSIU só mais tarde. Por esse mesmo motivo fiz PSIU 2 também com tiragem de 500. Do PSIU 2 fiz um impresso anunciando-o e o enviei a quase mil pessoas. Na época do lançamento, vendi 70 exemplares. Acho bastante significativo mencionar o fato de que enviei impresso de PSIU 2 a todos associados da AQC (Associação dos Quadrinistas e Caricaturistas), graças a listagem que o Mikio me enviou, e nenhum me respondeu. Outro dado significativo é o fato do Franco ter, na época, anunciado a revista em sua coluna 'Quadrimania', em um jornal de São Paulo, e também daí não ter conseguido nenhum leitor. O mesmo aconteceu com PSIU Especial. Foi anunciado em diversas revistas, como 'Animal', 'Circo', 'Porrada', 'Calafrio', e na página de quadrinhos do Franco na 'Folha da Tarde' e também praticamente nenhum leitor novo veio daí. Primeira conclusão é que o anúncio de uma edição em publicações de grande tiragem não tem nenhum resultado prático. Para continuar essa análise da tiragem, vou antes dar um balanço completo das edições PSIU 1, 2, Especial e DEUS, até o momento. PSIU 1 vendeu 99 exemplares, 108 foram presenteados a amigos quadrinistas, a instituições culturais ou trocados por outros fanzines, e ainda teve 78 exemplares que foram enviados a pessoas que não se deram ao trabalho ao menos de agradecer. PSIU 2 vendeu 102 exemplares, 62 foram presenteados ou trocados por fanzines. Como esses dois números tiveram tiragem de 500 exemplares, ainda tenho muitos volumes deles. Um fator que fez com que a venda desses dois números fosse maior do que os especiais que se seguiram é que durante bom tempo eu os vendi a preço bem abaixo do preço de custo. O PSIU Especial vendeu 52 exemplares, 65 foram presenteados ou trocados e 25 foram enviados especificamente a editoras de quadrinhos. Desse especial possuo apenas uns poucos exemplares de resto. A tiragem teórica foi de 200 exemplares, mas na prática foi bem menos pois muitos exemplares vieram com defeito. DEUS teve uma tiragem teórica de 100 exemplares, sendo que 94 foram aproveitados. Foram vendidos 27 exemplares, 53 foram enviados aos colaboradores como retribuição ao material publicado, 8 foram trocados por outros fanzines, e 3 foram dados de presente. Restam apenas 3 exemplares, o meu e dois para serem enviados à Biblioteca Nacional. Conclusão: mesmo no caso de DEUS, que está esgotado, a tiragem está sendo bem superior ao número de exemplares vendidos. Eu não tenho muita ilusão de conseguir aumentar o número de leitores. Há muitos fatores que vão contra esse tipo de publicação que faço. Um deles, que acredito ter grande peso, é o fato do leitor, mesmo o que gosta do quadrinho brasileiro, ser comodista e não se dar ao trabalho de escrever para o editor e comprar a revista pelo correio. É muito mais prático passar por uma banca de revista e comprar uma que estiver à mão. Outro fator é que as revistas que faço, por serem em off set, no tamanho ofício, e com relativamente grande número de páginas, não são baratas. O preço relativamente ca-

ro dessas edições desanima bom número de possíveis compradores, mesmo sendo este preço, na maioria das vezes, abaixo do de custo. Não dá para comparar o preço com o de um fanzine de 20 páginas em formatinho. E o leitor opta quase sempre pelo de menor preço. Em DEUS usei o recurso de dividir a edição de 270 páginas em fascículos para facilitar a aquisição, mas não houve quase nenhuma vantagem nisso. Os que compraram, quase todos, adquiriram todos os fascículos de uma vez só. Não afasto a possibilidade de vir a fazer edições em formato menor e com menor número de páginas, a preço bem baixo, para atingir um maior número de leitores, mas por enquanto vou continuar insistindo nas edições que sejam verdadeiros almanques. Há ainda um outro fator que poderia ser a causa da baixa vendagem: a baixa qualidade da edição, ou seja, o leitor não compraria porque acharia ruim a publicação. Como sou suspeito para falar, evitarei comentar esse aspecto do problema. O fato concreto é que uma tiragem de 100 exemplares ainda é maior do que o número que consigo vender. Mas tiragem menor que 100, em off-set, não compensa para uma gráfica. Daí que esse é o número mais provável para a tiragem das próximas edições que eu organizar. Como pretendo que sejam edições com grande número de páginas, a previsão é que também vendam pouco. Mesmo com o prejuízo que isso me causa, tenho a intenção de continuar, dentro das possibilidades, editando grandes volumes, em formato e em quantidade de páginas. Acho que a emoção que um álbum ou almanaque causa, quando se tem um nas mãos, é algo tão grande - e indescritível - que compensa o sacrifício que é editá-lo. Gostaria de deixar bem claro aos leitores que fielmente me têm prestigiado, que, apesar de já ter passado por quase todos os infortúnios a que estão sujeitos os editores de fanzines e revistas independentes, ainda não desanimei, pelo contrário, estou com inúmeros projetos em vista e espero, aos poucos ir tornando-os realidade. Há uma consequência direta do alto custo das edições que publico. Não tem sentido publicar um trabalho apenas por publicar. É preciso que seja uma HQ suficientemente caprichada que compense o gasto que se tem para imprimi-la. Mantenho minha posição de publicar trabalho de todo e qualquer artista, mas acho que deve ser feita uma seleção baseada no critério de não publicar uma HQ que esteja abaixo da capacidade do artista que a produziu. Peço portanto a todos os amigos que me honrarem em mandar colaboração, que faça o melhor trabalho possível. O leitor de fanzine merece.

Para finalizar, gostaria de fazer uma pequena homenagem. Gostaria de agradecer de público e nominalmente os leitores que compraram todas as minhas edições. Talvez eu esteja até cometendo algumas injustiças pois há diversos leitores que compraram quase todas, outros que compraram a maioria e recebeu um de presente, e ainda outros que compraram uns números e os restantes trocaram por seus fanzines. Peço a esses antecipadamente desculpas. Também omitirei os que possuem todas minhas edições porque as receberam em troca das colaborações que me enviaram. Todos esses já tive oportunidade de agradecer em outras ocasiões, agora gostaria de modestamente homenagear aqueles que foram somente leitores, e não deixaram uma única vez de prestigiar minhas iniciativas. Muito obrigado aos amigos

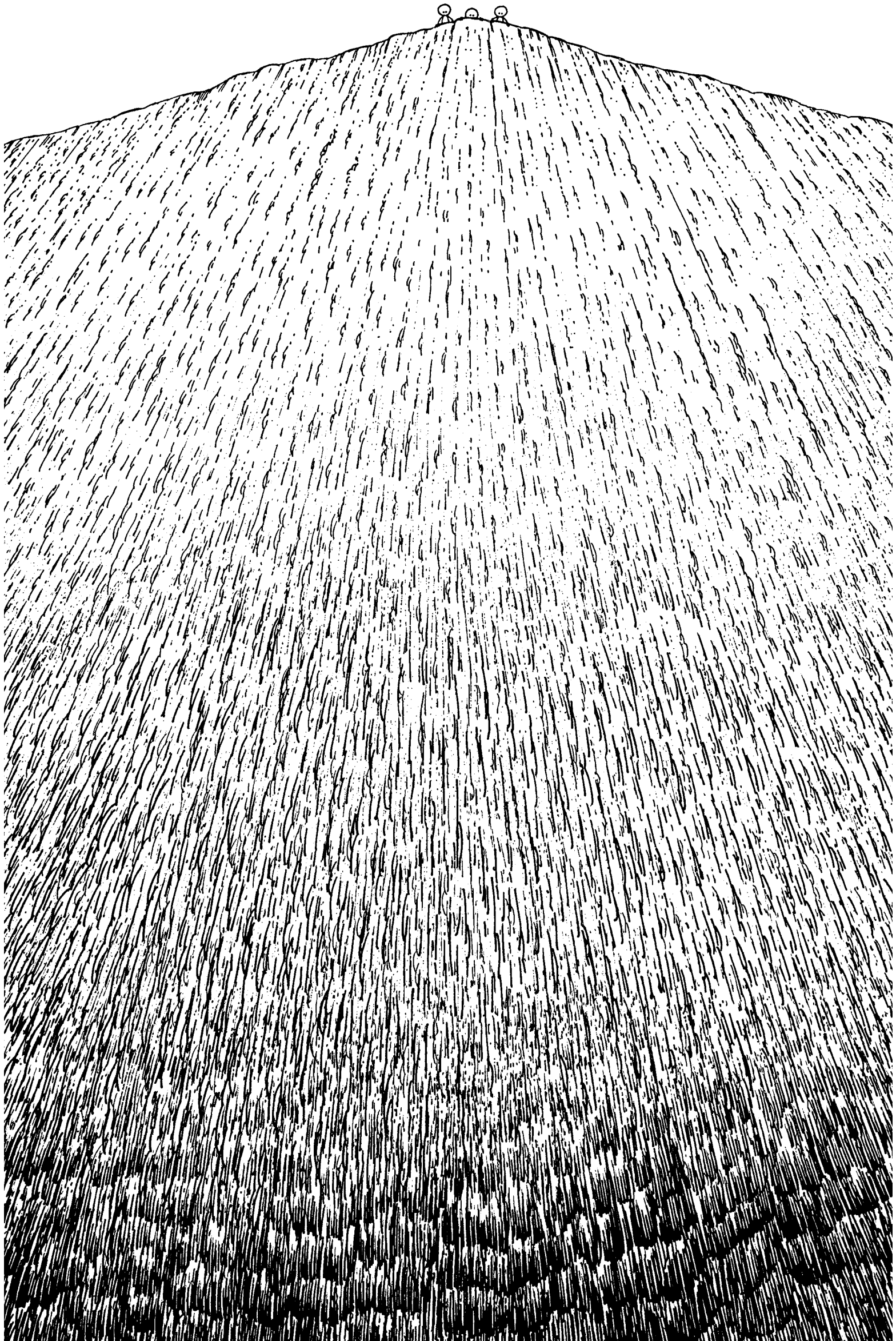
Alexandre Casacurta
Alexandre Hirota Moreira
Antonio Fernandes de Figueiredo e Sá
Guilherme Henrique Barbosa dos Santos
José Carlos Ribeiro
Luís Hermano Caldeira Spalding
Paulo Ricardo Abade Montenegro
Reginaldo Naves de Souza Lima
Sérgio Pires Ramos
Werner Müller Junior

Por enquanto é só, pessoal! PSIU encerra-se por aqui esperando ter cumprido seu objetivo. Continuo solicitando a colaboração de todos que acharem que vale a pena produzir HQs e publicá-las mesmo que em edições de pequena tiragem. Desde já agradeço aos que se animarem a me mandar trabalhos, prometendo fazer o possível para deixá-los impressos nas mãos dos leitores o mais rapidamente possível. aguardo notícias.

É isso aí,

EDGARD COUTINHO

That's all, Folks!!!



SYNDICATE!

